

Um rio de raízes e memórias

O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro e suas histórias de vida

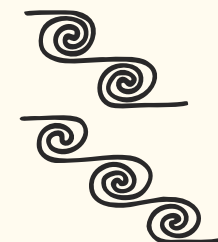


Um rio de raízes e memórias

O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro e suas histórias de vida

Um rio de raízes e memórias

O Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro e suas histórias de vida



Museu da Pessoa
2023

APRESENTAÇÃO

Este livro resulta do trabalho realizado em parceria pelo Instituto Museu da Pessoa e organizações indígenas do Rio Negro/AM: a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), a Coordenadoria das Associações Indígenas do Médio e Baixo Rio Negro (CAIBMRN) e a Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro (ACIMRN).

O **Museu da Pessoa** é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Desde a sua fundação, em 1991, o Museu da Pessoa é um espaço dedicado a transformar as histórias de toda e qualquer pessoa em patrimônio da humanidade. Ao longo de sua trajetória o Museu realizou cerca de 300 projetos de memória, que resultaram em 104 exposições físicas e virtuais, 109 publicações com edições de histórias de vida e 8 publicações sobre sua metodologia. Possui um acervo de cerca de 18 mil histórias de vida, 60 mil fotos e documentos digitalizados. Atua por meio de projetos e suas plataformas virtuais, que alcançaram, nos últimos três anos, um público estimado em 2 milhões de pessoas. O Museu da Pessoa sistematizou suas práticas para transformá-las em uma Tecnologia Social da Memória, visando garantir o direito que todo grupo tem de criar, preservar, disseminar as suas memórias como parte das narrativas históricas da sociedade.

A **FOIRN** representa os 23 povos indígenas do Rio Negro e articula ações em defesa dos direitos e do desenvolvimento sustentável de 750 comunidades indígenas nessa que é uma das regiões mais preservadas da Amazônia, na tríplice fronteira com Venezuela e Colômbia. Com sede em São Gabriel da Cachoeira (AM), considerado o município brasileiro mais indígena do Brasil, a FOIRN exerce governança sobre um vasto território, através de suas Coordenadorias Regionais como a CAIBMRN e das dezenas de associações locais a ela filiadas como a ACIMRN.

As ações que deram origem a este livro foram desenvolvidas no âmbito do projeto "Patrimônios Imateriais do Rio Negro", parte de um projeto maior do Museu da Pessoa denominado **Memória, Território e Patrimônios Imateriais**. O projeto, que conta com a parceria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tem como objetivo realizar ações de formação, mobilização, registro e disseminação de histórias de vida com detentores de patrimônios imateriais reconhecidos das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. Com isso, visa contribuir para a valorização e salvaguarda das memórias e histórias dessas pessoas, cujos saberes e fazeres dão vida e sentido a esses patrimônios. Em sua primeira fase, foram contemplados os dois patrimônios indígenas reconhecidos no Rio Negro: Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro e a Cachoeira de Iauaretê, ambos registrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

As histórias deste livro contam sobre modos de ser e se relacionar com o mundo que nutrem o solo onde cresce e frutifica o **Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro**. Elas foram registradas por jovens indígenas de comunidades do Médio Rio Negro junto a seus avôs e avós, mães e pais, tios, tias e outros parentes que, em suas trajetórias e vivências cotidianas, dão vida a esse solo. Estes jovens, integrantes do projeto, participaram de um processo formativo facilitado pelo Museu da Pessoa em que puderam desenvolver práticas de escuta e registro, preservação e socialização de histórias de vida, a partir do trabalho com a Tecnologia Social da Memória e de técnicas de audiovisual. A experiência destes jovens mostrou-se de suma importância para a memória local, resultando na concepção e organização deste livro, trechos das entrevistas de história de vida pré-selecionados por eles durante o processo formativo trazem a melodia das trajetórias individuais e coletivas vividas neste território. Os relatos em primeira pessoa, como são as histórias deste livro, não narram somente fatos e suas datas, eles revelam também sentimentos, afetos, desejos, sonhos e lutas.

Por fim, destacamos que este livro e todas as ações do projeto "Patrimônios Imateriais do Rio Negro" foram viabilizadas por meio da Lei de Incentivo à Cultura Pronac 204741 e patrocínio do Instituto Cultural Vale. O Instituto Cultural Vale atua pela salvaguarda dos bens culturais materiais, imateriais e das diversas manifestações culturais brasileiras, onde quer que estejam.





Jovem gravando imagens do Rio Negro durante primeira etapa do projeto na comunidade Piracema, 2022.

SUMÁRIO

Introdução

O Rio Negro e o Sistema Agrícola Tradicional: uma cosmovisão 10

A formação: um rio de memórias 14

Capítulo 1

A gente tem que cuidar, plantar e replantar: entre a infância e a roça, as raízes 24

Capítulo 2

Eu presenciei isso aí com meus parentes: os piaçabais e a escravidão, entre o passado e o presente 42

Capítulo 3

Vamos ter que demarcar terra: a força do movimento indígena 52

Capítulo 4

Foi fazer esse tal de cariamã lá pra dentro daquele rio: cerimônias e ritos de passagem 64

Capítulo 5

O benzedor já era doutor considerado: sobre partos, benzimentos e remédios 76

Capítulo 6

Qualquer mata que seja, tem que sempre fazer aquela tradição: parentes encantados e lugares sagrados 90

Capítulo 7

A natureza fortalecia tudo: o Rio Negro e seus habitantes 106

Os narradores e as narradoras do rio de raízes 118

Glossário 126

Siglário 130

TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO ALTO E MÉDIO RIO NEGRO – AMAZONAS



Área focal das ações do projeto no Médio Rio Negro

Área da ACIMRN

comunidades dos jovens participantes do projeto e dos moradores cujas histórias de vida estão retratadas neste livro

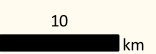
outras comunidades

população

- até 50
- 51 - 125
- 126 - 250

Projeção SIRGAS, 2000

Escala:



Fontes: base cartográfica, IBGE; Áreas Protegidas, ISA; abrangência das coordenadorias regionais e comunidades, ISA/FOIRN

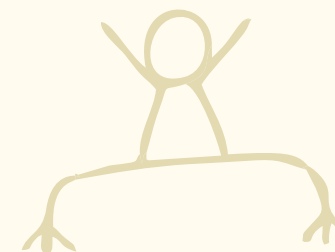
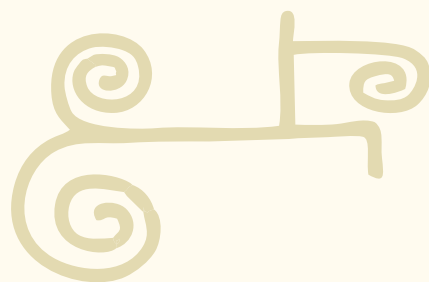
MAPA ELABORADO EM MARÇO DE 2023

INTRODUÇÃO

O Rio Negro e o Sistema Agrícola Tradicional: uma cosmovisão

A bacia do Rio Negro é uma das regiões mais preservadas e socioambientalmente diversas da Amazônia. Neste vasto território, cuja ocupação humana remonta há pelo menos 3 mil anos, convivem 23 povos indígenas, que falam idiomas pertencentes a quatro famílias linguísticas distintas: Aruak, Tukano, Naduhup e Yanomami. A maior parte da região é constituída por Terras Indígenas e também por Unidades de Conservação federal e estadual, formando um enorme mosaico de áreas protegidas. Em 2018, a bacia do Rio Negro foi reconhecida como a maior área úmida preservada do planeta dentro da Convenção Internacional que qualificou a região de Sítio Ramsar Rio Negro, no âmbito do Tratado intergovernamental que representa o primeiro dos tratados globais sobre conservação.

Ao longo do Rio Negro e seus afluentes, de seu baixo ao alto curso, existem mais de 700 comunidades indígenas. A maior parte dessas comunidades é multiétnica, onde convivem famílias de diversos povos que tradicionalmente se relacionam por meio de casamentos e outros intercâmbios. Apesar da opressão, violência e transformações drásticas vividas por esses povos ao longo da história colonial na região, as comunidades resistem e continuam a manter vivo aquilo que marca a identidade dos povos e dá sentido à existência individual e coletiva: o modo de vida atrelado ao rio, à floresta e ao manejo das roças; as relações e trocas interétnicas, as narrativas ancestrais; os benzimentos; o respeito com o território e todos os seres que nele habitam; a diversidade de línguas e suas expressões. Como nos conta Roberto Carlos Teles Paiva, morador do Médio Rio Negro e pertencente ao povo Tukano:



"Depois que inteirei 25 anos, eu vim a pensar novamente que deveria resgatar a minha cultura. Então, estou aqui, pra também poder conversar, eu tenho conversado com meus parentes que falam língua tukano, mesmo que eles não entendam um pouco o que eu falo no português agora, por causa que já aprendi o português também. Eu sei que ela não é minha língua, mas hoje praticamente tenho já estado também no meio da família baniwa, baré. Então, eu tenho hoje, praticamente, três culturas dentro da minha vida. Um pouquinho da cultura baniwa, um pouquinho da cultura baré. Entendo essas línguas. No passado eu não entendia, nem sabia como era falado, eu sei falar um pouquinho. Como disse o meu próprio sogro, ele diz que pelo menos já dá pra eu pedir um pouquinho de água, de outras coisas também. Então, tudo isso veio nessa história que nós estamos montando hoje."

É neste solo fértil que dois bens culturais e socioambientais do Rio Negro foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, entre os anos de 2005 e 2010: a Cachoeira das Onças, em Iauaretê, lugar sagrado dos povos do Rio Uaupés, no Alto Rio Negro; e o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, registrado em nome dos 23 povos indígenas da região. As histórias de vida apresentadas neste livro concentram-se na região do Médio Rio Negro, no município de Santa Isabel do Rio Negro, onde teve início o processo que resultou na patrimonialização do Sistema Agrícola. Ao registrar as memórias dos moradores de comunidades da região, pessoas que com suas vivências, aprendizados, saberes e fazeres dão vida a este patrimônio, encontramos narrativas que ampliam horizontes para a noção de Sistema Agrícola Tradicional. Carlos Nery Wai'khun, Piratapuia, liderança do Médio Rio Negro que esteve diretamente envolvido com o pedido de registro do Sistema Agrícola, nos ilumina o caminho ao afirmar que esse patrimônio cultural não deve ser reduzido às técnicas e modos de plantar e colher, mas sim compreendido como uma cadeia de conhecimentos, experiências e práticas vivas e mutáveis que estão associadas cotidianamente aos modos de ser e existir:

"Há uma cadeia de conhecimentos, de práticas que estão associadas e isso é uma evidência direta do impacto e exemplos que a gente tem do que a monocultura que a gente aprende na escola técnica, dentro da academia, vão contra os princípios de conhecimento da prática que nós temos. Uma área mecanizada, por exemplo, de tempo em tempo ela precisa de uma rotatividade de cultura, de tratamentos químicos pra sua regeneração. Na agricultura tradicional, a gente faz isso automaticamente, com uma prática que não agride a natureza. Muitos falam sobre a queimada, mas a queimada é parte de um ritual de preparação do solo. Não se queima por queimar, mas justamente pra estar fortalecendo, fortificando o solo, pra que de fato ele possa ter uma boa produtividade. Não se queima por querer aumentar área, mas queima para fins de produzir o sustento da sua própria família. Então, aí a gente começa a ver o diferencial da agricultura, do conhecimento, das técnicas dos povos indígenas, para diferenciar o que aprendemos dentro das escolas técnicas, das academias.

Quando a gente fala da cosmologia, são os conhecimentos intelectuais dos povos, dos saberes, dos conhecimentos intelectuais e espirituais, que envolvem a dimensão do conhecimento sobrenatural, digamos, dos encantados. E isso aí, esse conhecimento, não é pra qualquer um e qualquer tipo de pessoa. São pessoas que, de fato, têm uma preparação. Então, nesse âmbito, ele é bastante restrito a alguns conhecedores. Não é um conhecimento que é compartilhado igual como o conhecimento de se fazer uma peneira, um tipiti, um utensílio de roça. Então, esse conhecimento é compartilhado somente com as pessoas, de fato, que são destinadas ou preparadas pra exercer esse tipo de função e disseminação desse conhecimento dentro da presença, do âmbito dos seus parceiros conhecedores. O que é passado como um conhecimento ampliado são as regras e restrições de convivência e observância, para um bom, digamos, motivo de uma roça, por exemplo. Esses conhecimentos de regras, de vivências e de usos, de fazeres, de saber fazer, é que são compartilhados. Fora disso, são os sobrenaturais, espirituais e encantados que são utilizados, e isso é bastante restrito. E, com relação a isso, entram os rituais também que são vivenciados em diferentes momentos e aspectos. Digamos, vamos falar o que é mais aberto. Por exemplo: o ritual da colheita. A festa que se dá na colheita, através dos dabucuris. Esse é o mais geral entre os povos. Tem outros rituais de iniciação, de nascimento da criança, outros rituais que são mais restritos, mas o da colheita, que é o dabucuri, é mais amplo. Cada povo tem o seu modo de fazer.

Esse é um ritual, por exemplo, que foi bastante perseguido pela igreja e é, ainda, atualmente. Eu estou falando da igreja católica, mas

também, atualmente, é bastante perseguido pelas igrejas evangélicas. As igrejas evangélicas, hoje, proibem ainda, continuam proibindo, em alguns locais, a realização desses rituais festivos, até pelas comunidades indígenas. Ainda contrapondo o resgate que nós, movimento indígena, fazemos. São fatos que foram cometidos aos nossos antepassados. Os fatos, digamos, vivenciados, causados aos nossos antepassados fisicamente. Mais do que fisicamente, intelectualmente, espiritualmente, mexendo justamente na cosmologia dos povos indígenas do Rio Negro, a partir das suas intervenções nos rituais que aconteceram. Os 'caras' chegavam aí, jogavam bebida, quebravam utensílios, acabavam com as festas e rituais da colheita, principalmente. E a língua era proibida dentro dos internatos, escolas. Então, hoje, por exemplo: eu não sei falar piratapua, mas eu sou uma consequência do tipo de educação que foi preconizado na época, as igrejas sendo um meio da sociedade, do governo, na época, militar principalmente, servindo de um meio para os anseios deles de civilizar os índios. Tem muitos dos nossos parentes que ainda hoje lembram, dizendo: - Nós tínhamos aula de civilidade. Mas o que era essa aula de civilidade que eles pregavam naquele período? Era justamente a proibição dos rituais, de falar a língua e com isso impactar tudo, porque fazer um ritual é parte de uma corrente de conhecimento de vivência. Eu não posso interromper um ritual, que vai ter uma consequência lá na frente. E isso foi feito e ainda pelas igrejas evangélicas também, e isso contribui para o sumiço desses conhecimentos.

É isso que a gente espera hoje da sociedade, igualmente do Estado brasileiro, pra que, de fato, respeitem, mas que esse respeito não venha só nos discursos pré-eleitorais, principalmente pelos políticos, mas com ações, sejam elas políticas, em leis, ou sejam elas na execução prática principalmente, que a gente quer ver como resultado. Só aí, sim, a gente vai dizer: - O Estado brasileiro e as igrejas estão pedindo perdão, estão se redimindo dos seus atos. Enquanto não fizerem isso, vão continuar, sim, com dívida e ainda maltratando, explorando, dizimando os costumes e conhecimentos dos povos indígenas do Brasil, não só aqui, no Alto do Rio."

É a partir dessa noção abrangente de Sistema Agrícola Tradicional que encontramos com as histórias de vida apresentadas neste livro. Histórias de pessoas que estabelecem laços de parentesco profundos com o rio e cujas mãos carregam conhecimentos ancestrais de benzimentos, partos, beijos, tipitis e aturás; mãos que manejam a mata há milênios e garantem com esse gesto a manutenção e a diversidade da floresta amazônica.

A formação: um rio de memórias

O gesto de escutar, registrar e compartilhar nossas histórias de vida permite a oportunidade da autopercepção e a ampliação do nosso processo histórico. A manutenção de nossas identidades depende da existência de nosso passado e garante a diversidade de nossas poéticas sobre a existência.

A experiência aqui registrada marca a formação realizada pelo Instituto Museu da Pessoa com jovens dos povos Baré, Baniwa, Tukano e Kuripako do Médio Rio Negro entre os meses de setembro a dezembro de 2022. Na primeira fase nos dedicamos a estudar a TSM - Tecnologia Social da Memória que inclui três etapas fundamentais complementares: construir, organizar e socializar histórias. Ainda nesta fase adentramos aulas de audiovisual onde os participantes tiveram contato com técnicas de gravação e edição de vídeos. Na segunda fase aprofundamos na escuta e na edição dos materiais registrados através das entrevistas com anciões e anciãs realizadas pelos jovens do projeto. A experiência vivida pelo grupo foi gerida pelo afeto, nestes encontros partilhamos: conhecimentos, alimentos, contos tradicionais, cantos e danças. Não evitamos expressar sentimentos conflitantes que resultam da coragem daqueles que encaram o passado e aceitam ressignificar aquilo que ficou sufocado pelo esquecimento. Todos esses atravessamentos foram de tamanha



Roda de histórias realizada entre participantes do projeto durante a primeira etapa de formação, comunidade Piracema.



potência que nos impeliu o desejo de registrar o vivido através deste livro que deságua num rio de memórias.

Sentados em roda em sala de aula, na beira rio ou debaixo de árvores dialogamos sobre a memória e o esquecimento. Lembrar é conhecer e conhecer é um ato político, uma pessoa sem passado é uma pessoa sem futuro. O que não é lembrado não tem existência por isso mesmo pode ser aniquilado, por isso o exercício de desenterrar o passado pode significar luta, resistência e valorização cultural. Sobretudo é um processo de integração identitária que não escapa de aproximar perguntas como: quem sou eu e de onde eu venho? Em nosso processo de formação não foi difícil aproximar a memória da imagem de uma flecha que ao ser puxada para trás e lançada no horizonte une o passado, presente e futuro, um futuro conduzido pelas próprias mãos que esticam o arco indicando uma identidade ancestral.

Se o esquecimento foi – e ainda é – uma arma política colonial, lembrar e narrar é uma insurgência vital às políticas de reexistência. A organização e o registro de nossas memórias construídas no presente garantem que uma pessoa seja um indivíduo coletivo fortalecido pela sua própria história. Em nossos encontros, ter a presença de Carlos Nery Wai'khun do povo Piratapua e grande liderança do Rio Negro, foi central para os nossos aprofundamentos, ele quem ressalta a importância do registro dessas memórias rionegrinas:

“Os desafios que nós temos hoje frente a globalização, tem influenciado bastante a cultura dos 23 povos indígenas, aqui na região. Se entendermos a complexidade das instituições do Estado brasileiro, da sociedade brasileira e a nossa região do Rio Negro, vamos ver que o Rio Negro concentra a maior diversidade de povos. Nós vemos o estado do Amazonas, que é a maior diversidade de povos dos estados do Brasil, aí nós vamos pra Amazônia, sendo a maior região de concentração de diversidade de povos. Essa complexidade dificulta o entendimento do Estado brasileiro, da sociedade brasileira, com relação ao direito de cada povo. Aí muitas vezes, unificam o índio dentro de uma ‘caixinha’ só, e isso é muito ruim pra nós, povos. Nós não queremos ser tratados como únicos, nós queremos ser tratados como povos”.

Na primeira fase da formação ancorada pela Tecnologia Social da Memória construímos o sentido da memória, criamos um mapeamento das memórias que iríamos recolher. Nossa escolha foi seguir o rastro da "Cobra Canoa": uma narrativa compartilhada por vários povos da região que narra o surgimento dos ancestrais e sua chegada aos territórios do Rio Negro. A "Cobra da Transformação", como também é conhecida essa narrativa tradicional, foi a linha do tempo para nos debruçarmos na relação entre pessoas e comunidades observando que as dimensões da memória não acontecem de forma independente e sim na relação com a ancestralidade e território. Buscamos responder as perguntas: Por que queremos registrar essas memórias? Para que queremos construir esta história? Onde está nossa memória? Para quem queremos contar nossa história? Quem são as pessoas que gostaríamos de entrevistar? Guiados pela Cobra Canoa traçamos o início de nossa jornada.

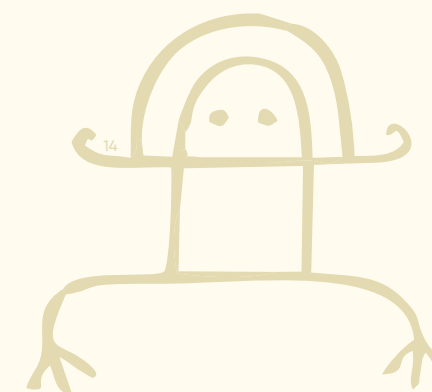
Depois de mapeadas as comunidades a partir dos locais que residem os jovens do grupo, a formação adensou para o estudo da entrevista de histórias de vida, onde compreendemos que o mais importante nessa experiência é realizar uma conexão com a pessoa entrevistada disponibilizando-se a uma escuta atenta e interessada. Toda entrevista de história de vida necessita ser cuidada e pensada e para isso elabora-se um roteiro que serve como um guia para o momento da entrevista. Para a preparação das entrevistas criamos um roteiro intitulado "a árvore da pessoa". Organizamos nosso roteiro de perguntas seguindo esse modelo: as raízes ancestrais e a infância, seus galhos que contam dos afazeres e saberes cotidianos, as flores da história e os frutos que brotam de sua memória. O tronco que sustenta uma pessoa está relacionado com a sua identidade e suas sementes são oferecidas para plantar futuros.



Buscando o "sentido da memória" durante a primeira etapa de formação com os jovens do Médio Rio Negro, comunidade de Piracema.

Nos despedimos da primeira fase de nosso encontro, mas os jovens continuaram a produção do trabalho divididos em duplas onde entrevistaram e registraram em vídeos 25 histórias de vida de anciões e anciãs moradores de comunidades do Médio Rio Negro. Foram entrevistados pescadores, lideranças indígenas, parteiras, agricultores, rezadores, pessoas repletas de conhecimentos dos povos Baré, Baniwa, Desano, Tukano, Piratapuaia e Kuripako. Já na segunda fase de nossa formação pudemos assistir às entrevistas gravadas pelo grupo, um momento fundamental para nosso processo. Jovens que se conectaram com anciões e anciãs de seus povos e essa escuta intergeracional provocou um grande impacto no grupo. Sentimentos de assombro, desejo de denúncia e desejo de resgate cultural, foram palavras muitas vezes repetidas. Da riqueza dessa experiência apareceu a tensão entre identidade e memória através de profundas reflexões feitas pelo grupo e tornou-se um ponto crucial para nossa experiência. Decidimos então registrar esse momento e trazer essas reflexões para o livro, através dos textos intitulados "Quem escuta, sente". Consideramos que essa experiência de refletir o vivido é um dos momentos mais potentes de nosso processo formativo, é como segurar nas mãos as sementes ofertadas pela "árvore da pessoa", ou nas palavras de Juscelino Joaquim Gregório, jovem do povo Baniwa participante do projeto:

"Nosso trabalho, nosso desafio hoje com o tema do nosso encontro aqui é o resgate da nossa cultura, da cultura dos nossos avós, dos que vieram antes. A presença de um ancião, a sua fala pra gente é muito importante, vai servir pra nós nesse momento aqui de resgate de quem nós somos, então a gente só tem mesmo que agradecer".



Nessa fase de nosso processo de organizar e editar as histórias para socializá-las, fizemos o exercício de aproximar as pessoas entrevistadas de uma imagem perguntando aos jovens "se seu entrevistado/a fosse uma imagem, qual ele/a seria?". O intuito aqui é a ampliação dos sentidos sobre a memória que viveu uma pessoa. Nas narrativas deste livro, é possível observar as imagens escolhidas pelo grupo. Em nosso último encontro, escrevemos os nomes de todo o grupo e o nome das pessoas entrevistadas em folhas de árvores e as entregamos ao grande rio, para que as águas carreguem nossas histórias nas memórias de suas correntezas. Por fim, resta afirmar que, a perspectiva deste trabalho é a do encontro, em que consideramos as diferenças entre os mundos indígena e não indígena. Não se trata de abolir as diferenças entre culturas, mas sim de buscar conexões que possam estabelecer um diálogo não apenas entre áreas do conhecimento, mas entre mundos vivos. Ou, nas palavras de Leôncio Nely Bosco do povo Baré:

"Hoje eu desafio muitos professores. Podia dizer: professora, a senhora é formada, tem muito estudo e conhecimento, mas o meu conhecimento é diferente. Por exemplo: o que a senhora sabe talvez eu não sei. Então, nós vamos começar a sentar, você vai aprender comigo e eu vou aprender com você. É uma partilha, que você vai ensinar o que sabe e eu vou ensinar o que eu sei".

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi, mas sim apoderar-se de uma memória tal como ela pulsa no nosso presente. Essa articulação entre ancestralidade e atualidade, memória e esquecimento, é base para navegarmos pelas águas negras desse rio. Assim, convidamos as leitoras e os leitores deste livro a mergulharem nas funduras dessas histórias de vida envoltas no mais extenso rio de águas negras do mundo: Um rio de raízes e memórias.

Torna-se importante ressaltar que os participantes deste projeto são também coautores deste livro na medida em que registraram, organizaram e socializaram as histórias de vida que o compõem. Apresentamos os Guardiões da Memória, formandos e coautores deste livro:



Entregando os nomes de todas as pessoas envolvidas no projeto para que o rio guarde nossas histórias.

GUARDIÕES DA MEMÓRIA: JOVENS DO PROJETO NO MÉDIO RIO NEGRO



Ademar Idalino Baré: agricultor e conhecedor das técnicas do Sistema Agrícola do Médio Rio Negro, é conhecedor e tradutor da língua nheengatu, guardião de diversas tradições, como encantos, cerimônias e lugares sagrados. Nasceu em 1989 e reside na comunidade Jerusalém.



Adrielle Costa da Silva Tukano: formanda do ensino médio e da área de audiovisual, tem muito interesse por filmagem e edição. Engajada na manutenção das tradições de seu povo, nasceu em 2006 e reside na comunidade Areal.



Cleucimara Menezes Leal Baré: trabalhadora da roça e conhecedora das técnicas do Sistema Agrícola e das variedades de maniva. Preserva as tradições orais de seu povo narrando histórias de encantos e lugares sagrados. Nasceu em 2002 e reside na comunidade Iaha. Esteve envolvida na primeira etapa da formação e realização das entrevistas.



Edinéia Ventura Cipriano Baré: possui o ensino médio completo, é conhecedora da língua nheengatu, a qual preserva. Conhece diversos remédios tradicionais e rezas de sua região, nasceu em 1997 na comunidade Juta, onde reside até hoje.



Efrain Bernardo Pedro Kuripako: trabalhador da agricultura tradicional e conhecedor das tradições de seu povo, como formas de plantio e a diversidade de manivas de sua região. Nasceu em 1994 e reside na comunidade Piracema. Esteve envolvido na primeira etapa da formação e realização das entrevistas.



Eliton Sabino Pancrácio Baré: trabalha na agricultura e no movimento indígena do Médio Rio Negro. É conhecedor de diversos medicamentos e rezas de seu povo. Nasceu em 2000 e reside na comunidade Boa Vista.



Everaldo da Silva Joanico Baniwa: trabalha na área de "comunicação indígena", sendo representante desta área em sua comunidade. Possui o ensino médio completo e é envolvido no resgate cultural de seu povo. Nasceu em 2001 e reside na comunidade Acariquara.



Juscelino Joaquim Gregório Baniwa: agricultor e conhecedor das tradições de seu povo, como formas de plantio, rezas e encantos, os quais compartilha com muito orgulho, lutando pela manutenção de sua cultura. Tem o ensino médio completo, nasceu em 1995 e reside na comunidade Açaituba.





Luciano Melgueiro Baniwa: agricultor e conhecedor das técnicas do Sistema Agrícola do Médio Rio Negro, engajado com o movimento indígena e com a manutenção das tradições de seu povo. Nasceu em 1991 e é morador da comunidade Cartucho.



Marcos Zedan Catarini Baré: engajado no movimento indígena do Médio Rio Negro, organiza e integra diversas ações junto com a FOIRN. Possui o ensino médio completo, nasceu em 2004 e reside em Santa Isabel do Rio Negro.



Marlison Crecêncio Severino Tukano: trabalhador da agricultura tradicional e conhecedor das técnicas do Sistema Agrícola, possui formação escolar completa e é integrante do movimento indígena do Rio Negro. Nasceu em 1997 e reside na comunidade Ilhinha.



Rogério Xavier Emitério Baniwa: engajado no movimento indígena desde 2017 como pesquisador do ISA, atual diretor tesoureiro da Acir. Eleito atual presidente do Condisi (Pólo Massarabi). É também comunicador da Rede Wayuri e Aima. Nasceu em 1988 e mora na comunidade Cartucho.



Shayra Cruz Rodrigues Baré: estudante de gestão da tecnologia da informação e comunicadora, faz parte da Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro. Possui ensino médio completo e é engajada no movimento Indígena do Rio Negro. Nasceu em 2003 e reside na cidade de Santa Isabel do Rio Negro.



Sayane da Silva Chagas Baré: estudante de informática e trabalhadora da agricultura tradicional, onde conheceu diversos saberes agrícolas com sua avó. Tem o ensino médio completo. Nasceu em 2005 e reside na comunidade Iaha.



Rariton Horácio de Souza Baré: faz parte da Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas e integra a luta do movimento no Médio Rio Negro já há alguns anos. É do povo Baré, nasceu em 1999 e reside na cidade de Santa Isabel do Rio Negro.





Capítulo 1

A gente tem que cuidar, plantar e replantar: entre a infância e a roça, as raízes

Abrimos nosso encontro saudando os que vieram antes de nós e que permanecem vivas e vivos em cada uma das narrativas deste livro. Os que vieram antes de nós reverberam ainda hoje em nossas trajetórias, em nossos corpos, em nossos gestos e em nossa voz, num movimento vivo e contínuo que conserva o passado dentro do presente e introduz o presente no futuro.

Uma pessoa sem tradição é como um pássaro sem ninho, que voa e não tem para onde voltar. Contra a ameaça do esquecimento uma constelação de gentes interage aqui. Nestas histórias, ninguém caminha só, cada pessoa carrega a sua herança tradicional: avós, mães, pais, bisavós, árvores, onça, estrelas e outros seres são a base dos modos de ser e estar no mundo. Pessoas que cresceram escutando histórias que narram acontecimentos ainda rarefeitos na literatura e ausentes nas narrativas oficiais. Nas comunidades indígenas do Rio Negro, uma pessoa começa a ser constituída lá atrás, junto com o manejo de uma roça, na preparação de um beiju, em cerimônias, na pesca, em benzimentos, em sonhos e nos aconselhamentos ancestrais.

Como nos conta André Agostinho Tukano: "Meu neto, aqui funciona assim: o mato tem dono. A gente não pode usar e abusar". Escrever não é superior a aprender a nadar, pescar, plantar, caçar: tudo é sagrado, como a concepção da vida. São estes gestos cotidianos que revelam a memória de uma longa jornada de experiência humana enraizada em um território-morada. No caso das histórias deste livro, o solo fértil do Rio Negro.



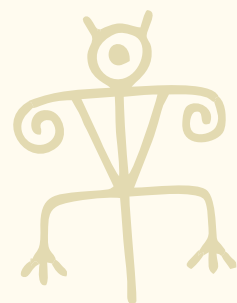
“Eu sempre tenho lembrança da minha vó, muita, porque hoje o que eu sei foi ela quem me ensinou”

Ivânia Melgueiro Baltazar – povo Baré

Eu sempre convivi com minha vó, que é a mãe da minha mãe. Ela foi uma avó pra mim que me orientou e, se hoje eu falo a língua geral, não foi com minha mãe nem com meu pai que eu aprendi, eu aprendi; foi com minha vó. Tudo que eu aprendi foi dela; desde quando eu era criança a minha vó contava as histórias dela, como era antigamente. Ela sempre repassava as coisas

pra mim: “Minha neta, hoje você é uma criança, você precisa saber o que mais tarde você vai ser”. Eu fui crescendo. Quando eu era criança, não pensava em nada, só de brincar, mesmo. Eu brincava muito de boneca, que minha vó costurava; ela dizia: “Minha neta, hoje eu vou costurar essa boneca pra você brincar”, e eu brincava com essas bonecas que ela costurava. Aí fui crescendo, fui crescendo... com o tempo ela disse: “Hoje, minha neta, você não é mais criança. Hoje você está ficando a parte, já, de ficar moça. Então, você já precisa aprender várias coisas, que um dia, quando você tiver seu marido, pra sua sogra, seu sogro não brigarem com você e você sair daqui de casa aprendendo pouca coisa”. Ela sempre me orientava e com ela eu fui aprendendo.

Quando eu me formei, ela me deu conselho, me mandou sentar, me trouxe agulha, pano e disse: “Hoje, minha neta, você está se formando e você vai sentar em um banco”. É um banco que eles fazem, de molongó, ela me mandou sentar e disse pra mim: “Hoje eu vou te dar conselho e essa agulha com esse pano, pra você daqui mais tarde aprender a costurar roupas dos seus filhos e a sua. E daqui mais tarde, minha neta, eu não quero você mexendo na lata de farinha da sua sogra, do seu sogro e nem da sua mãe. Então, por isso hoje eu vou falar pra ti. Hoje tu já é moça. Tu não é mais uma criança, não. Hoje você precisa lavar suas vasilhas, ir pra roça, fazer trabalho de roça e saber coisa boa e coisa ruim”. Eu estava com uns 18 anos quando a minha vó faleceu, eu sempre tenho lembrança da minha vó, porque hoje o que eu sei foi ela quem me ensinou.



“Eles não sabiam ler, escrever, mas já sabiam de tudo”

Donata Bastita Bezerra – povo Baré

Eu tinha mais ou menos uns seis anos de idade, meus pais trabalhavam muito em sorva, seringa, cipó e me deixavam com meus avós em casa. Aí, como a escola ficava longe, me “botaram” pra morar com a professora, só que eu sentia muita saudade, é claro. Meu pai me deixou bastante “rancho”, algumas coisas que é pra comer, beber, e isso eu não esqueci. Passou um ano e eu tinha seis anos de idade e não fiquei mais lá, fiquei com a minha vó mesmo. Tinha um rapazinho lá que ia até a escola e eu ia na popa dele, ele remava e eu na canoa, eu estudava e voltava pra casa.

Os meus avós eram velhinhos e ainda trabalhavam muito na roça. Eu era pequena e os ajudava a trabalhar. Diziam: “Vai dar verão hoje”. Já sabiam de tudo, tudo, parece que já estudaram. Eles não sabiam ler, escrever, mas já sabiam de tudo, tinham totalmente uma prática na vivência deles, diziam: “Olha, vai dar verão e vamos fazer roça”. Não era roça pequenininha, não. Era de duzentos, cem metros quadrados, isso era a nossa produção; eles trabalhavam e eu ajudava pra poder sustentar a nossa família. Faziam dez alqueires de farinha e mandavam para os patrões. Era dessa forma que eu vivia com os meus avós.



Quem escuta, sente:

Me emociono quando escuto isso e me faz recordar dos meus parentes, dos meus ancestrais.

Eliton Sabino Pancrácio – povo Baré



"Então, eu tive essa infância muito farta"

Erivaldo de Paula Pancrácio – povo Baré

Nós, por exemplo, no igarapé, criamos as nossas artes. Às vezes tinha um pau grande e tinha cipó; chegava, amarrava pau no cipó e pisava nele. Quando chegava no meio do igarapé, tinha que saltar e caía na água. Então, essa brincadeira nós tínhamos muito. Ou então subia na árvore lá de cima, se jogava pra dentro do igarapé. Enquanto isso, minha vó preparava a

nossa comida, que às vezes era só fruta. Hoje, nossos filhos não comem essas frutas. Cunuri por exemplo, meus filhos nunca mais vão comer. A gente apanhava, esquentava como esquentava o açaí, deixava de molho três dias na água, pra sair o óleo, depois de três dias tirava, fazia quase como uma farofa, praticamente era igual uma fruta-pão, a massa dele. Então, nós tomávamos café: cunuri, piquiá. Tinha outras frutas: ovinho do açaí, patauá, fruta de sorva, sorvão, sorvinha, ovinho da tulia, do uapixuna da terra firme, comia o muruxi da terra firme, caçari da terra firme. Moela de inambu, pé de jacaré, que eles falam. Praticamente essas eram as frutas que sustentavam a gente. Nós tínhamos merenda de manhã, tomávamos o mingau com ovinho do açaí, ou da bacaba,



Menino atravessando o Rio Negro de canoa, imagem captada pela câmera dos Guardiões da Memória.

difícilmente tomava o café, era mais o mingau mesmo. Aí, como sempre dizia: às vezes tinha o moqueado, minha avó desfiava e fazia aquela farofa pra gente, da carne da caça. Era de porco, de paca. Na minha infância, eu comi pouco peixe, comia mais caça que meu avô matava: porquinho, queixada, jacu, paca, aves. Então, eu tive essa infância muito farta, na alimentação de frutas e caça.

Convivíamos num lugar grande, existia um barracão desse tamanho e não era cercado, então limpávamos o terreiro pra brincar de casinha, de fazer nossos brinquedos, a gente fazia as nossas bolas de molongó, ou então nós brincávamos de fazer banquinho de molongó. Essas coisas de fazer um com o outro esses brinquedos pra gente, porque não existia brinquedo pra nós. Não tinha carrinho, as meninas não tinham panelinha, bonecas, então às vezes nós mesmos que sentávamos e ficávamos fazendo. Molongó de jasmim, que é a madeira mais mole que tinha, pra fazer os brinquedos.

Já na minha adolescência, eu voltava das férias, vinha pra aqui, dificilmente eu saía pra ir pra outros lugares, pra festa. Era difícil. Eu tinha que ir pra selva, trabalhar, tirar uma castanha, cipó, já com uns 14, 15, 16 anos, que era pra eu comprar meu material, pra eu estudar na cidade. E hoje eu digo pros meus filhos: "Hoje vocês têm um suquinho, um café, uma bolacha, um bolinho às vezes frito, mas papai nunca teve isso". Acho que por isso também eu digo que certas coisas que eu compro pros meus filhos eu não faço muita questão, porque eu tive pouco contato com esses produtos. E hoje eles não, já querem chegar na cidade, querem sorvete, aquilo e isso. Pra mim, se eu comer alguma comida, não faz diferença, porque, como eu falei pra eles, eu não tive muito contato com esses produtos de hoje, mas a vida é assim.

Quem escuta, sente:

E, sobre a agricultura, pra mim é muito bom que eu sei um pouco disso também. Eu sei como trabalha no sistema agrícola, que não é muito fácil, uma vez que a gente tem roça pra outro lado do rio; ninguém sabe o que a gente passa, principalmente homem que sofre pra fazer uma roça, que precisa derrubar aqueles paus enormes. Então isso é valorização do nosso trabalho.

Luciano Melgueiro – povo Baniwa



"Minha filha acorda e vai tomar banho e fazer mingau no fogo com lenha"

Lindalva Luciano Camico – povo Baré

Para mim, a infância não existiu, pois minha mãe me criou de forma muito rígida, só me levava para a roça. Chegava na roça pra raspar mandioca, buscar água, ir buscar lenha, lavar coisas na beira do rio. A noite ficava trancada em casa, não podia sair pra passear pra lá e pra cá, minha finada mãe me criou na rigidez. Íamos para a roça remando, e a mandioca, não

ralávamos no ralador, mas sim no ralo mesmo – veja como está minhas mãos aqui de tanto ralar mandioca. Minha mãe raspava e eu com ralo perto dela, somente com ralo, não tínhamos ralador e nem rabeta, nossa rabeta é remo.

Das manivas da roça, o aracu, o solimão, o tucumã e yurará são as manivas que eu conheço, as minhas manivas. Aracu maniva leva uns oito meses pra crescer, depois já pode ser arrancado; maniva de buriti leva de um ano a dois anos para poder arrancar. Para mim, essa que estou raspando agora é muito difícil. E, para fazer comida aqui, não é com fogão, é com lenha, e era assim toda tarde com minha mãe também. "Filha vai buscar lenha para nós", não tinha vôlei, não tinha futebol ou celular pra sentar e mexer, era sempre "minha filha acorda, e vai tomar banho e fazer mingau com a lenha", eu ia e voltava com o feixe de lenha na cabeça. Quando dava madrugada, eu escutava: "Minha filha, acorda para fazer fogo", e foi assim que minha mãe me criou.

Quem escuta, sente:

Eu acho que, com o trabalho que a gente está fazendo a gente vai criar uma visão pros mais novos, porque a gente já vem perdendo há muitos anos os que sabiam mais sobre o que hoje a gente tem. A gente não perdeu tudo, mas, sim, já estão algumas coisas esquecidas que eram dos nossos antepassados, coisas nossas. Mas eu pretendo, nessa visão que a gente está fazendo agora, eu pretendo criar e compartilhar uma visão pros jovens, que a gente não deixe que isso acabe, isso é da cultura da gente. Que a gente não tenha vergonha de dizer quem foram os nossos antepassados e também de onde nós viemos, o que nós somos e, sim, nós podemos ajudar uns aos outros.

Marlison Crecêncio Severino – povo Tukano

"Então, para todos os filhos ele passou essa formação que ele aprendeu"

Percílio Camico – povo Baré

Conheço nossos avós e como era a vivência deles, muito diferente do que é a nossa vida agora. Eu cheguei a conhecer nossos avós, eram muito pobres mesmo. Não sabiam nem falar outra língua, só falavam a linguagem deles, mesmo. Eu cheguei a ver ainda a vivência deles, eu sou pajé. Com eles não tinham casamento e quase nada que existe agora pra nós. Existia, mas era de outra forma, e eles tinham amor com qualquer pessoa. Eles recebiam a pessoa. Eles não usavam armas como nós; usavam flecha, zarabatana com veneno, que mata qualquer tamanho do homem, ou animais. Esse veneno que fabrica para a zarabatana aqui não existe, mas lá pro Rio Içana que tem esse cipó que [ele] preparava o veneno, com a zarabatana não tem zoadá. Quando chegavam em casa, só carregavam os animais, pássaros que eles matavam. Então, para todos os filhos, passavam essa formação que aprenderam, passou para o neto, para outra pessoa saber fazer esse veneno e usar como eles faziam, pra poder viver. Eu cheguei a ver como derrubavam as madeiras; não era como nós hoje derrubamos pra fazer a nossa roça. Não tinha ferro, então derrubavam com uma pedra em forma de machado que eles mesmos faziam, amarrava e ia batendo.

O pajé deles...é como o nosso; eu sou um pastor, eu sei fazer alguma coisa na minha vida, eu oro com Deus, faço aquela oração que fiz com ele, mas a oração dele era de pajé. Nessa hora, eles estariam lá fora, olhando pra cima, não sei bem pra onde, mas estariam ancorando as doenças para ajudar alguma pessoa. Isso eu cheguei a ver. E pra eles não existia comunidade, existia mais o sítio pra beira; bastava que tivesse um igarapé para que eles pudessem tomar banho. Também cheguei a ver meu finado avô caçando no mato. Posso contar isso, né? Quando chegava em um mato, ele já tinha uma roupazinha, mas era a única roupa que ele tinha. E se molhar como é que vai dormir? Então, tinha que tirar a roupinha, embrulhava numa folha, guardava pra hora de volta. A cueca dele, ele tirava uma folha comprida, não existe por aqui, pra fazer de cueca, pra correr atrás da queixada com flecha. Era sim, com isso nossos avós viviam.





"É isso que aprendi com eles e eu não deixo acabar"

Enedina Ventura – povo Baré

Quando eu era criança, era a única menina em meio aos meus irmãos. Minha mãe comprou uma boneca para mim e com ela eu ficava brincando, fazia redezinha, como se fosse uma criança, igual como fazia a minha mãe; eu fazia o mesmo com a boneca, imaginando que era meu filho. Minha vida era isso, ficar embalando meu filho, que era minha boneca.

Meu pai contou a história do japim pra mim. Depois ele atirou para matar o pássaro com espingarda ou com estilingue. Quando caiu no chão, ele cortou a ponta da língua e o miolo do pássaro, e eu engoli, isso serve para nós sabermos conversar, para sabermos pensar, para sabermos de tudo e para nunca esquecer.

É isso que aprendi com eles e eu não deixo acabar, não deixo a minha língua acabar, porque minha mãe me criou falando a sua língua, meu pai também fala nheengatu, por isso eu não posso deixar de falar. Assim eu crio os meus filhos, falando em nheengatu, e eles me respondem com a língua dos brancos, mas eles entendem o que estou falando. Aí minha filha me falou: "Mamãe você não pode me ralhar na sua língua, porque eu entendo sua língua". Por isso não tem como falar algo, pois ela entende o que estou dizendo.

Quem escuta, sente:

É assim, porque a minha avó, quando ainda estava viva, ela falava muito nheengatu, não falava português e, pra gente falar com ela, tinha que falar na gíria que a gente fala aqui, com ela que eu aprendi mais a falar. Eu só não falo porque eu não tenho ninguém pra falar comigo, mas eu falo. Como mamãe era filha dela e ela fala muito bem, ela não falava bem português; se fosse falar em português, ela não ia entender, tinha que falar com ela em nheengatu mesmo, e foi o que eu aprendi, eu falo até hoje. Então, minha mãe, por esse lado, como ela falou na entrevista: ela nunca vai deixar de falar o nheengatu. Eu acho que é por aí e por isso que sempre ela fala pra gente: "Vocês, hoje em dia, querem falar português, mas nossa gíria é essa". Então, eu acho que, pra gente, falando da minha mãe, que até eu nunca vou deixar de falar o que eu aprendi. Eu não tenho vergonha da minha própria língua e eu agradeço muito a minha mãe por ela estar até hoje falando e não ter vergonha da nossa própria língua.

Edinéia Ventura Cipriano – povo Baré

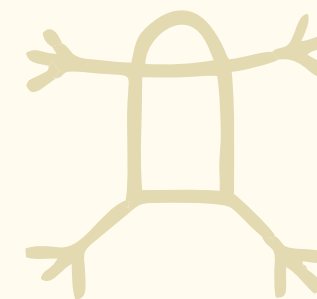
"Minha mãe ensinava só assim, na roça, mesmo"

Orlanda Pereira Mesquita Maia – povo Baré

Meu pai nunca ficava perto da gente, não. Vivia trabalhando. Só a gente que ficava em casa, cuidando de roça. Dois, três, quatro meses, aí que ele baixava, pra vir ver a gente. Mamãe pescava, colocava pro lado de noite. Quando estava grande, ela colocava espinhudinho, pegava pacu. Ela fazia quinhapira, tinha caruru do mato, da roça mesmo. Ela chegava, escaldava e ia embora pescar, pra "botar" dentro do peixe, do caruru dela, pra gente comer com castanha.

Minha mãe ensinava só assim, na roça, mesmo. Só trabalho de roça que ela me ensinava. Ela falava assim: "O dia que tu tiver marido não fica 'puxando' roça, que é duro o pau; dá para o homem derrubar o pau. A gente tem que cuidar, plantar e replantar roça, não ficar puxando", minha mãe falava pra mim. Você vê que minha mãe dava conselhos pra mim, antigamente. Eu falo agora pros meus filhos, mas meus filhos não ouvem, não querem saber, não. Às vezes não têm nem roça pra comer.

Eu trabalhava e até hoje eu trabalho na roça. Eu conheço algumas manivas que minha mãe me ensinou, me mostrou. A maniva amarela, mas tem um nome, né. Tem paca, açai, aruanã, tatu, pupunha, abiu, tinha dawiru, tinha mucura, uapixuna, maniva branca, arraia, surubim. Eu sei o nome das manivas. Agora, hoje, eu só tenho dois, três tipos de manivas. Um tal de louro e tem chorona. Só mesmo, que tem a maniva. Essas mais antigas, algumas ainda tem por aí.





**"Essas aí são coisas que a gente tem,
nossa riqueza é essa"**

Diones Lauriano Baltazar – povo Baré

Eu tive contato desde a infância com meus avós, que são pais do meu pai. Então, hoje em dia eu tenho só minhas avós, porque o pai da minha mãe faleceu também, que é o seu José Lauriano. Eu tive contato com ele desde a infância, tive a honra de conhecê-lo. Hoje e sinto saudades, mas partiram e um dia nós também estaremos, com certeza, nos encontrando no céu, pra onde se

foram. A minha infância foi muito boa com eles, aprendi coisas que eu não sabia, tive mais contato com meu avô, seu Lauro Baltazar. Eu sempre estava perto dele, chegava e conversava com ele, um contato bem próximo. Eu tinha pra mim que eu era que nem um filho pra ele, e ele pra mim era como um pai.

Então, aprendi um pouco, não grande coisa, mas pouca coisa que até hoje eu sei, graças a Deus foi com ele que eu aprendi. O outro meu avô sabia rezar, só que eu era muito pequeno, eu até cheguei a ver um pouco grande ele rezando, mas a gente não teve essa conversa: "Vô, como que o senhor aprendeu isso? Será que um dia o senhor tem que passar pra alguém?" Eu não tive esse contato. Acho que foi pouco interesse da gente, ou porque a gente não pensava, naqueles tempos. Foi bom eu ter aprendido coisas nessa relação com eles, ter convivido com eles uns tempos. Como eu falei: eu sinto saudades deles, mas hoje tenho as minhas duas avós que, graças a Deus, estão vivas, são bem de saúde, a gente tem uma relação bem próxima. Quando a gente tem algo, a gente compartilha.

Aprendi com meu avô que tucupi é tirado da mandioca. Você vai na roça, tira a mandioca, arranca a mandioca, raspa, rala e você vai espremer, aí sai aquele caldo da mandioca numa bacia, aí fica lá aquele caldo, tira numa panela, 'bota' numa panela a quantidade que tu quiser preparar, aí 'bota' na lenha, no fogão mesmo de barro que a gente tem por aqui, um 'fogão bravo' mesmo, que a gente fala, aí 'bota' pra ferver. Se quiser complementar com alguma coisa: saúva, maniwara, que a gente tem por aqui.

E, pra melhorar, a gente bota um peixezinho – quem não quer um curadazinho, um bijuzinho. Pô, quem é que não quer? Essas aí são coisas que a gente tem, nossa riqueza é essa, a gente vive disso, vamos dizer, a gente é rico nisso. Então, no caso do peixe, é a mesma coisa: a gente vai lá no lago, pega o peixe, joga lá no tucupi, ou moqueado. Dá pra fazer o molho com tucupi, bacana, pra comer com o moqueado. Então, a gente não tem do que reclamar por aqui. A gente vai lá e pega. Na cidade já é diferente. Estou comparando o nosso daqui com a cidade. Se está na cidade, se tu não tiver um dinheiro, tu não vai comer, e aqui não, basta tu ir lá do outro lado na roça ou no lago. Resumindo: a gente está bem por aqui, graças a Deus, diferente da cidade.

Quem escuta, sente:

Uma vez veio um senhor de fora e disse que a gente era muito rico e eu não entendi nada. Mas agora, escutando o Diones, eu percebo que realmente nós somos férteis, tem tudo aqui: terra, solo, água, plantas, peixes, caça. Agora eu vejo assim, é tanta fartura, tanta beleza, a gente é rico nisso tudo.

Juscelino Joaquim Gregório – povo Baniwa





Maniwa na roça captadas pela câmera dos Guardiões da Memória

"Assim que nós vivíamos no antigo"

Luiza Crescancio – povo Baré



Eu nasci lá abaixo de São Gabriel, me criei num sítio, um tal de Bonfim, aí que eu me criei. Me criei e fiquei moça lá mesmo, com meu pai, minha mãe e minhas irmãs todinhas. Aí meu pai fazia roça pra nós, plantava maniva, as plantas, banana, cana, abacaxi, tudo. Eu fazia farinha com a minha mãe. Comecei a trabalhar com minha mãe com dez anos, carregando panelas de mandioca; eu aprendi com ela e faço até hoje. Agora acabou tudo: meu velho está doente, ele não faz mais nada. Antigamente eu trabalhava muito com meu pai. Ia lá pro mato, tirar cipó pra gente poder viver. Senão ninguém podia viver, não. Aí nós íamos com meu pai, ele cortava a sorva e fazia uma barraca pra gente poder trabalhar. A gente trabalhava uns três meses pra lá. Aí meu pai velho conduzia cipó de novo, até pra beira, e quando o patrão chegava, ele vendia. Aí ele comprava as coisinhas pra gente.

O meu pai também pescava, dava pra nós comermos, ia caçar, trazia caça pra nós enquanto eu ia pra roça com a minha mãe. Nós capinávamos a roça, arrancávamos no outro dia de novo, depois de três dias tirava mistura da mandioca, pra gente fazer farinha. A gente torrava seis latas; às vezes, minha mãe guardava, outra vez nós botávamos mais seis, a gente juntava, pra gente poder vender, pra gente poder comprar as nossas coisas. Meu pai é bom, é muito legal, não é bravo, nada, só minha mãe, agora minha mãe é brava, se tu não fizer trabalho, ela ralha mesmo: "Tem que trabalhar, vamos fazer isso, tem que ir". Desde dez anos, até que fiquei moça, até eu sair com meu marido foi assim, e depois do casamento em vez de parar, aí que trabalha, mesmo. Até agora. Agora eu parei, porque meu marido está doente. Meu pai me deixou estudar na escola, estudei ainda três anos, depois minha mãe não quis mais. Pra eu ajudar na roça, eu saí, não quis mais continuar, não. Assim que nós vivíamos no antigo.





“O mato tem dono. A gente não pode usar e abusar”

André Agostinho P. da Silva – povo Tukano

A minha vida foi muito difícil em questão de roupa, sapato. Nós não tínhamos nem sapato, nem sandália, nem nada, andávamos descalços. Era muito difícil. E não tinha muita roupa como hoje, nessa época era muito caro e o trabalho era muito pesado. Então, tudo era voltado pra natureza. Eu lembro que eu fazia a minha sandália de casca de árvore, que na natureza

sempre tem; às vezes, da fruta também. Até parece que Deus já sabe, a natureza é tão sábia que colocou uma sandália até com o número certo, dá benzinho no pé da gente. Enfiava, com um pregozinho e pronto. E o talho dessa natureza é igualzinho um sapato qualquer de hoje. Só que só dá pra andar dois, três dias, aí ela começa a “engiar” e a gente joga fora. Mas a natureza continua abrindo outras cascas e jogando no chão pra gente. Aí você vai lá, tira novamente e faz outra, mas ninguém olhava e dizia: “Poxa, isso aqui está usando, é isso ou aquilo”. Nada, nada, porque todos viviam numa só natureza. Pela parte material, a gente não tem muita coisa, mas nós temos a natureza até hoje, ela serve até de remédio. Mas quem ensinou esse tipo de sabão, que era o sabão na época? O meu avô. Que na época deles não existia sabão, mas tem a natureza. Vai lá, cava, tira, bate, espuma igual sabão, tira a sujeira igual sabão e não precisa se preocupar com a natureza, só isso. Tem coisas que existem na natureza mesmo, meu avô que me mostrava as coisas.

Eu cresci mais perto dos meus avós e a cultura deles era diferente, era mais tradicional e agrícola, trabalhava mais com agricultura de mandioca e trabalhava muito. A minha infância foi sempre ajudando meu avô, sempre, carregando mandioca no paneiro e ajudando-o no trabalho, ele me levava pro mato e falava: “Meu neto, aqui funciona assim: o mato tem um dono. A gente não pode usar e abusar”. Então, meu avô tinha essa cultura diferente: ele não

desmatava muito o mato, ele desmatava o mínimo, vinte por trinta metros pra ele já estava bom, porque ele achava que ele ia ficar ali geração por geração, os netos poderiam ficar no sítio dele. Até hoje o nome desse sítio é Boa Vista. Boa Esperança é o nome deste sítio, no Rio Marié. Está lá preservado até hoje e com certeza a maioria dos meus tios ainda mora aí. Essa comunidade é pequenininha, tem umas quatro ou três famílias só, mas foi aí que eu cresci, nessa região. Então, meu avô me ensinou sobre a mata que nós temos aqui, que a natureza traz muita coisa pra nós. Sempre tenho essa memória que ele me colocou, até hoje. Quando eu era criança, aprendi muita coisa com meu avô. Muito mesmo.

Quem escuta, sente:

A roça é importante pra minha região. Além da sustentabilidade das famílias ribeirinhas agricultoras, também se extrai os principais frutos; a mandioca que se torna a farinha que é uns dos principais alimentos do povo indígena. Mas a roça também é importante para a valorização do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial.

Sayane da Silva Chagas – povo Baré



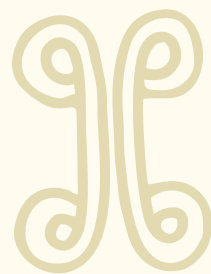


"O modo de fazer, produzir, valorizar aquele conhecimento tem impacto"

Carlos Alberto T. Nery – povo Piratapuaia

Eu sempre lembro para os meus filhos, quando eu conto a nossa história, que a gente não era dividido como a gente está hoje, em bairros. Começando por aí. Depois também foi pelas estradas, então a gente ficou com lotes de terra muito reduzidos e, antes do meu pai falecer ele pegou aquele lote e dividiu pra todos nós, filhos. Quem tinha marido ele entregou pro

marido das minhas irmãs, pra mim também veio uma parte e hoje só uma irmã minha que faz roça lá, praticamente ela cuida de toda essa área que nós temos. E hoje, com o trabalho que eu faço, também eu não tenho muito tempo para estar cuidando de sítio, de roça, porque a minha vida, hoje, é mais na política do movimento indígena. Mas a lembrança que eu tenho, a vivência que eu tenho é ali de uma comunidade que eu tive em toda a minha infância. Os meus filhos, hoje, não têm a mesma vivência que eu tive. Às vezes eles pensam que eu estou inventando história e contando pra eles, porque a realidade que eles vivem hoje é totalmente diferente do que foi a minha infância, a minha adolescência e principalmente a minha juventude também. Quando eu entrei na juventude, foi o período que eu fui pra Manaus, e aí já tive outros impactos lá em Manaus. Era tudo novidade quando eu cheguei lá, porque na minha vida eu não tinha noção do que era uma vida urbana, e foi bastante difícil. Eu tinha muita saudade da minha casa e tinha que enfrentar toda a novidade que tinha lá, ir adaptando os conhecimentos, mas, quando eu retornei pra cá, também o que eu vi é que todas aquelas técnicas estudadas lá na escola não eram a realidade minha aqui. Primeiro que o que eu via lá que não era realidade da agricultura que eu vivenciei, a que meus pais cultivavam, viviam e que eu também vivi.



As técnicas que eles usavam lá não eram as técnicas que eu tinha aprendido quando criança, e o grande impacto que eu tive aqui foi que, quando eu retornei, o que eu tinha aprendido lá, dentro da escola, pouco se aplicava na vida da minha família, na vida dos povos daqui do Rio Negro. Isso aí, pra mim, foi me despertando o interesse de valorizar mais aquilo que temos, a partir daquilo que sabemos, vivenciamos; era preciso valorizar mais e trazer também todo esse conhecimento para dentro das políticas públicas que nós temos atualmente. Era preciso começar um movimento de valorizar aquilo que sabemos fazer, o conhecimento técnico que nós temos precisa ser visto dentro dos programas, não o programa trazer as técnicas pra gente valorizar. Então, isso foi um aprendizado, um grande impacto que eu tive quando fui pra uma escola agrícola, onde ensinam técnicas que pouco se aplicam aqui, na realidade dos povos indígenas. O modo de fazer, produzir e valorizar aquele conhecimento tem impacto, e esse impacto que a gente tem é que as técnicas não são adequadas à nossa realidade. É isso aí.



Mandiocas no paneiro, captado pela câmera dos Guardiões da Memória.



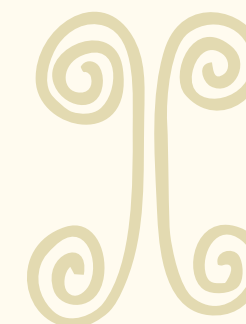
Capítulo 2

Eu presenciei isso aí com meus parentes: os piaçabais e a escravidão, entre o passado e o presente



Reivindicar uma identidade anterior desperta uma série de elementos que busca nos fazer conscientes de nossa condição no mundo. Porém, ficar de frente com um passado feito de lacunas, esquecimentos e lutas nem sempre é um gesto fácil. O encontro com um passado também pode revelar assombros, afetos, medos e convocar o sentimento de justiça.

As histórias deste capítulo são pedaços sensíveis de trajetórias de vida marcadas por um processo colonial opressor, que forçou – e ainda força – corpos a se colocarem em situações vulneráveis e muitas vezes desumanas. O penoso trabalho nos piaçabais, sorvais e seringais e o sistema perverso do aviamento (escravidão por dívida), que deixaram cicatrizes profundas na história do Rio Negro, ainda se mostram presentes em algumas dessas trajetórias e nas memórias de quem presenciou a dureza, as injustiças e os horrores dos tempos e espaços da escravidão, de ontem e de hoje. Compreender e assumir fatos históricos cruéis como a escravidão indígena, e identificar, por meio das experiências de vida, qual é o solo em que ganham força, é enfrentar as disputas de narrativas de memória e a tentativa de apagamento histórico. Registrar a memória pode ser luta contra o esquecimento e a morte. Narramos e registramos o acontecido para honrarmos trajetórias de vida buscando cicatrizar feridas ainda abertas.



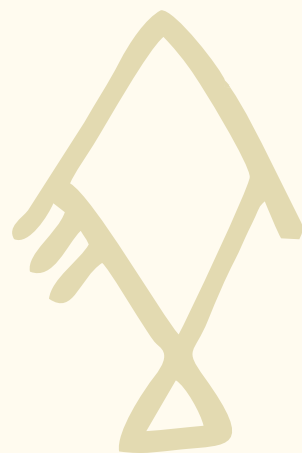


“Meu pai se criou longe, piaçabava, servindo de escravo pros patrões”

Joaquim Rodrigues Costa – povo Baré

Eu fui criado longe do meu pai, por causa do trabalho escravo que ele teve, na época. Os piaçabeiros, que chamavam. O que faziam? Meu pai tirava um rancho pra deixar pra minha mãe e os patrões levavam, diziam que só saía de lá depois de pagar a conta, aí ele acabava ficando preso. Minha mãe me criou assim, como ela podia, através da roça mesmo, mas a gente não

tinha aquela coisa do alimento que tem hoje. Tinha o caribé que chama, que é feito de biju; de manhã tomava o caribezinho e ia pra roça com a minha mãe. Só quando meus avós iam caçar e pescar é que tinha alguma coisa a mais, isso que a gente vivia. Eu não fui criado muito perto do meu pai, meu pai se criou longe, passava muito tempo na piaçabava servindo de escravo pros patrões. Quando conseguia vir nos ver, chegava, dava uma olhadinha na gente e já ia embora de novo. E do mesmo jeito que eu quase também criei os meus filhos.



“Cheguei a ver nós sendo os próprios escravos dos brancos”

Percílio Camico – povo Baré

Quando lembro daquilo, e eu conto o que aconteceu, algumas vezes eu choro. Cheguei a ver nós sendo os próprios escravos dos brancos. Escravo, mesmo. Era assim: eles compravam farinha, com meu pai, trabalhavam na produção: cipó, a sorva, a seringa, a piaçaba, eu já fui entrando nesse negócio. Primeiro eu trabalhei na Colômbia, foi pra lá que comecei. Aqui não tinha nada no Rio Negro pois tinha muito banzeiro, muito movimeto nas águas. Aí os patrões chegaram com um rádio, essa daí foi troco, nós não sabíamos o que era aquilo, o que era um radiozinho desses. Eles trocavam com as nossas coisas e com a nossa produção. Cem pacotes de piaçava valiam um rádio que não tem nenhum valor agora. Mas quando a gente via, nossa, como nós queríamos; a gente ficou doido quando escutamos a música que saía de dentro do radiozinho. Quem está falando aí dentro? Nós queríamos ver quem estava falando dentro. Por isso que nós nem queríamos saber o preço. Isso que eu falei, muitos de nós ficamos escravos dessa situação. A gente se perguntava, quando nós vamos ter nossas coiszinhas?



Quem escuta, sente:

Os patrões vinham mesmo pegar, inclusive aqui, tanto no Rio Negro, como no Içama. Eles não queriam nem saber se tinha filhos, se era pai de família, se era filho, pegavam mesmo e levavam. Não queriam nem saber, só pegavam as pessoas e levavam pra escravizar, pra trabalhar. E quando as pessoas chegam no local, escutam: “Agora vocês estão trabalhando pra mim, vocês são meus trabalhadores”. Eles não dão nada, maltratam mesmo. Vamos dizer escravos mesmo, trabalhava quase o dia inteiro e a noite inteira também, um trabalho que não tem mais fim, e os “patrões” não querem saber se estão passando bem, passando fome, se estão doentes, não querem saber.

Rogério Xavier Emitério – povo Baniwa



Um dos entrevistados carregando feixes de arumã, registro dos Guardiões da Memória.

Quem escuta, sente:

Na piaçaba a pessoa era vista como um animal mesmo, que não tinha valor, que era só feito, mesmo, pra trabalhar. Então, essa parte ficou mais forte pra mim, quando seu Joaquim conversou com a gente. Eu senti a história dele e foi forte pra mim. Então, foi uma coisa que me tocou no fundo quando ele estava me contando, naquele momento que ele começou a relatar tudo que ele passou e pelo que os pais dele passaram, pra chegar no nosso meio hoje. Ele falou que hoje a gente ainda não está bem, não. Quando fala isso, eu sei que ainda não acabou, ainda existe escravidão nos outros lugares.

Eu presenciei isso aí com meus parentes, eu fui ver com meus próprios olhos. E teve pessoas lá, desses trabalhadores, pra quem nós perguntamos: "Vocês querem sair daqui?" "Queremos", eles falaram. "Se nós pudéssemos, mas infelizmente nós temos dívidas, trabalho. Se nós pudéssemos sair daqui, a gente sairia". Foi a resposta que me deram e até hoje, quando eu lembro isso – justamente estou lembrando agora – me vem aquela imagem lá que eu presenciei. Foi muito forte, está sendo muito forte e difícil de imaginar. Pra quem nunca presenciou, não tem essa imagem, mas eu que vi, não apaga. Isso é uma coisa que não tem palavras pra descrever, muito menos pra contar pra todos. Só tendo o lugar de escuta que eu estou tendo hoje, e estou tendo muito, pra poder falar isso para que outras pessoas possam me ouvir.

Juscelino Joaquim Gregório – povo Baniwa



"A gente não tinha como escapar"

José Assunção da Costa – povo Baré

Um tempo cheguei em Barcelos, fui lá com meu irmão, aí: "Rapaz, vou piaçavar também, já que eu não tenho emprego". O meu amigo me falou: "Eu vou levar meu pai, e eu vou também". Aí eu fomos, eu fui parar nesse tal de Rio Preto, eu tinha 18 anos, na época. Estava num igarapé aí, na cabeceira, onde tinha demais pium, e o igarapé secou e a gente tomava aquela água do

poço. Como tinha secado, a gente cavava, aí jogava um pano em cima e tirava com caneco, pra tomar. Lá era muito sacrificoso, era por cima da serra e eu não estava muito acostumado, mas era o jeito, a gente tinha que ir atrás das coisas que faltavam pra gente, tinha que ter dinheiro, essas coisas. Aí é que a gente 'cai' mais na vida por causa disso, que a gente, às vezes, não tem emprego. Então eu cheguei lá no mato e vi que não tinha água, era um igarapé seco, igual isso aqui. Terra, só aquela lama. Aí fomos fazer um buraco, que fedia muito aquela lama, mas era o jeito da gente tomar aquela água. Senão, a gente não tinha como escapar. Mas só que a gente jogava o pano de novo, aí tomava e íamos trabalhar. Aí eu pensei comigo: "Rapaz, aqui não vai dar, não, mas já que estou aqui, bora aguentar". Trabalhei, trabalhei, passei um verão pra lá, trabalhando.

Aí eu voltei pra morar em Barcelos de novo, já na casa de uma vizinha, aí não tinha trabalho pra mim, eu deixei a piaçava e a pescaria, e agora? Agora eu vou pescar daqui mesmo, comecei a pescar. Aí meu pai já tinha morrido, meu irmão chegou: "Vamos cortar seringa". "Tá bom." Eu fui, cortei mais ou menos uns dois meses, eu não gostei da seringa, não. Aí eu voltei pra Barcelos, peguei um dinheiro, fui pra sorva. Aí, na época, a piaçava estava caindo de preço e a sorva estava mais forte o preço, aí eu fui pra sorva. Lá eu caminhava duas horas de caminho, saía quatro horas da manhã, quando eram seis, sete horas, chegava eu



e mais três parceiros. Só que lá tinha uns campos que eram de natureza. A gente ia por aqui com a água, pela cintura, aquela lama. Lá tinha uns campos grandes, que ninguém podia ir pra lá, porque existia um tal de mapinguari, os bichos famosos, e a gente já os tinha visto andando, bichos grandes. A gente cortava o caminho e, quando dava seis horas, a gente chegava na barraca, no setor onde a gente dormia. Íamos tomar um banho, tomar banho não, só raspar aquela sujeira mais ou menos, porque a sorva não sai, é um leite que gruda. Tem prefeito e vereador, mas a gente não tem emprego. Já votei muito pra prefeito, vereador, presidente, mas nunca ganhei um centavo de prefeito, nem de vereador. Então, tudo que eu construí foi aos poucos: canoa, motor, rabeta, outras coisas, tudo foi aos poucos.



Feixe de arumã



Barco dentro do igarapé, captado pela câmera dos Guadiões da Memória

"Quero mostrar também que eu sou capaz de fazer minha mãe chorar de alegria"

Roberto da Silva – povo Baré



O mundo me ensinou não pro bem, mas pro mal. Eu quero dizer mal, porque pra minha mãe eu fui um desgosto. Com onze anos, comecei a beber. Muito cedo comecei a beber, porque eu andava assim na vida: hora eu morava aqui, hora morava acolá e assim ia vivendo. E aí eu não queria saber de estudar. Minha mãe me chamou, me matriculou, eu estudei do primeiro ano até o quarto, que hoje é a quinta série. Aí veio a doídice, eu fugi do colégio, fui pro Rio Preto trabalhar com o finado Guilherme. Eu queria trabalhar, pra ter as coisas, aí eu fugi. Por motivo de bebida também que eu fugi; a minha juventude foi triste demais. Então, fui trabalhar na piaçava e lá é muito sofrido.

Trabalhei muito, lá pra aqueles confins do igarapé, naqueles altos, e eu sozinho pra lá, trabalhando sozinho, passava dois, três, quatro dias sozinho, numa barraca trabalhando. Foi quando me veio o arrependimento, lembrei de quando eu estava na casa da minha mãe, por mais que não tivesse nada, tudo tinha. E eu sozinho lá sem ninguém comigo. Comecei a pensar: se acontecer alguma coisa, que Deus me defenda, um bicho me pica, quem vai cuidar de mim? Então eu fiz a história do filho pródigo. Eu devo voltar para a casa e pedir desculpas à minha mãe. Disse pro meu patrão: "Olha, a partir de hoje eu não quero mais trabalhar com o produto aqui". "Por quê?". "Porque eu acho que não está dando. Eu tenho que voltar pra minha mãe, eu quero voltar a estudar agora." Quando saí lá de dentro com a piaçava, entreguei para os patrões tudo e disse pra dona Inácia – eu conversava mais com ela, porque ela me tratava muito bem: "Eu quero ir embora daqui". "O que é isso?". "É, eu quero ir embora. Está aí o produto que eu trouxe. Se deu pra eu pagar, tudo bem. Se não deu, lá na cidade eu vou trabalhar e depois eu pago vocês, tá bom? Eu quero ir embora daqui". Aí o pai do Rudinho, o finado Alberto, me chamou e disse assim: "Tigrinho, tu quer ir embora, mesmo?". "Quero." "O que você vai fazer lá em Santa Isabel?". "Eu vou estudar, senhor Alberto", eu falei pra ele. "Agora eu quero estudar, quero fazer uma coisa boa da minha vida, quero mostrar que sou capaz de fazer minha mãe chorar de alegria também. Não de tristeza, como eu estou fazendo." Ele falou: "Tá bom, se for por isso, pode se arrumar".





Capítulo 3

Vamos ter que demarcar terra: a força do movimento indígena



Algumas histórias de vida nos oferecem a mão e nos convidam a adentrar uma mata mais densa. É preciso considerar aqui a coragem da travessia onde política, luta, direito e resistência unem-se numa só ideia: movimento indígena. Todos esses termos carregam em sua origem o sangue de muitos agentes históricos, narrativas que nos calam, como a de Joaquim Rodrigues: "Nós estamos aqui cercados". Aqui toda a atenção é bem-vinda na escuta de uma travessia que funda as bases do movimento indígena do Rio Negro, com suas associações, assembleias, conselhos, federação e ONGs parceiras.

As histórias aqui narradas contam de quando a escolha de uma vida não está destinada às conquistas pessoais, mas de quando se abre mão disso para lutar por uma urgência coletiva, a urgência dos povos de uma terra, o que muitas vezes não é exatamente uma escolha, e sim uma necessidade de sobrevivência. São pessoas que têm o exercício da cidadania dentro da floresta, na defesa dos espaços, da cultura, dos territórios e do patrimônio socioambiental dos povos e comunidades aos quais pertencem. Pessoas de grande coragem que, quando preciso, articulam a saída de suas comunidades para serem ouvidas em outros cantos, dos mais próximos aos mais distantes. Todo grito soa agudo, exigindo encontrar diálogos com forças políticas que repensem modos de existir no mundo, e nos faz olhar para o que é justo e necessário. Histórias que nos propõem o reflorestamento de nossos corações.





“Dá papel pra eles comerem, papel que tu traz”

Joaquim Rodrigues Costa – povo Baré

Eu dediquei minha vida ao movimento, mas foi um tempo muito difícil pra mim. Eu deixava minha esposa no sítio sem nada, pois passei minha vida fazendo reuniões. Tipo agora: um jovem que vem participar a primeira vez aqui chega em casa e não leva nada, não leva nenhum dinheiro, só leva a aprendizagem mesmo. E, quando eu chegava em casa, eu ia

agradar meus filhos, eles iam na minha bolsa lá: “O que tu trouxe pra mim, pai?” Nada. Aí vem a minha mulher e dizia: “Dá papel pra eles comerem, papel que tu traz.” E mesmo assim eu não parei com isso; também minha esposa não me empatou, nunca me empatou em nada. Eu levei uma vida toda dedicada ao movimento, voluntariamente, o tempo todo, até que eu tive o primeiro emprego, como supervisor de área. Aí fui diretor da ACIMRN, da associação que a gente tem aqui, na qual eu sou vice-presidente também. Daí, de lá pra cá, eu fui tendo uma ajuda de custo, como sustentar meus filhos e isso me deu força e não parei mais.

Mas não foi fácil pra gente lutar contra os brancos. Uma oportunidade que a gente teve também aqui no Rio Uneiuxi, quando os índios se revoltaram contra os turistas, os policiais foram lá brigar, foi uma briga muito feia, e a gente do movimento foi lá buscar o cara que foi baleado, com a mão aqui, em cima do peito. A voadeira estava cheia de sangue e os caras queriam acabar de matar ele ou o agente da Funai. Eu estava num barco motor quarenta e eles estavam com a metralhadora ali. Seguimos no posto e o seu Guilherme, agente da Funai, ainda quebrou o joelho e falaram: “Esse aqui vai morrer primeiro, que não pode correr”. Eram todos os policiais daqui de Santa Isabel contra a gente, por dinheiro, porque os turistas tinham dinheiro, né?, então iam acabar de matar. E o barco encosta ali, encosta aqui e os caras disseram: “Encosta logo, que a gente quer matar vocês aí”. Olha, o Guilherme não mataram porque não quiseram mesmo, porque ele estava lá com o joelho quebrado.

Aí, eu liguei pro Marivelton, diretor da FOIRN: “O que está acontecendo?”. “Nós estamos aqui cercados com policial, estamos com um 'cara' atirado aqui e estamos sem ninguém, estamos aqui no posto da cidade, sendo perseguidos aqui”. “Então, liga pra polícia”. “Os policiais estão todos com eles”. “Tá bom”. Era três horas da tarde: “Daqui pra seis horas a Polícia Federal chega lá contigo. Vai chegar um aviãzinho lá e vocês vão ter segurança”. E não deu outra. Veio advogado de São Gabriel, de Manaus, Brasília, chegaram os aviões e deram apoio pra gente.

Aí chegou o procurador-geral lá da polícia, os corregedores também chegaram, aí vieram todos, e então eu disse: “Não, agora não precisa, não, porque quando foi preciso, não tinha ninguém pra defender o jovem que estava sendo acusado”. Então, foi um momento muito difícil pra gente mesmo. Hoje não, a gente já está tendo apoio, tem mais pessoas na associação, porque antes nós éramos poucos; hoje nós temos muitos funcionários, até recepcionista, cozinheira, tudo a gente tem hoje, à vontade, o pessoal está fazendo, mas antes era só a gente mesmo que brigava no movimento.

Quem escuta, sente:

Ver meu pai no movimento, lutando nas causas indígenas, pra mim é muito importante, porque tem muita gente que desiste e até hoje ele está lá. Mesmo ele tendo esses conflitos, ele nunca desistiu, e pra mim é inspirador. Ele mesmo disse que é pra eu continuar no caminho que estou, mais, me envolvendo, seguindo o caminho dele. Agora eu sou uma “jovem comunicadora” e eu espero que um dia eu chegue também a dar orgulho a ele e consiga chegar aonde eu quero chegar. Ele é uma inspiração pra mim, ele e seu Carlinhos. Eu vejo a história do meu pai e isso reflete em mim, quero seguir e lutar pelos povos indígenas daqui do Médio Rio Negro, do Amazonas.

Shayra Cruz Rodrigues – povo Baré



“Se fosse fazer a demarcação de terras em forma de ilhas, futuramente nós teríamos sofrido essa consequência”

Vamberto Placido Rodrigues – povo Baré

Meu pai foi proibido de falar a sua própria língua quando ele pertencia ao Colégio Salesiano. Então, nós aqui justamente estávamos entrando no mundo ocidental. Nós aprendemos na escola uma educação ocidental – assim que os brancos chamam. Então, a nossa cultura ficou totalmente abandonada ou esquecida. E um pessoal aqui do Alto, de São Gabriel pra cima,

dos afluentes, Rio Uaupés, Rio Içana, Rio Tiquié e os afluentes, ainda manteve as suas culturas vivas até o dia de hoje. Eles foram atingidos um pouco depois de nós com a chegada dos colonizadores e missionários. A primeira invasão aqui pós-colonização foi a chamada Calha Norte.

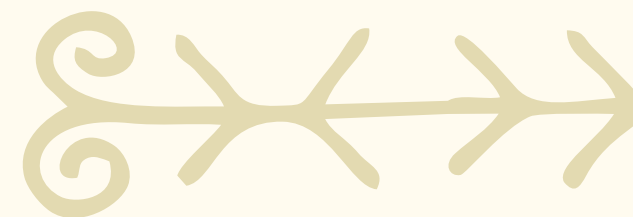
Foi uma instituição governamental que veio como invasão, para nós junto com os militares também. A ideia deles era acabar com a nossa cultura, queriam que a gente entrasse na cultura dos brancos para tomar posse da riqueza que nós temos. Inclusive o ouro, o minério que nós temos aqui no Rio Negro e nos afluentes. Então, eles fizeram a proposta: “Vamos demarcar a terra para os indígenas em forma de ilhas” e eles começaram a fazer isso, mas, por outro lado, os missionários também começaram a falar para a população indígena que isso não seria bom para o nosso futuro. Aí começamos a nos organizar em forma de associações. Eu não tenho em mente no momento as primeiras associações que foram criadas aqui pro Alto, na calha do Rio Uaupés e do Rio Tiquié. Mas, quando a Calha Norte começou a afetar as cabeceiras do nosso rio em busca da mineração, aí começaram a chegar também os mineradores.

Nós fomos invadidos aqui pelas grandes empresas, que são a Paranapanema, a Gold Amazon e a Mineração Taboca. Foram três empresas grandes que entraram aqui no Rio Negro e atingiram os afluentes. E, como já tinha o início das organizações, precisava de cooperativa, de várias formas eles tentaram ser incentivados também pelos missionários. Por um tempo os missionários prejudicaram, mas por outro tempo eles vieram a nos defender. E começaram a criar organizações, quando também pensaram em criar o que hoje temos, a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, que é a FOIRN, a sede em São Gabriel da Cachoeira. Mas, quando criaram isso, ainda não tínhamos ideia de como prosseguir com essa organização. Tinha a Funai também, que dominava toda a população, e também os políticos que iriam dominar a FOIRN como se fosse a Funai, só que a Funai era um órgão governamental e a FOIRN é um órgão não governamental.

E com essa invasão começamos a ver que essa demarcação que nos ofereceram de terras em forma de ilhas, isso deixaria muitas consequências sofridas. As grandes lideranças do Alto Rio Negro começaram a discutir, dizendo que essa forma que estavam pensando em fazer a demarcação não seria viável, teria que ser uma demarcação contínua. E chegamos a uma conclusão, o governo na época deu essa abertura, pra que a gente pudesse se organizar e também, em 1988, houve a reforma da Constituição Federal, que os indígenas do Brasil, questionando, conseguiram dois artigos dentro da Constituição, 231 e 232, e esses dois artigos que garantiram pra nós uma demarcação de terras.

Em 1992 teve um levantamento antropológico que veio de São Gabriel pra baixo, só que o tempo também foi muito curto. Eu não sei se vocês têm conhecimento de um laudo que tem, foi distribuído isso pra todas as comunidades, chamado laudo antropológico, e eu tenho esse livro ainda. A minha casa, ali, é quase uma biblioteca. Se você pensar em um livro é capaz de você ir lá e encontrar esse livro. Então, eu tenho esse livro ainda. Só que o tempo foi curto, na época o presidente da FOIRN, que é da federação, era o Brás França. Ele preocupado com os parentes que moravam aqui nessa região de Uabada, esticou a viagem deles pra chegar até aqui, pra eles poderem incluir os parentes dentro desse laudo antropológico, e finalizou-se aqui na Ilha de Uabada e não prosseguiu mais pra frente naquele momento. Então, quando eles fizeram esse levantamento antropológico, com a ideia de uma demarcação contínua, pegando desde as cabeceiras da divisa do Brasil com a Colômbia e Venezuela, a demarcação seria de lá até aqui, chegaram a essa conclusão também, de incentivar a criação de uma associação aqui no Baixo Rio Negro.

Na época já tinha sido formada a Acibrn, que hoje tem sede na comunidade Tapuruquara Mirim, mas isso se iniciou lá na foz do Curicuriari. Então, vieram até aqui na Ilha de Uabada incentivando a criação de uma associação. Estávamos no ano de 1992 e convocaram uma assembleia. Até na época, também, quando se falava assembleia, os professores ignoravam essa palavra, porque achavam que, quando falava de assembleia era sobre religião. Esse era o entendimento, na época. Mas só que era uma assembleia, para reunir toda a população das comunidades, a fim de criar uma nova, com o agravante que na época nós tínhamos recentemente sido invadidos aqui no Rio Cauburis, uma invasão de garimpeiros.



Nós chegamos a ter mais de 2 mil balsas e dragas dentro do Rio Cauburis. Olha só a nossa ignorância na época, eu, do movimento indígena, não entendia e não sabia de nada. Sabe o que é nada? Nada. É o mesmo que você entrar numa casa escura; na escuridão você não enxerga nada. Então, na época eu estava nessa situação porque, como eu falei pra você, como nós fomos envolvidos no ensino ocidental, então nós tínhamos outro conhecimento, nós tínhamos conhecimento ocidental, mas da nossa cultura ninguém sabia de nada. Então, nós chegamos a uma conclusão, ou chegaram a uma conclusão junto com a gente, de criar essa associação que na época foi chamada de Cacir, era uma sigla. O que significa Cacir? Era Conselho de Articulação das Comunidades Indígenas Ribeirinhas. Essa era a sigla Cacir, na época, só que essa sigla, Cacir durou por mais de dez anos. Era uma forma de associação, mas a gente conseguiu já dar um passo à frente. E com isso também foi descendo. Em 1993 conseguiram criar a ACIMRN, que hoje é em Santa Isabel. Que também pega uma parte das comunidades ali, nas adjacências do município.

Então, a partir de lá eu comecei a praticar no Movimento Indígena, então eu fiz parte da criação dessa comissão, teve uma comissão provisória, daí passaram dois anos e formou-se uma assembleia novamente e efetivou-se não mais como uma comissão, mas, sim uma diretoria. E a gente conseguiu ter isso, até que nos anos de 2005 a gente teve uma parceria com a ACT Brasil, que é uma ONG e ela foi convidada para participar de uma das assembleias, em que eu me tornei presidente, na época dessa Cacir. Em 2005, nessa mesma época que eu fui eleito para presidente dessa associação, a sede era no Uabada II e passou-se a sede para Cartucho, em que até hoje a sede provisória está e que também, no momento, sou presidente. Então, a gente também teve essa parceria com eles. Essa ONG nos ajudou a reestruturar nosso escritório, a gente conseguiu equipamentos pra associação, na época. E, com o projeto que eles conseguiram pra nós, a gente conseguiu também em 2008 trocar essa sigla de Cacir e passou a ser Acir – Associação das Comunidades Indígenas Ribeirinhas. Então, dos anos 2008 pra cá, essa associação criou um corpo jurídico e hoje tem CNPJ. Ela não está realmente bem estruturada, mas a gente continua com essa associação e com essa perspectiva de que um dia nossa associação também consiga se estruturar melhor do que está hoje.



Quem escuta, sente:

Foi através da luta deles que eu entrei no movimento indígena, aí já entrei direto na assembleia geral, que foi em novembro. Eu entrei no dia da assembleia de que eu fui participar, aí de lá vieram muitas questões na minha mente. Vendo a narrativa do seu Vamberto, lembrando, ele deu uma aula pra mim. Foi muito legal poder ver essa parte do trecho do vídeo, principalmente pra gente que está 'na briga' aqui, juntos, os jovens que estão 'na briga' do movimento indígena também.

Essa história nos favorece muito, porque a gente entende da luta da nossa cultura, que já estávamos esquecendo, mas, conforme tem os nossos ancestrais que contam a história pra gente, a gente retorna de novo àquele mundo, que é o nosso. Mas o que eu mais aprendi com todos eles sobre o movimento da nossa cultura indígena é que eu estou à disposição para lutar por isso, e sim, eu sempre vou estar aí também, pra ajudar os outros, os irmãos que estão precisando também. Às vezes é difícil a gente ir pra frente, pois temos muitas dificuldades na batalha; no dia a dia, a gente não tem muito apoio, principalmente de gente que tem poder. Se eles pudessem vir, por exemplo, dar o apoio pra gente lutar pela nossa cultura, seria uma boa ajuda.

Mas a gente leva a vida do jeito que a gente vive, na nossa terra, e temos várias pessoas que estão aí à frente do movimento, como o seu Carlinhos, seu Vamberto, mas a gente está aprendendo com eles e com certeza um dia não precisa ser eu, mas pode ser outro comandando a gente, levando nossas questões para o mundo ver como que a gente vive nesse mundo aqui, que é diferente. Que o mundo veja que a gente também enxerga, mas temos uma visão, vamos dizer, completamente diferente das outras culturas. A gente tem a cultura da gente e onde vamos levamos nossos costumes conosco. Por exemplo, é costume não dizer só do nosso, não, pois chamamos de nossa ancestralidade. As diversas línguas da gente, também. Vivemos desse jeito, na luta a cada dia, e a gente precisa de mais apoio de pessoas pra gente construir um futuro melhor pros nossos parentes.

Marlison Crecêncio Severino – povo Tukano



Comunidade Acariquara, onde vive o senhor Lencio Bosco, um dos entrevistados.

"Poxa, como é bom lutar! Como é bom estar junto das pessoas!"

Leôncio Nely Bosco – povo Baré

Os desafios da nossa vida, nós encontramos no caminho. Eu comecei o meu grande desafio em me tirar daqui, desse lugar, pra lutar em São Gabriel. Esse foi o primeiro passo que dei e depois comecei a sair da minha comunidade para entrar no movimento, em vários setores.

Mas aí eu precisava deixar uma mulher aqui, a minha esposa ficava praticamente trabalhando o tempo todo na roça. Eu não tinha nenhum benefício, nem ela. Eu era voluntário do movimento e passava uma semana, 15 dias, ou até mais, lutando pelo bem do povo desse lugar. Mas um dia ela me chamou pra conversar. Ela disse: "Até quando que tu vai 'caminhar' desse jeito? Porque tu sai daqui, com as suas roupas limpas e volta, chegam sujas e tu não traz nada". Queridos, pensem numa pancada que a gente pega! Eu peguei. Eu não tinha palavras pra dizer pra ela, então eu chorei, sozinho, fui chorar, porque eu tinha duas coisas como desafio na minha vida: família e sociedade. Eu chorei e disse: "Deus, eu não sei se eu estou certo, mas quero uma certeza do Senhor, porque eu quero, hoje, uma oportunidade, eu quero também conhecer a sociedade. Me dá mais oportunidade e me traz alguma coisa de volta aí. Hoje você toma a sua decisão". A pessoa pra dizer isso pra Deus! Tá bom, eu não parei. Eu ia com medo, às vezes, mas eu ia, né?

Comecei aqui, nas comunidades, depois saí pros municípios: conheci São Gabriel, Barcelos, Santa Isabel, aqui próximo, pra cima, pra baixo, comunidades, aí comecei a ir pra Manaus. Trabalhei pela Ufam de Manaus. Participei de três encontros lá dentro da Ufam, pela agricultura familiar. Daí comecei já outro desafio, mais longe: conheci Belém do Pará, a terra dos paraenses; também conheci São Paulo e Brasília, eu cheguei várias vezes por lá, já cheguei lutando. Então, o que eu via era a diferença dos lugares e daqui desse lugar onde eu nasci e me criei: uma diferença muito grande. Eu já me amarrei naquelas coisas de dizer: "Poxa, como é bom lutar! Como é bom estar junto das pessoas!". Eu nunca pensei em conhecer tanta coisa que eu conheci.

Eu sofri muito, mas hoje posso dizer isso: eu estou na história. Eu tenho um livro com os meus trabalhos em Brasília; tem uma fotografia neste livro em que eu estou numa grande assembleia de 5 mil pessoas, e eu estou defendendo meu território daqui do Rio Negro, município de Santa Isabel, de onde eu estou falando. Então, pra mim, o grande desafio da vida era conseguir uma oportunidade que me trouxesse aqui hoje, para dizer assim: "Obrigado!".



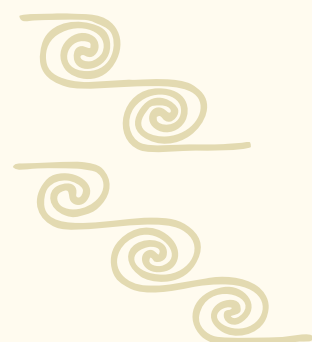
Quem escuta, sente:

Essa palavra "invasão" chega como um sentimento de rejeição com que os colonizadores nos marcaram. Um sentimento de revolta de pensar na maneira que eles chegaram aqui, porque eu lembro na fala do seu Vamberto que, quando os colonizadores chegaram, eles proibiram várias pessoas, todas as pessoas, de falarem a língua dos povos originários daqui dessa localidade da Amazônia. Ele estava nos contando que eles eram proibidos de falar, os pais deles, os avós deles, os bisavós deles, foram proibidos de falar a língua geral, no caso, que a gente chama aqui de nheengatu. Foram os colonizadores que chegaram trazendo outra língua; veio com os portugueses e os salesianos.

Eu lembro até recentemente que eu andava estudando, 2017, que a gente não participava de reuniões das escolas. Naqueles tempos ainda existia muito o negócio do bullying, estava no auge, era muito falado nas escolas. Eu lembro que os meninos que eram da comunidade, que estudavam no município, gostavam de falar em nheengatu, se comunicar com quem sabia falar, e eu e os meus colegas éramos chamados de índios, mas naquele tempo índio não era olhado dessa maneira que é agora, com orgulho. Naqueles tempos lá, índio era chamado parece que de capeta ou algo parecido.

Eu escutava do próprio diretor da escola que não era pra falar, os pedagogos de lá também pediam pros pais e mães para incentivarem os alunos a não falarem em língua geral também. Na época eu ainda nem não sabia nada sobre o movimento indígena, mas aquilo já me doía. O que posso dizer é que o seu Vamberto é uma grande inspiração para todos nós.

Eliton Sabino Pancrácio – povo Baré



"É um risco que não é só meu, mas de todas as lideranças que estão na frente do movimento indígena do Rio Negro"

Carlos Alberto T. Nery – povo Piratapuaia



Diante das nossas lutas e reivindicações, de diversas maneiras a gente tem sofrido ameaças. Aqui eu gostaria de ampliar que não são só ameaças físicas, mas ameaças psicológicas e isso afeta a nossa família. Por defender uma causa, nós sofremos ameaças justamente com relação aos projetos de gestão comunitária sustentados dentro das nossas comunidades. Nós trabalhamos nas comunidades os projetos de base comunitária. Os nossos projetos de turismo de base comunitária, principalmente, estão bastante fortalecidos dentro das calhas dos nossos rios. Por exemplo, nós temos aí o Rio Jurubaxi, Rio Uneiuxi e Rio Marié que hoje são rotas do narcotráfico, dos traficantes. Então, essas rotas têm causado não só ameaças às nossas comunidades, mas principalmente às nossas lideranças. Diretamente ainda não recebemos ameaças, mas indiretamente a gente tem recebido, dizendo assim: "Se vocês não pararem, vocês podem sofrer consequências. Nós não estamos mexendo com vocês, a nossa briga não é com vocês, mas vocês podem se envolver indiretamente, sem querer. E isso pode gerar consequências para vocês". Esse tom de ameaça vem desde as comunidades, até as suas lideranças, chegando em nós. É bastante forte isso atualmente.

Na questão do garimpo, a nossa região tem recebido muitas ameaças diretas. Inclusive é bem recente esse tipo de agressão aí, no Rio Preto. Temos garimpo adentrando no Rio Preto, temos garimpo adentrando aqui no igarapé do Jaraqui, no Rio Uneiuxi, dentro do Rio Cauboris, dos Yanomami. Esses garimpeiros têm mandado recados de ameaças para nós, e isso é um risco que não é só meu, mas de todas as lideranças que estão na frente do movimento indígena do Rio Negro, a começar pelo presidente da FOIRN, até as lideranças das nossas comunidades, que são os administradores. Sofremos bastante pressão e sem nenhuma garantia de proteção. A gente protege se benzendo e tendo fé que nada vai acontecer com a gente, mas essas ameaças são evidentes e isso a gente tem levado ao conhecimento das autoridades, para que, de fato, tomem providências. Agora a gente deve sofrer, principalmente as nossas lideranças da região do Baixo Rio Negro, com a retomada da mobilização pela demarcação. Pela tensão que envolve o tema da demarcação, o pessoal da Aibadi, Acirpp, Asiba e as nossas lideranças de comunidades devem sofrer muitas ameaças e pressão. Estamos numa área de conflitos, de gente que tem outros interesses; a tensão aqui no Baixo Rio Negro deve aumentar daqui pra frente, com a retomada das mobilizações pela demarcação da região do Baixo.



Capítulo 4

Foi fazer esse tal de cariamã lá pra dentro daquele rio: cerimônias e ritos de passagem

Os modos de ser e existir narrados neste capítulo relatam uma profunda conexão com a terra, o céu, o rio, a agricultura, sem separações entre humanos e biosfera. Também trazem a conexão com o passado ancestral, que se atualiza no presente por meio dos ritos, marcando a continuidade da vida e seus ciclos. Dabucuri, cariamã, jurupari, benzimentos, são cerimônias e ritos que marcam etapas e momentos importantes da vida individual e coletiva no Rio Negro, como vemos nas memórias aqui compartilhadas.

Nos ritos de passagem, o corpo é a terra para se transformar numa experiência que inclui a superação de momentos-limites através de desafios e provações, como narra Reginaldo Diniz Mendes "Pra virar um homem, benze com a pimenta-malagueta". Uma iniciação que lança a pessoa para fora da vida que conhecia, e isso envolve a desconstrução de antigas formas de se relacionar com o viver, marcando assim uma nova identidade. Essa experiência é marcada e festejada em uma celebração coletiva, ressaltando uma transformação individual e comunitária.

As celebrações enaltecem e atualizam a conexão entre natureza e vida humana, entre o passado e o presente, entre o individual e o coletivo, integrando corpo e ambiente, pessoa e comunidade em afetos que enlaçam relações de parentescos e completude. Nada está fora: chuva, rio, nuvens, roça, crianças, peixes integram profundos vínculos ancestrais. Ritos e celebrações são a força de uma cultura viva, atualizando narrativas e fazendo reviver antigas memórias. Ou nas palavras de Maria Célia Germano: "Por isso que eu acho que até hoje eu ainda estou sentada aqui".





"É nesse dia que a gente passa da fase que é criança pra adolescente"

Reginaldo Diniz Menezes – povo Tukano

De criança pra adolescente, a gente muda e passa a ter outro pensamento. Foi bom ter começado desde pequeno a brincar, até que meu pai me falou: "Um dia faz passagem de criança pra adolescente". Aí que vem o benzimento. Ele me benzeu. Como os brancos falam: "Pra gente virar um homem, benze a pimenta-malagueta, até outro tipo de pimenta,

que são bem ardosas". Meu pai escolheu a mais ardosa, pegou uma cuia e socava, pegava um pedacinho de peixe moqueado ou cozido e aí misturava lá, socava bem a pimenta e dava três colheradas pra gente, até quando der pra aguentar. Depois já vinha o chibezinho, uma manicuera, ou então outro tipo de bebida. Então, a gente sentava e chegavam os mais velhos, é nesse dia que a gente se acha o tal. Aí me chamaram e eu conheci a cerimônia do dabucuri, que eu nem sabia o que era, só havia escutado. Quando a gente é criança, é proibido, porque lá eles falam de jurupari, do homem e da mulher. Eu era doido pra conhecer isso aí, mas só que sempre evitava, porque eu ainda não tinha capacidade de conhecer, senão poderia pegar algum tipo de doença ou acontecer algo de ruim comigo, pois eu ainda não tinha recebido o benzimento com cigarro e com o breu. E eu queria conhecer, queria mesmo. Um belo dia a gente sentou, aí ele falou: "Agora chegou o dia. A gente vai lá reunir todo mundo". Aí fizeram, ele falou: "Nós vamos fazer isso e isso, em tal dia. Então, é nesse dia que a gente passa da fase que é criança pra adolescente". A gente passa três dias sem comer, jejuando.

Quando ele me deu a pimenta, foi conversando comigo e contando: "Agora que tu vai ver, com que a gente trabalha. E daqui pra frente vai ser diferente". Ia me dando conselhos do que eu podia e não podia fazer. Depois disso, tinha que passar quase um mês de resguardo para outra fase. Então, ele falou: "Agora chegou o dia". Aí trouxeram o caxiri e botaram no chão lá onde a gente estava e ele disse: "Tem que dar três colheradas pra engolir. Se tu não conseguir, é porque tu não está preparado". Está bom, fazer o quê? Eu tinha que ir, porque eu queria conhecer o tal do jurupari, com que ele trabalhava. Eu peguei, dei-lhe a primeira e consegui engolir, porque engoli logo, aí a segunda, aí na terceira quase que não foi, porque começou a enjoar, do jeito que eu estava com fome do jejum, ele falou: "Aguenta até onde tu puder, depois que tu engolir". Eu tinha passado três dias de fome, e tudo aquilo acontecendo comigo, e eu me sentia normal depois que engoli, que nem a gente está agora, de barriga cheia, mas só aquilo lá que eu comi, pimenta.

Depois mais meia eu já podia comer e beber, mas eu não quis, eu queria era conhecer o tal jurupari, que eles chamavam. Quando eles tocam esse instrumento lá, a gente escuta de longe. Pode ser daqui lá pra ponta da ilha, pro 'rabo' da ilha, e isso aí que era a minha curiosidade, queria saber, queria ver. Então, nesse dia eles falaram: "Agora vamos lá". Então, eu fui lá, troquei de roupa, vesti meu calção, minha vó veio, fez a pintura todinha em mim, a coroa lá, que era pra eu usar, as penas, que eu tinha que aprender tudo, era uma semana, então meu pai falou: "Agora, sim, nós vamos ver o velho e a velha". Andamos um bom pedaço pra dentro do mato, lá fizeram um lugar especial, tinha uma árvore enorme que ele limpou por baixo pra poder guardar aquele instrumento. Era grandão o jurupari, desse tamanho, assim. Acho que fazia uns trinta centímetros o maior. O menor era uns cinco centímetros a menos. Aquilo lá era casca de pauzinho com breu, colocou só umas folhas novas e ele foi me explicando porque ele zoava, porque fazia o som. Então, ele soprava um, que era o velho, e o irmão dele soprava o da mulher dele, a velha. É por aí que foi minha adolescência.



Batendo açaí pra fazer vinho, imagem captada pela câmera dos Guardiões da Memória

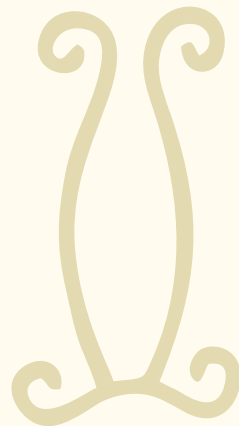


"Se a gente não fizer isso, as frutas podem acabar"

Marivalda Lauriano Xavier – povo Baniwa

Eu já fui aprendendo depois que eu casei, aqui mesmo, na nossa comunidade, as danças culturais; fui aprendendo com pessoas que já se foram e hoje não estão mais aqui. A primeira dança cultural que a gente sempre fazia na comunidade Cartucho e Boa Vista era a apresentação de dança de dabucuri. Uma vez a gente foi fazer pra lá na Boa Vista, porque tinha

que devolver essa dança pra natureza, é isso que a história conta: se a gente não fizer, as frutas podem acabar. Hoje em dia não existe mais isso, acho que por causa disso: a gente faz o dabucuri e depois ninguém vai devolver, e as frutas não são mais iguais a antigamente. Aqui a gente sempre fazia na escola com as lideranças, era mais com aturá e beiju. A escola recebia beiju, a comunidade entregava beiju, ou, se fosse de aturá, também seria com as mulheres. Os homens entregavam aturá pras mulheres e o beiju seria entregue pros homens, que são os cavalheiros. Então, assim que funcionava o dabucuri, que hoje também já se foi. Nós temos só um hoje, que está aqui conosco, ainda está vivo e é uma coisa que é da nossa cultura. Tenho muito orgulho dessa dança e até hoje meus familiares, minhas filhas fazem parte e gostam dessa cerimônia e também da nossa própria cultura.



Quem escuta, sente:

Desde quando eu me entendi, que eu nasci no sítio e me criei no sítio, até os doze anos, o que meu pai, meu avô, meu tio me ensinaram, foi que tudo aqui na Terra tem dono. Na verdade, a natureza tem dono, tudo tem dono aqui. A mata tem dono, se você for no rio também tem dono, qualquer lugar tem um dono. Quando os colegas falaram sobre o respeito da natureza, eu lembrei do que o meu avô e o meu tio me diziam: "Você gostaria se alguém chegasse na sua casa, se fosse bagunçar, fazer alguma coisa, barulho, quebrar alguma coisa?" Fala. "Não." Então, é isso que a natureza diz. Se você chegar sem pedir licença, vai gritar no meio da mata tipo adoidado, com certeza, rapaz, você vai ter uma resposta que não será boa pra você, será ruim. É preciso respeitar, seja lá onde você for: um lago, uma pedra, uma praia, no mato. Se você for abusar, você vai ter dano. Pode até não vir naquela hora, mas pode vir através de um sonho, através de uma doença. Por isso que os antigos se protegiam e se benziavam desde o nascimento, já tem o cariamã, o corpo praticamente todo benzido. Hoje em dia não, a gente não tem mais esse benzimento como eles tinham antigamente. Por exemplo, quando uma mulher fica formada, vamos dizer, a primeira vez, ficava uma semana sem tomar banho, só tomava mesmo água. Só ia tomar depois de uma semana, depois que o pajé fizesse o benzimento nela, aí podia tomar banho e se alimentar. Isso que minha tia fala que mudou muito. É por isso que os encantos 'pegam' mais rápido, já vai ficando com dor de cabeça, aquela coisa. É a mesma coisa na natureza, se a gente não tem aquele benzimento para entrar, se não pedir licença, as coisas não dão certo. Nosso rio também tem dono, tudo tem dono aqui.

Rogério Xavier Emitério – povo Baniwa

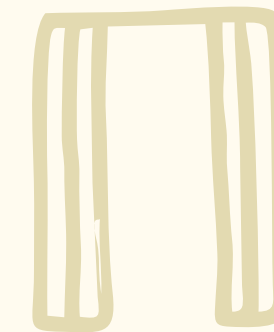


Mulher em trabalho cotidiano, registrada pela câmera dos Guardiões da Memória

"Teve um bocado de benzimento no meu corpo"

Everalda Pascoal de Menezes - povo Baré

Eu trabalhava com minha mãe, na roça, desde pequena. A gente fazia farinha, ralava no ralo, fazia quatro, cinco paneiros. Tinha um senhor português ali embaixo, a gente ia vender pra ele, pra gente poder comprar as coisas. Meu pai viajava pra trabalhar, mas aquilo que ele trazia também não dava, então a gente tinha que fazer a nossa própria farinha. O nosso café, antigamente, era um mingau de goma de maniquera. A minha mãe quem cozinhava, acordava de madrugada e escangalhava a goma pra ela poder fazer o mingau pra gente beber. Nossa vida era assim antigamente. Festa, ninguém sabia o que era; a nossa festa era o tal de dabucuri. As mulheres pulavam e bebiam o caxiri enquanto os nossos cavalheiros vinham com o japurutu. Aí a gente abraçava o cavalheiro e dançávamos o dabucuri pulando a noite todinha na nossa festa, era muito animado. Hoje em dia essas festas que têm são feitas com som de aparelhos mecânicos, mas as pessoas não dançam, só ouvem. Antigamente, o nosso aparelho era o dabucuri, a gente cortava a taboca e a embaubeira e pulávamos batendo os pés contra o chão. Era assim a nossa convivência antigamente. Por isso que eu acho que até hoje eu ainda estou sentada aqui. Teve um bocado de benzimento no meu corpo, a minha mãe usava os benzimentos dessa festa.





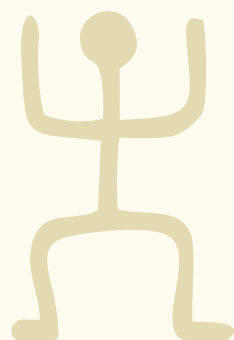
"Acho que é mais por vergonha"

Diones Lauriano Baltazar – povo Baré

A nossa dança cultural, que a gente fala, eu vim ver quando já era grande, quando eu já pensava um pouco. Isso foi recente, não foi nem há muito tempo. Eu lembro que uma vez a gente foi lá em Boa Vista, aqui próximo, nosso vizinho aqui embaixo, e foi a primeira vez que eu vi a cerimônia do dabucuri. Foi uma coisa que eu nunca tinha visto, e foi muito bacana. Esse

dabucuri que eu vi nunca tinha dançado, mas, como meu pai sempre foi animado, eu fui saber com ele e também fui conversar um pouco com minha avó, pra eles me contarem, isso foi há pouco tempo. Falaram que era muito animado antigamente o dabucuri, muito animado mesmo. E hoje, ao invés de nos animarmos, a festa está acabando, porque nós, os jovens, não queremos saber mais disso. A gente só quer saber de dança dos brancos, vamos dizer. E eu acho que é por motivo de vergonha de querer participar da nossa cultura, da nossa tradição.

Às vezes a gente chama o pessoal e tenta organizar. Pouco tempo atrás eu dancei o dabucuri. Eu gosto de dançar, a gente tem ainda umas fotos aí, foi animado. A gente foi lá do outro lado, lá onde tem a praia, pra fazer a dança do dabucuri, e foi uma coisa bem legal que a gente fez. Os homens foram fazendo as coisas para as mulheres, fomos pescar pra elas e elas fizeram beiju pra nós. Então, a gente está tentando resgatar, mas, como eu falei, a maioria dos jovens, não se interessa mais por isso. A gente tenta 'correr atrás'. Mas precisamos dos mais velhos pra fazer junto, os jovens ficam só vendo enquanto nós é que deveríamos estar 'puxando' a frente, os mais novos deveriam estar lá com a gente, motivando.



Quem escuta, sente:

O que eu entendo pela minha vivência e luto para que outras pessoas possam entender é que isso não é uma lenda, isso é algo que está na vida. Essa dança não é só festa, mas é uma cerimônia que marca os ciclos da vida, é através disso que a vida continua. Essa é a nossa vida. Eu, por exemplo, poderia ter aprendido a escrever e a ler na língua, muito mais do que eu sei agora. Sabe qual foi o maior motivo? A vergonha nossa.

Quando eu ouvi falar que a gente estava perdendo a língua, perdendo nossa cultura e, principalmente, quando eu ouvi o comentário de que estávamos tendo vergonha de viver a nossa cultura, então me veio na mente que não era exatamente só vergonha, esse sentimento tem uma história. Ao chegar aqui nesse lugar, eu comecei a estudar na escola, e fui aprendendo aquilo que não era da minha cultura, fui aprendendo a cultura dos brancos e que a minha era "errada". Não era permitido falar na nossa língua dentro da escola, não tinha essa permissão de conversar na nossa língua dentro da sala de aula. Esse já foi um grande impedimento que nos afastou da nossa cultura. O pessoal tirava sarro de quem insistia em falar. O professor vinha e já dizia que não era pra falar, porque aquilo não era bom pra gente, que a gente tinha que aprender o português pra poder viver no mundo. Com isso nós começamos a ter vergonha e fomos deixando de falar, de conversar, de querer dançar. E, quando chegava em casa, a gente ensinava isso pra nossa família: "Não, pai, porque o professor disse que a gente não precisa mais falar na nossa língua, a gente tem que aprender o português mesmo". Então, isso foi crescendo dentro de mim, dos meus irmãos, dos meus primos, e a gente foi deixando a nossa cultura. Esse sentimento de vergonha nasceu não porque a gente não gosta da nossa cultura, mas porque não era permitido viver nela, porque a gente era humilhado, e nesse processo perdemos muita coisa. Esse, sim, é o maior motivo da nossa vergonha.

Juscelino Joaquim Gregório – povo Baniwa



Paneiro, cesto cargueiro típico do Médio Rio Negro.

“Os brancos já trouxeram aquela vida deles assim, sem ver nada”

Maria Célia Germano – povo Baré

Eu tenho isso que chamamos de cariamã. Eu não sei se vocês têm, mas eu tenho. Carimã era assim: a primeira vez que você ficava menstruada, cozinhavam uma pimenta, esticavam uma rede, assim, bem esticada pra você deitar e ali você passa sete dias que nem água pode tomar. A primeira vez que eu fiquei menstruada, vieram me chamar, era um senhor que veio de São Gabriel, o seu Vicente; ele veio fazer o cariamã lá pra dentro daquele rio, onde a gente morava. Chegou ele e a mulher dele, era um índio mesmo. Chegou lá e fez o benzimento em mim e mandou minha mãe tirar um paneiro de mandioca. Ela tirou e deixou na casa do forno. Então, eu fui lá tive que dar sete voltas correndo, com aquele paneiro de mandioca. Depois eu deixei assentar uns trinta minutos e depois precisei raspar. A faca que eu usei e o ralador ele já tinha deixado tudo benzido, aí eu mandei brasa, raspei mandioca, peguei o ralo, ralei, pronto, deixei aquela massa lá. Então mandaram esticar uma corda, e trouxeram um tal de biradabi dentro de um caniço. Teceram assim aquela ponta, colocaram lá pena de tucano, de arara, de jacu, várias penas. Aí disseram assim: “Nós vamos dar três surras em você. Pode ficar sentada”. Aquela surra até hoje eu lembro. Mas aí, o que eu quero dizer aqui? Que hoje eu não sinto dor de corpo, anteontem intei 62 anos, preguiça nunca existiu, sempre fiz as coisas rápido, muito rápido mesmo, eu planto com muito ânimo. O que posso dizer, que essa é a raiz, é daí que vem mesmo essa força, e tudo isso fizeram comigo.

Meu pai morreu aos noventa e não sei quantos anos, e ele era do cariamã, antes de falecer disse assim pra mim: “Célia, tu ainda vai viver muito tempo. Agora eu sinto que eu estou velho, já vou morrer”. Eu digo: “Eu sou do cariamã”. Então, gente do cariamã é muito difícil morrer cedo, sempre morre mais tarde. Antigamente, pra nós, essa era a história da nossa vida, e não era só eu, não. Quem dera se a gente pudesse fazer esse resgate. Os 'brancos' já trouxeram aquela vida deles assim, sem ver nada. Agora, nós não, nós somos muito diferentes, a nossa vida aqui, no interior do Brasil. Por que nossa etnia é Baré? Do Baré nasceu o quê? Do Baré, o que veio? Então, os Baré, antigamente, não eram portugueses.



A close-up photograph of a person's hands, likely of African descent, holding a large, curved knife. The hands are positioned over a bright red surface, possibly a piece of fabric or paper. The lighting is warm, highlighting the texture of the skin and the wood of the knife handle. In the bottom left corner of the page, there is a decorative graphic of a grid of yellow dots.

Capítulo 5

O benzedor já era doutor considerado: sobre partos, benzimentos e remédios

Neste capítulo mergulhamos em histórias que falam sobre algumas das medicinas tradicionais do Rio Negro presentes nas trajetórias de mulheres e homens, que aprenderam com seus avôs e avós, mães, pais e outros parentes saberes e práticas dedicados à proteção da vida das pessoas e das comunidades.

São parteiras, benzedores, conhecedores de remédios do mato que nos contam como a saúde das pessoas, seus povos, suas culturas e seu ambiente estão inextricavelmente ligados. Um conhecimento sistêmico que conecta o ambiente natural, o social, o pessoal e o espiritual com a floresta e seus seres. Da floresta se extraem remédios, fórmulas de reza, fonte de vida e cura; mas é também da floresta que aparecem doenças, ataques de seres encantados e perigos que afetam a saúde das pessoas. Portanto, o manejo da vida e o cuidado com a saúde está intrinsecamente vinculado ao manejo da floresta e ao equilíbrio das relações entre os humanos e não-humanos que coabitam este território.

Caminhar com a sabedoria desses narradores e narradoras é compreender as palavras de Roberto Carlos Paiva Tukano: "O remédio está bem pertinho da gente". Com os olhos de alguém de dentro da mata, é possível caminhar e perceber a pimenta jiquitaia plantada nas roças, a casca de biribá, ervas como a "mão-de-anjo"; uma constelação de plantas medicinais cultivadas pelas mãos dos povos originários. Mas como nos conta Hermes Venâncio Tukano, "tomar da água e falar as palavras do pajé", tornando-se, então, um benzedor envolve um longo processo de formação, que consiste numa série de aprendizados e provações, como a abstinência, o isolamento social e dietas, marcando a conexão entre corpo e intelecto, o material e o espiritual, os humanos e os demais seres que povoam este território de rios, florestas.



"Por que a gente, no antigo, vivia muitos anos?"

Everalda Pascoal de Menezes – povo Baré

Minha mãe era uma parteira e ia partejar as senhoras. Nunca um bebê morreu nas mãos dela, foi sempre um parto bom. E ela me levava com ela pra ajudar: eu fazia o chá com caribé pra dar pra senhora que estava sofrendo. Dentro mesmo do lugar eu não ia, ficava fora só fazendo o que ela mandava. Quando estava no fim e a criança tinha nascido, aí vinha o pajé benzer

soprando o tabaco na criança, e pra essa senhora tinha a mutauariça pra quando fosse tomar banho. Ele benzia tudo com o breu: o caribé, o peixe, o vinho de frutas, o açaí, buriti, patauí, tudo ele benzia. Colocava o breu no fogo, passava o pé assim, na fumaça do breu, no quarto, no bebê, aí a mãe saía e tinha umas garotinhas que convidavam pra ir tomar banho igual com ela, dentro da água. Quando chegava na beira, a mãe defumava por cima da água, pra ela tomar banho enquanto pajé ia benzer o caribé pra ela comer. Nós, antigos, éramos assim. Até minha mãe foi assim comigo, porque nós tínhamos pajé.

Antigamente nós tínhamos esse negócio de sopro de pajé no nosso corpo. É por isso que nunca aconteceu nada com a gente. Antigamente a gente era sadio, os velinhos não morriam tão cedo, eram sadios, trabalhavam, fortes, porque eles tinham aquele benzimento do pajé. Em casa a gente fazia a mesma coisa: a minha mãe defumava a gente, levava pra beira, pra ir tomar banho, pra comer, beber, tudo isso, o pajé benzia, isso que é o mutauariça. Por que a gente, no antigo, vivia muitos anos? Porque tinha aqueles benzimentos dos pajés antigos que a gente usava e morria lá com noventa anos, cem anos, a gente resguardava muito. O pajé benzia pra gente pimenta jiquitaia pra gente comer peixe pra não fazer mal pra gente. Então, hoje em dia, as senhoras têm bebê e não usam mais isso. Por que às vezes acontecem algumas coisas? Porque não tem mais pajé e não acreditam mais.



"Quando a criança está com capa, a gente quebra com alho"

Orlanda Pereira Mesquita Maia – povo Baré

Minha mãe é parteira e eu comecei a fazer parto nova, estava com 18 anos, acho. O primeiro parto que eu fiz foi da Maria, mulher do Leôncio. Foi lá pro alto, num igarapé ainda seco, essa foi a primeira filha dela. Foi difícil, porque, naquele igarapé seco, como é que eu podia trazê-la? Logo a primeira mulher que veio na minha vida, eu fiquei nervosa quando o pai dela me chamou.

A Maria estava toda inchada porque a criança estava com capa, ela estava desesperada, chorando. Então eu criei coragem. Eu não sou dessas mulheres que a parteira faz logo a coisa, não, eu crio coragem. Lembrei que a minha mãe me orientou: "Quando a criança está com capa, a gente quebra com alho, ou então sal, caroço de sal. Aí eu furei com caroço de sal. Na mesma hora nasceu. Agora com o tempo posso dizer que todas as mulheres daqui eu já partejei, já vieram até me buscar lá de São Francisco pra eu ir partejar mulher pra lá. Agora eu não quero mais, não. Já estou velha e não dá mais. Só algumas que eu ainda vou, a mulher do Everaldo mesmo fui eu que fiz o parto dela.

Isso aconteceu na minha vida porque eu observava as coisas que a minha mãe fazia, depois eu repetia do mesmo jeito. Quando eu fui ter marido, por exemplo, eu já sabia fazer as coisas por conta, a minha farinha saía bonita, graças a Deus eu não precisei da minha mãe, não, depois que eu tive marido. Eu sei fazer peneira, abano, vassoura. Eu só não sei fazer tipiti, mas isso daí eu sei tudinho, fazer artesanato, esteira. Eu aprendi com minha mãe.



Quem escuta, sente:

Quando eu entrevistei a dona Orlanda, eu escutei a história dela e a realidade que ela teve. O pai dela trabalhava longe e ela não tinha muito contato com ele. Ela ia pescar para sustentá-la, porque ela morava sozinha com a mãe. Eu gostei muito quando ela falou do primeiro parto que ela fez lá pra cima do igarapé; aquela dificuldade que ela passou eu nunca imaginava. Fiquei pensando como ela fez aquele parto com dezoito anos. Eu vi a realidade dela quando ela fez o parto do meu filho. Pra mim foi muito bom, porque ela é experiente mesmo, não só de fazer parto, mas, de fazer artesanato, ela sabe fazer farinha. Quando ela contou a história dela, eu me lembrei do parto do meu filho. Foi emocionante pra mim.

Everaldo da Silva Joanico – povo Baniwa

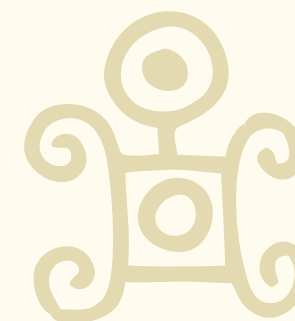


Mulher banhando uma criança no Rio Negro, captada pela câmera dos Guardiões da Memória.

Quem escuta, sente:

Eu sinto que, pra uma mulher começar a trabalhar como parteira, ela é uma guerreira. Começando que ela tem uma forma de ajudar a outra pessoa a gerar luz, é uma pessoa que ajuda a mulher a dar a luz. Por exemplo: uma mulher guerreira, que tem o dom de ajudar outras pessoas e de trazer a vida. Conhece até mesmo vários tipos de remédios, que usa quando precisa no momento que a mulher dá a luz. A gente escutou ela falando de vários tipos de remédios nessa entrevista que eu nem mesmo conhecia. Pra mim, que é como exemplo pra minha vida, que é muito bonito e muito lindo essas mulheres que têm esse conhecimento, são mulheres guerreiras.

Adriele Costa da Silva – povo Tukano





“Já nós, como somos indígenas, nossa aprendizagem, com nossa mãe, é diferente”

Lucimar Rodrigues Alves – povo Baré

Depois que eu tive esse meu primeiro bebê, minha mãe me convidou quando tinha mulheres que estavam grávidas, ela passou a me chamar pra ver como ela fazia.

Eu via como ela ajeitava o bebê, como fazia para ir apresentando a criança, como vem vindo no mundo. Ela me ensinou também como é pra gente ajeitar o útero da mulher, no hospital

eles não ajeitam, não, o bebê nasceu e pronto. Isso eles não fazem, já nós, como somos indígenas, nossa aprendizagem com a nossa mãe, é diferente. Algumas vezes o bebê está virado ao contrário, outras vezes o bebê puxa o ar com a água e quando nasce desmaia. Então, tudo isso minha mãe ensinava como lidar, porque, quando o bebê não chora, a gente já puxava água com a nossa boca pelo nariz dele, pra tirar a água. Tudo isso porque a gente, mulher, é normal, porque tem mulher que tem parto seco e tem mulher que não tem. E logo, logo já vem o líquido, antes de nascer o bebê. Às vezes passa dois dias, um dia, o líquido já vai, mas só que nós aprendemos que algumas vezes não é perigo, algumas vezes não chegou a hora do bebê ainda.

Tem um tipo de remédio que a gente usa que é de planta mesmo, nós temos aqui. A gente tira, rala e precisa amornar na água pra colocar na cuia e dar pra mulher tomar, pega e rasga a cuia que a gente deu pra ela tomar. Aí, o resto do remédio que sobrou a gente já pega pra passar na barriga da mulher, amornada. Quando a gente vê que o bebê não vem, não quer descer e não está passando aquela dor da mulher, a gente já tira o quê? Bate alho, dois dentes de pimenta-do-reino e azeite doce, já amorna um pouquinho, passa na mão tudinho e depois passa na barriga da mulher e na parte íntima também. Uma coisa que eu não faço: toque, porque lá eu estou vendo como o bebê vem vindo, se apresentando, porque quando é normal, o bebê vem se apresentando. A gente está vendo na parte da mulher como vai; muitas vezes acontece no hospital deles já saírem fazendo muito toque na mulher, alguns ofendem a mulher.

Desde a minha infância, nova, eu fui aprendendo com a minha mãe e com a minha tia, que também era parteira. Elas foram me ensinando como a gente deve partejar uma mulher. Porque eu, no meu caso, já partejei várias mulheres que são aqui da minha comunidade mesmo. Já partejei, eu sei como é que se faz partos.

“Sempre quando eu partejo as mulheres, uso casca de biribá”

Ivânia Melgueiro Baltazar – povo Baré

Quando eu estava com uns 18 anos, minha vó faleceu e hoje eu sempre tenho lembrança dela, muita, porque hoje tudo o que eu sei, foi ela quem me ensinou. Não foi minha mãe que me ensinou, foi minha vó. Ela me orientava: “Procura ser parteira. Eu sou sua avó, sou parteira. Eu nunca dependi de outras pessoas, eu ficava vendo a minha mãe. Hoje você vai aprender comigo, minha neta”. Eu fui aprendendo devagarinho com ela; quando eu tinha 14 anos, onde tinha uma mulher que ela ia partejar, eu acompanhava. A gente não morava na comunidade, morávamos no sítio, então eu caminhava atrás da minha avó pra fazer os partos, e ela me dizia: “Vamos embora, minha neta, toca a sua roupinha e vamos embora”. Por aí eu fui indo, fui indo, e aprendendo. Aí minha vó disse pra mim: “Olha, pra ti não ficar dependendo dos outros, você mesmo tem que fazer, porque você vai ter filho, vai ter nora. Pra não precisar dos outros, tu mesma vai aprender”. Eu aprendi mesmo e fiz vários partos que já nem sei quantos. Eu não uso benzimento, mas eu uso mais remédio caseiro. Sempre quando eu partejo as mulheres, uso casca de biribá, que a gente tira aquela casca e o peito, aí ela fica gosmentinha e a gente dá pra mulher que sofre. Aí tem aquela plantinha que chama mão-de-anjo, a gente a rala, passa na peneirinha e dá pra pessoa tomar. Essa é a história da minha vida que eu conto pra vocês.



Quem escuta, sente:

O mais forte de ouvir essa história é pensar que ela foi preparada na vida pela avó dela. A avó ensinou muita coisa mesmo, que ela usou pro resto da vida, até hoje a avó está presente. Bom, já a minha avó ralha muito comigo, mas me ensina também, eu aprendo. Eu acho isso bonito mesmo.

Sayane da Silva Chagas – povo Baré



“O remédio está bem pertinho da gente e a gente acaba morrendo”

Roberto Carlos Teles Paiva – povo Tukano

A minha juventude ficou marcada, pois, quando eu tinha uns 17 anos, eu vivia na cidade de Manaus e aprendi umas coisas que não deveria ter aprendido, mas hoje eu estou aqui para retificar isso aí. O meu finado pai, nesse período de tempo, não me deu remédio dos 'brancos', porque isso não tinha. Existia mais eram os remédios caseiros, então principalmente pra

diarreia. Hoje eu sei um pouquinho desses remédios. Eu não posso dizer que eu não sei, porque eu aprendi com meu finado pai um pouquinho desses remédios que me ajudaram. Ainda hoje estou aprendendo com meu sogro, que tem 75 anos. Ele tem me ensinado remédios de cobra. O meu tio Tiago também, que é tio da minha mulher, tem me ensinado remédios de cobra. Mas algumas vezes, quando o perigo chega, a gente acaba esquecendo. O remédio está bem pertinho da gente e a gente acaba morrendo, mas eu sei um pouquinho desses remédios, principalmente diarreia, vômito, tudo isso eu conheço um pouco. Foi o meu tio, que morava lá no Tarumã, quem começou a me ajudar a colocar umas coisas boas dentro do meu pensamento e hoje eu estou aqui colocando o que eu aprendi com ele em prática.

Quem escuta, sente:

Quando a gente nasce, já conhece o benzimento, está presente até hoje. Só que eu acredito que sem o benzimento a gente não estaria aqui; na verdade, já tinha falecido faz tempo. Tem benzimento já pra comer, pra beber, até pra fazer agricultura precisa ir na roça e a mulher benze a terra antes de plantar. E tudo isso já se inicia quando a pessoa nasce.

Rogério Xavier Emitério – povo Baniwa

“O benzedor já era doutor, considerado”

Albertino Correia da Silva – povo Tukano

Eu aprendi com meu avô, com 15 anos, que havia os “chupadores de doença”, tinha benzedor – tinha e até hoje ainda existe. Aprendi com ele e guardei em mim todos os ensinamentos que ele me deu. Aprendi tudo na tukana, porque a maioria falava na etnia deles. Cada povo tem o seu benzimento, como se diz, não é igual, tudo se diferencia nas linguagens que usamos. Então, eu

quis aprender com meu avô, e eu sou benzedor, mesmo. Antigamente eles eram os doutores do povo, vamos dizer, porque quem era benzido com eles ficava com boa saúde. Porque não tinha doutor pra cá, não, então o benzedor já era doutor, considerado. Até hoje muitos consideram ainda. No hospital não tem benzedor desse jeito, e muitas doenças é a gente que combate. Então, isso eu aprendi.

Eu sou Tukano e minhas orações são na linguagem tukana. E aí, pra traduzir é que é “o negócio”, vocês não entendem tukano. Eu sei muitas coisas na língua tukana, mas eu vou passar por cima pra vocês entenderem. Em primeiro lugar tem três tipos de dor de cabeça, cada tipo tem sua oração. Tem que benzer quando a menina está se tornando moça. É outra coisa. Depois do parto, antes do parto, dores no corpo e febre a gente benze também. Eu benzo cobreiro, tumores e cuidado de quedas, tudo isso são orações que eu conheço. Benzo para proteger o corpo, pra ter mulher mais rápido, e também para a mulher arrumar logo um homem. Todas essas coisas, eu benzo. É por isso que essa gente vem falar comigo. Toda pessoa que veio pedir um relacionamento, eu benzo e arruma logo. Então isso é sabedoria da pessoa que sabe benzer. Por isso que eu estava procurando nesses tempos uma pessoa adulta que fala tukano, para eu transmitir essas orações, porque às vezes eu morro e aí? Nem meus filhos não se interessam mais, porque falam português, daí não dá pra transmitir. Agora, escrever, pode até escrever, com a linguagem tukana, né? Importante é deixar lá a marca, o registro dessa história. Essa ideia é melhor, escrever num caderno em linguagem tukana, dizendo: essa oração é assim, a outra lá é assim. Acho que seria melhor, pois ninguém mais quer falar a linguagem dos antigos.





"O remédio está bem pertinho da gente e a gente acaba morrendo"

Roberto Carlos Teles Paiva – povo Tukano

A minha juventude ficou marcada, pois, quando eu tinha uns 17 anos, eu vivia na cidade de Manaus e aprendi umas coisas que não deveria ter aprendido, mas hoje eu estou aqui para retificar isso aí. O meu finado pai, nesse período de tempo, não me deu remédio dos 'brancos', porque isso não tinha. Existia mais eram os remédios caseiros, então principalmente pra

diarreia. Hoje eu sei um pouquinho desses remédios. Eu não posso dizer que eu não sei, porque eu aprendi com meu finado pai um pouquinho desses remédios que me ajudaram. Ainda hoje estou aprendendo com meu sogro, que tem 75 anos. Ele tem me ensinado remédios de cobra. O meu tio Tiago também, que é tio da minha mulher, tem me ensinado remédios de cobra. Mas algumas vezes, quando o perigo chega, a gente acaba esquecendo. O remédio está bem pertinho da gente e a gente acaba morrendo, mas eu sei um pouquinho desses remédios, principalmente diarreia, vômito, tudo isso eu conheço um pouco. Foi o meu tio, que morava lá no Tarumã, quem começou a me ajudar a colocar umas coisas boas dentro do meu pensamento e hoje eu estou aqui colocando o que eu aprendi com ele em prática.

Quem escuta, sente:

Quando a gente nasce, já conhece o benzimento, está presente até hoje. Só que eu acredito que sem o benzimento a gente não estaria aqui; na verdade, já tinha falecido faz tempo. Tem benzimento já pra comer, pra beber, até pra fazer agricultura precisa ir na roça e a mulher benze a terra antes de plantar. E tudo isso já se inicia quando a pessoa nasce.

Rogério Xavier Emitério – povo Baniwa

"O benzedor já era doutor, considerado"

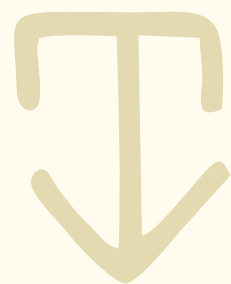
Albertino Correia da Silva – povo Tukano

Eu aprendi com meu avô, com 15 anos, que havia os "chupadores de doença", tinha benzedor – tinha e até hoje ainda existe. Aprendi com ele e guardei em mim todos os ensinamentos que ele me deu. Aprendi tudo na tukana, porque a maioria falava na etnia deles. Cada povo tem o seu benzimento, como se diz, não é igual, tudo se diferencia nas linguagens que usamos. Então, eu

quis aprender com meu avô, e eu sou benzedor, mesmo. Antigamente eles eram os doutores do povo, vamos dizer, porque quem era benzido com eles ficava com boa saúde. Porque não tinha doutor pra cá, não, então o benzedor já era doutor, considerado. Até hoje muitos consideram ainda. No hospital não tem benzedor desse jeito, e muitas doenças é a gente que combate. Então, isso eu aprendi.

Eu sou Tukano e minhas orações são na linguagem tukana. E aí, pra traduzir é que é "o negócio", vocês não entendem tukano. Eu sei muitas coisas na língua tukana, mas eu vou passar por cima pra vocês entenderem. Em primeiro lugar tem três tipos de dor de cabeça, cada tipo tem sua oração. Tem que benzer quando a menina está se tornando moça. É outra coisa. Depois do parto, antes do parto, dores no corpo e febre a gente benze também. Eu benzo cobreiro, tumores e cuidado de quedas, tudo isso são orações que eu conheço. Benzo para proteger o corpo, pra ter mulher mais rápido, e também para a mulher arrumar logo um homem. Todas essas coisas, eu benzo. É por isso que essa gente vem falar comigo. Toda pessoa que veio pedir um relacionamento, eu benzo e arruma logo. Então isso é sabedoria da pessoa que sabe benzer. Por isso que eu estava procurando nesses tempos uma pessoa adulta que fala tukano, para eu transmitir essas orações, porque às vezes eu morro e aí? Nem meus filhos não se interessam mais, porque falam português, daí não dá pra transmitir. Agora, escrever, pode até escrever, com a linguagem tukana, né? Importante é deixar lá a marca, o registro dessa história. Essa ideia é melhor, escrever num caderno em linguagem tukana, dizendo: essa oração é assim, a outra lá é assim. Acho que seria melhor, pois ninguém mais quer falar a linguagem dos antigos.





Quem escuta, sente:

Eu aprendi assim: que, pra passar o benzimento pra uma pessoa, aquela pessoa tem que ter o dom. Não é eu pegar e passar pra qualquer pessoa, não. Tem que ter o mesmo dom que o benzedor pra conseguir passar pra ele. Só assim é que vai dar para abrir a mente, assim que a gente fala. Precisa abrir a mente da pessoa para poder se tornar um benzedor. Meu pai também rezava, e as pessoas iam lá procurar ele também. A vida inteira ele pedia pra eu aprender, só que na época eu não me interessava. Mesmo assim, eu sei várias coisas.

Edinéia Ventura Cipriano – povo Baré



Convivência entre pessoas e animais na comunidade Acariquara, registrada pelos Guardiões da Memória



**“Lá que surgiram esses negócios:
quem vai benzer, quem vai ser pajé,
quem vai ser curador”**

Hermes Venâncio Brazão – povo Tukano

Vou contar minha história, como foi que começou esse negócio de rezar. Antigamente, muito antes de nós, veio gente lá de baixo do rio. Assim que meu tio contou pra mim, agora não sei se é verdade. Essa gente surgiu na Cachoeira do Ipanoré, saiu de lá. Aí, o meu tio me levou lá na cachoeira e disse assim pra mim: “Lá tem uma pancada de água alta que cai assim. A gente

entra naquela pancada, por baixo, lá dentro é um salão, debaixo daquela pedra. Vamos dizer assim: uma maloca, né? O barranco é assim na altura e a água passa por cima. Lá embaixo é uma maloca de pedra e é seco, não tem água. Aí ele falou pra mim: “A gente vai entrar, só que será nadando uns três dias e não vamos poder tomar água, só assim consegue entrar, mas se você não fizer isso, você não vai conseguir. Lá tem um buraco de pedra assim e outro assim, e a água é branquinha, aí tu vai beber dessa água. Depois vai naquele outro buraco e vai beber também, e só depois é que você volta. Lá dentro é igual a parede de casa, é desenhado todo tipo de artesanato, lá está escrito como fazer balaio, tipiti, peneira, pra todas essas coisas tem um desenho de uma pessoa mostrando como é que faz; a gente aprende também isso nesse lugar sagrado. Então, foi lá que surgiu esse negócio aí: quem vai benzer, quem vai ser pajé, quem vai ser curador. Precisa tomar água pra poder falar as palavras do pajé, tem gente lá que vai falar pra você e te contar tudo como começou. Só depois você volta no teu sonho”, ele falava isso pra mim me contando sobre como começaram os negócios de benzimento e ia me ensinando também: “É assim, tira isso aqui, isso aqui é assim”.

Ele contava pra mim como a gente reza e eu fui aprendendo tudo com ele. Ele se preocupava e me orientava: “Olha, daqui mais tarde, quando tu já tiver uma certa idade, mais ou menos, você vai precisar dessas coisas, porque eu não vou viver, eu vou morrer e vai ficar pra você. Então, a gente tem que ensinar, pra você poder saber as coisas, pra você fazer daqui mais tarde”. Na época eu ficava pensando: “Não, acho que ele fala bobagem”. Então, chegou certa idade, acho que eu estava com dezessete, dezoito mais ou menos, comecei a pensar mais sério nessas coisas, lembrando dele falando pra mim: “Olha, eu não estou mais pra viver muito tempo com vocês, por isso que eu estou falando isso pra ti. Você vai ter que aprender a benzer a mulher que vai ter bebê, pra dar banho e pra ela comer, e a criança você tem que fechar o corpo, pra poder criar saúde e pra criança comer, você vai ter que benzer. Tudo isso você tem que fazer”. Ele foi me ensinando e eu também fui guardando todas essas coisas.

Quem escuta, sente:

Eu, praticamente, fiz uma coleção aqui de frases que ele citou. Quando ele disse que não vai ter que ter ninguém pra me substituir no seu trabalho, isso mexeu comigo. Quando ele diz também uma coisa forte: “Guardei em mim todos os ensinamentos que ele me deu”, que foi o avô dele. Então, a última frase que ele citou, que não é em qualquer língua que se faz o benzimento. Então, só na própria língua dele mesmo, na língua que ele aprendeu que pode ser feito o processo do benzimento. São coisas muito importantes que ele citou, várias coisas que a gente poderia se aprofundar mais, que a gente pode se aprofundar mais ainda na história da vida dele e aprender com o que ele passou.

Juscelino Joaquim Gregório – povo Baniwa



Registro das belezas locais feito pelos olhos dos Guardiões da Memória

Capítulo 6

Qualquer mata que seja, tem que sempre fazer aquela tradição: parentes encantados e lugares sagrados



As histórias de vida narradas neste capítulo nos convidam a conhecer – em primeira pessoa – lugares sagrados e seres encantados do noroeste amazônico. Nos caminhos dessas narrativas adentramos as serras e os seus portais, o fundo da água e a perigosa magia de seus encantos, os guardiões da floresta e suas regras de como se comportar dentro da mata. Para chegarmos nessas narrativas com o respeito que um lugar sagrado merece, é preciso antes abrirmos as percepções para uma realidade onde a comunidade se apresenta como um espaço amplo de interação entre seres de distintas ordens que habitam os rios e florestas: aqui humanos e não-humanos (animais, espíritos e inúmeros seres encantados) se encontram nas mais variadas ocasiões cotidianas. O território é morada para socializações entre pessoas de um mesmo povo, parentes de outras etnias, não parentes; e sem nenhum desvalho hierárquico, implica também nas relações entre floresta, rio, animais e os seres encantados: gentes de outros mundos que estabelecem relações sociais e conjugais de grandes aprendizados e riscos, como conta a história "Nenhum barco, nenhuma canoa iam poder passar no nosso rio Negro" de Marivalda Lauriano, do povo Baniwa.

Um ser encantado e os lugares sagrados criam outros sentidos para a existência, pois são disponíveis a atravessar os tempos e se transmutar em diferentes expressões da natureza: planta, árvore, pássaro, peixe, fogo, rio. Essa habilidade é que garante a sua permanência na memória ancestral. Por fim, será um encantado com sua presença mágica que irá driblar a lógica racionalista e que encantará aqueles que tentarem apreender a vida através de uma única realidade possível. Aqui nada é sobrenatural, tudo é sobre o natural.





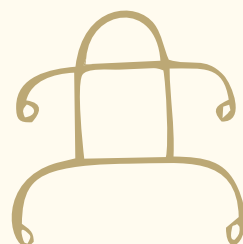
“Diz que lá embaixo era uma cidade muito bonita”

Joaquim Rodrigues Costa – povo Baré

Eu vou contar uma história aqui que quase todos conhecem. Aconteceu em Temendawí que é um lugar de encanto. Há muito tempo, festejavam lá, e a gente ia pras festas. Eu era só um curumim e só servia mesmo pra levar minhas irmãs pra irem namorar. Como eu era remador deles, ia ouvindo essa história. Dizem que o rio Darahá era um lugar onde tinha muita mulher,

muita dama, dama que as pessoas dançavam, o pessoal se juntava nessa comunidade e faziam festa. As mulheres dançavam com uns homens bonitos, e os homens também escolhiam umas mulheres que eram lindas pra dançar, e queriam amanhecer com elas, vê-las, né? E, quando vinha amanhecendo assim, elas davam um jeito de escapulir. E os homens também que estavam dançando, do nada desapareciam. Eram os botos. Dizem que é encanto isso, porque lá é um lugar encantado, e é muito bonita essa serra.

Essa é uma história que todos aqui contam e é verdade mesmo. Eles se transformavam em mulheres bonitas, homens bonitos e elas se divertiam também, saíam do fundo e contavam como era debaixo d'água, que tem gente por lá, numa cidade muito bonita, embaixo de Temendawí. É uma cidade que dá vontade da pessoa nem voltar mais de lá, onde tem muitas coisas, muitas mulheres, muitos homens, muitos carros. Aqui em cima, na boca do Ayuanã, tem um lugar chamado Koatia. Aí também é encantado. Até hoje as pessoas não podem parar muito lá, não. Mas lá também falam que é uma cidade muito bonita dos encantados. Isso aí é uma história que meus avós me contaram. Para os jovens de hoje, isso não existe mais, mas, quando as pessoas contam, eu gosto de ouvir muito a história deles: “Eu sonhei que eu estava lá, levou fulano de tal, depois que morreu levou pra lá”. É uma cidade muito bonita, Temendawí e Koatia são os lugares aqui do Rio Negro em que tem muito encantado. Não sei se alguém pode me desmentir aí. Mas é isso que a gente ouviu, um pouco, com o meu tempo de vida, que eu estou com 56 anos agora, já vivi e ouvi um pouco também dessas histórias.



“Quem sabe bem a história dele na vida real, está cego”

Donata Batista Bezerra – povo Baré

Meu pai contava muita história, demais, porque me contou uma história que até hoje eu fico lembrando, do meu avô. Era uma índia que se apaixonou por um homem encantado e ela teve filho com esse encantado. Aí, quando ela foi ter esses filhinhos, eram duas cobrinhas e ela ficou com vergonha de apresentar esses dois filhinhos. Então, ela pegou uma bacia de barro, colocou as cobrinhas dentro e fechou. Toda vez que ela chegava do trabalho, qualquer hora, ela ia ver lá as cobrinhas e dava comida pra elas, e as cobras foram crescendo, crescendo, crescendo, até que um dia ela não pôde mais esconder. Quando ela ia pra roça, as cobras já iam atrás, já queriam comer, aí um dia ela avisou pros pais dela: “Eu tenho duas cobras, são meus filhos”. Era um macho e uma fêmea. Disse: “E agora?” Então os pais disseram que ela tinha que colocar na água. Pegaram essas cobrinhas e jogaram dentro da água. Depois de tudo isso, foram abrir aquele cocho de mandioca e as duas cobras tinham crescido. Cresceram, cresceram e hoje o macho se chama Honorato e a irmã é a Cainana. Como eram muito grandes, muito mesmo, vieram embora pra aqui, pro Amazonas, só que Honorato era uma bela pessoa, mas a irmã dele era má. Quando já estava embaixo, no Baixo Amazonas, ele queria ser desencantado. Mas, para isso, na vida real, precisa de alguém que tenha coragem de dar um tiro na testa dele, para ele ser desencantado. Então ele saía, dançava, se divertia pelas festas, mas chegava aquela hora, e ele precisava ir embora, não podia ficar.

Quando foi um dia, um homem disse que ia fazer esse trabalho, ia desencantá-lo. Eles combinaram: “Vai em tal lugar, chega lá e precisa olhar nos meus olhos e atirar”. Era um soldado esse rapaz, e ele foi lá sozinho, não tinha ninguém com ele. Quando ele chegou, boiou aquela cobra lá no meio, os olhões de um lado e de outro. Ele estava ali e a cobra vinha se aproximando, pra cima dele e o rio vinha enchendo. Quando já estava bem aqui, no peito, pra bem dizer, o soldado atirou, mas só que não acertou na testa, acertou no olho e hoje ele é cego. Quem sabe bem a história dele na vida real está cego.





“Um homem muito grande, o cabelo dele era bem aqui, assim. Cabeludo”

José Assunção da Costa – povo Baré

Dizem que isso é história que não existe, mas existe, sim. Eu antes dizia que não existia mapinguari, curupira, essas coisas. Até comentava com meus colegas na mata: “Eu não tenho medo, porque trabalhei sozinho, morava sozinho no mato, só eu e Deus”. Eu comentava que nunca via, via cobra e outras coisas, mas não via mapinguari, curupira, aquele bicho

arrastando cabelão assim, por isso que eu não tinha medo. Então, um tempo fui trabalhar num rio lá, um afluente bem pequeno, sozinho. Cheguei lá, preparei o lugar e já fui começar o meu trabalho. Era muito triste lá, porque era longe o caminho. Só que todo dia que eu ia pro mato, tinha um negócio que vinha atrás de mim. Uma vez eu cheguei no mato, comecei a cortar, como daqui pertinho, deixei e fui pra outro lugar. Lá onde estava antes eu tinha cortado uma piaçaveira alta, aí eu comecei a cortar lá também, tá!, tá!, tá!, aí parei e fiquei desconfiando, eu vi alguma coisa vindo de lá. Será que chegou gente?

Mas era muito longe a caminhada pra chegar lá. Aí eu fui olhar lá onde eu tinha cortado pra ver se tinha alguém, não vi nada. Voltei e havia outra árvore piaçaveira, aí eu me preparei, cheguei lá, enfiei o pau de bater e bati tudinho, rocei e peguei lá. Rapaz, quando eu peguei lá, o bicho me deu um pau dessa grossura assim, mas só que era pau que tinha quebrado, como a gente quebra uma rama, só que era muito grande e deu uma surrada assim, que eu larguei o trançado, joguei faca, eu não sei pra onde eu caí. Parece que eu não existia, na hora. Fiquei lá, só que eu não vi nada, só aquelas folhas, um monte de folhinhas. Fiquei olhando e já não consegui cortar mais, não. Fui embora e voltei só no outro dia, no fim da tarde eu estava com muita fome, então fui caçar. Fui pelo mesmo caminho do dia anterior, matei uma inambu e decidi voltar pra barraca, que já eram seis horas da tarde. Uns vinte minutos pra chegar na barraca vi um cara tirando cipó. Eu desconfiei, porque não era época de gente chegar por lá. Então eu decidi ir ver quem era. Fui devagar e, quando eu ia chegando perto, ele saiu, eu corri atrás, cercando por lá, mas não vi ninguém. Parece que aquilo era um aviso.

No outro dia tinha uma serrona grande, eu subi nela uns quinze minutos e fui caçar; lá dava muita mutuba. Beirando a serra, um paredão, aqueles vácuos grandes, assim, aquelas entradas. Ia meio de longe, que eu não queria encostar muito nela, só olhando a água caindo lá de cima. Não achei nada de caça, mas

escutei um negócio pra cima, era algo que vinha descendo da serra, pisando forte, zoava mesmo o barulho na pedra, pri, pri. Eu parei e fiquei escutando, no meio daquele, no mato, fiquei escutando: “Poxa, é uma caça”. Peguei minha espingarda e meti umas balas, tal, fiquei lá, esperando. Rapaz, eu olhei aquela arrumação, já vinha quebrando alto. Mas isso não é mais caça, não. Tinha um pau de uma árvore e fiquei detrás do pau. Eu vi, apareceu. Quando mexeu e passou por mim, eu apitei bem devagar. Eu apitei, aquela marmota parou. Fiquei olhando. Era alto assim, da altura dessa casa aqui, só que era muito grande, a cara do animal era igual um tatu, com casco e tudo. Ele seguiu vindo em minha direção, atrás do pau, peguei a espingarda e fiquei lá, escondido, e, veio quase pertinho, como o cano dessa casa. O bicho meteu a cara, era muito grande. Parece que deu aquilo no meu pé, assim e subiu pra cima. Aí eu fui, aguntei a espingarda, mas não veio do meu lado, não, ficou em pé, assim, e saiu. Mas um homem muito grande, o cabelo dele era bem aqui, assim. Cabeludo, ele. Só que muito grande. A cara dele que não deu pra ver bem. Tinha um olho assim, com a cara de um tatu grande, com casco e tudo, parecia um macaco. Então, isso, só da mata mesmo que eu sei, só isso aí que aconteceu comigo.



Uma das serras do Médio Rio Negro, lugares que guardam histórias de encantos.

Quem escuta, sente:

Meu pai sempre me contou também das tradições referentes a andar no mato e entrar no mato. Sempre, quando a gente está no mato, a gente tem que, primeiramente, respeitar. Que significa respeito? É a gente andar conforme a tradição.

Toda vez que entrava no mato com meu pai, a gente tinha que, primeiro pedir licença para o dono da mata. E no momento que a gente ia se alimentar dentro da mata a gente fica suado quando caminha na mata, e no momento que a gente quisesse tomar água, ou comer alguma coisa dentro da mata, o que a gente faria primeiro? Tinha que encontrar primeiro um igarapé, um lago, uma coisa assim, e lavar a boca, porque, quando a gente está no mato, o corpo da gente fica suado, então a gente tinha que lavar primeiro a boca e comer dentro da mata. Então, por que isso? Pra que a gente não venha a sofrer com os danos ou alguma coisa que possa prejudicar a saúde da gente, porque, se a gente não fizesse isso, poderia doer os dentes, passar mal, poderia tropejar, ou até dar raio. Então, tudo isso meu pai me ensinou para poder andar dentro da mata, por qualquer mata que seja. Tinha que sempre fazer aquela tradição lá que meu pai me ensinou.

Juscelino Joaquim Gregório – povo Baniwa

“É assim que é a história do curupira”

Tereza da Silva – povo Desano

Tinha dois meninos que andaram caçando pela beira do igarapé e eles acharam um bebezinho do curupira e logo foram flechar. Mas o bebê chorou e a mãe veio ver. Diz que curupira estava pegando camarão no igarapé e veio ver, mas o filho já tinha morrido. Daí, com medo, os meninos subiram numa árvore. Só que o curupira virou uma cobra jararaca e subiu no pau, e os meninos deram um jeito de descer. “Vem, meus netos”, disse o curupira e levou mesmo os meninos. Chegaram numa cabana e o curupira disse pra uma velha: “Achei esses dois meninos”. De noite fizeram fogo e colocaram os meninos pra ver se eles morriam, mas caía só o suor deles de lá. Então, pela manhã, o curupira levou um dos meninos pra apanhar fruta de sorva. E a velha ficou com o outro e ordenou: “Vai cortar inajá pra mim”. Só que aquele menino parece que era o mais fraco, pulou e furou com ferro de cova e caiu. Agora o outrozinho não, ele pulou no curupira, furou também ele, errou, subiu pra cima. Aí diz que o menino que estava com a velha falou assim: “Vovó, minha mãe, quando tira inajá, bota o ferro de cova bem aqui, e a senhora fica abaixada assim”, disse pra mulher do curupira. Aí a velha fez assim, deixou o ferro de cova bem aqui, a velha ficou. “Já vai?”, ele disse pra mulher, cortaram aquele cacho de inajá, caiu, furou e saiu pro outro lado, e a mulher do curupira morreu.

Aí o menino desceu de lá, levou pra lá, cortou rápido, chegou lá e diz que ele tratou de correr antes que aquele curupira velho voltasse. Daí curupira chegou e estava um silêncio e o curupira estranhou e disse: “Mas a minha mulher reclama demais”. Porque ele estava comendo, daí foi procurar a mulher e ,quando viu, ele não achou bom não. Começou a procurar o menino com o espelho dele, que era enorme, olhava pra ver onde o menino estava. O menino subiu num pé de buriti, lá em cima, ali ele ficou. O curupira queria matar o menino que matou a mulher dele. Aí o menino, com medo, não desceu. O curupira mijava, porque o mijo de curupira é veneno. Quando escureceu, apareceu o “macaco da noite”, e foi ele já que salvou o menino, levando ele de volta pro sítio onde morava. É assim que é a história do curupira.



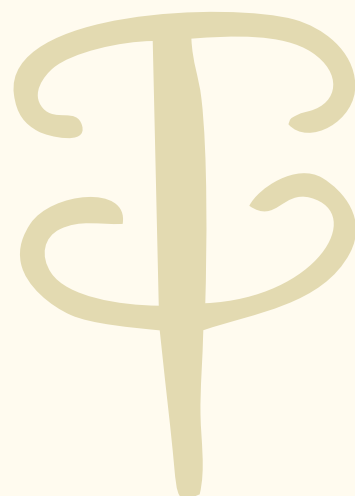


"Às vezes o homem desafia a natureza e não sabe com quem mexe"

Erivaldo de Paula Pancrácio – povo Baré

Nós temos essas histórias de quem conviveu com a natureza. Na época que a gente convivia com meus pais, avós e outros parentes, eles contavam muito o que presenciaram quando trabalhavam nas empresas de seringais, sorvais e piaçabais. Dizem, que, pra muitos, quem se transforma em curupira é esse tamanduá macho. Porque existem dois tipos de curupira: o

grande e o pequeno, que é o caipora, que eles falam. E esse tamanduá macho se transforma, vem gritando, vem batendo no pau e vem vindo. Diziam assim: "Meu filho, esse aí, um dia, nós vamos pegar", eles tiveram coragem, porque andavam em grupo: "Vamos ver. Se ele tiver que nos comer, vai comer hoje". Então lá na empresa veio gritando uma coisa alta, mas aquilo vinha no meio do vento, estalando galhos e batendo nas árvores. Os homens se esconderam com medo enquanto o bicho veio gritando, gritando, gritando. Quando chegou uma certa faixa, ele começou a baixar o tom do grito, e foi na direção deles mesmo. Passou uma certa distância, eles viram o tamanduá. Aí ele falou: "Esse aí que é". Para muitos, o tamanduá se transforma no curupira grande, pois a transformação da natureza faz tudo. E o outro, ele falou, é o caipora, aquele que é pequeno, esse que é o verdadeiro dono da mata. Esse grande diz que é o guardião, mas o guardião mesmo é o pequeno, que chamam de caipora. Às vezes o homem desafia a natureza e não sabe com quem mexe.



Tinha um homem que dizia que, se um dia o caipora encontrasse, ia dar uma surra nele. Um dia ele chegou lá na sorveira, estava cortando, ele escutou alguma coisa batendo no tronco da sorveira. O homem ouviu: "Desce daí". Cabeludinho, cabelão: "Essa sorveira é minha". Mas o homem atrevido disse: "É tudo que eu quero. Hoje que eu te dou uma surra". O homem chegou lá e cortou um caniço grande e disse: "Vou te dar uma surra hoje, curumim". Bem que o parceiro dele disse: "Deixa, vamos embora. Você não sabe com quem tu está mexendo. É o dono do mato". Ele disse: "Não, ele vai apanhar hoje. Não foi ele que plantou a sorveira". Pegou lá e largou o caniço nas costas dele, do curupirinha. Ele se defendeu, aparou com a mão dele. Só que quando ele aparou com a mão, ele cresceu bem grande e deu uma baita surra no homem. Felizmente, que ele não surrou o outro, talvez porque ele não estava mexendo com ele. Aí acabou de surrar o homem e diminuiu novamente. O homem que tinha apanhado desmaiou. O amigo conseguiu levá-lo para o barracão. Quando ele chegou, lá foi febre a noite toda, aí ele contou o que tinha acontecido para o companheiro dele. Bom, os idosos já falaram que não é pra mexer, porque ele é perigoso e aquele homem não resistiu, ele faleceu ao amanhecer. O companheiro dele contou essa história e falou: "Eu vi, ele estava mexendo. Por isso".

Essa é a história, às vezes a gente pode ver as coisas, a gente vê um animal, até mesmo o animal pequeno, ninguém deve mexer, porque às vezes a gente acaba se dando mal. Se vê uma cabra, deixa ela em paz, pois ela não está mexendo com você. Se for mexer, ela vai lhe atacar. Realmente, assim o homem passou com a caipora, que é o curupirinha. Só que, quando ninguém mexe com ele, também ele não mexe com a gente, mas se a gente mexer com ele, aí é perigoso.



Detalhes da floresta, captados pelas lentes dos Guardiões da Memória



“Se tu visse o que tu estava querendo ver, tu não estava mais aqui”

Vanilson Lopes Braga – povo Baré

Fui serrar lá, num igarapezinho que tem lá em cima, no sítio, aí onde a gente está morando. Eu estava serrando tábua de parede, aí eu descí, era acho que por volta de meio-dia; a irmã dela tinha pedido pra tirar arumã para fazer a esteira, eu falei: “Vou cortar”. Estava cortando e deixei meu isqueiro numa vara, amarrei, estava grande, saí assim no igapó pra cortar, escutei um barulho.

Não cheguei a ver o que era que tinha caído na água, um barulhão descendo na água. Porque aqui no igarapé, quando está silêncio, a gente escuta de longe o barulho. Eu falei: “Será que tem alguém aqui?”, que meu irmão sempre vai serrar pra lá também; pensei que era ele. Parei de cortar e fiquei só escutando. Alguma coisa veio andando, desceu na água, ficou barulhando na água, tipo caiu na água, nadando. Eu não enxerguei o que era, eu não sei, eu só senti aquele cheiro estranho no meu nariz, que me perturbou. Saí, eu estava sozinho, falei: “Será que tem alguém?”

Peguei e arrumei tudinho os arumãs que tinha cortado, que ela queria oitenta. Conferi, deu oitenta. Amarrei, fiz o fecho, carreguei, fui embora pra canoa, estava até com uma canoa pequena. Fui remando no igarapé acho que mais ou menos uns 150 metros, do lugar que eu tinha saído, só que não me deu medo nenhum, não senti nada naquela hora. Aí percebi que o meu isqueiro tinha ficado lá. Entã voltei, cheguei lá, saí da canoa, fui pegar. Na hora que eu peguei, eu desmanchei aquela sacolinha que estava o meu isqueiro e fui embora. Quando dei umas dez remadas de cada lado, já estava mais ou menos acho que uns vinte metros da distância da terra, eu senti aquele medo. Na minha visão também, sempre quando eu pescava assim de noite, vinha aquele vulto. Porque na minha tradição sempre o benzimento favorece a gente, né? Aí eu fui lá falar com meu avô pra me benzer, e me disse: “Se tu visse o que tu estava querendo ver, tu não estava mais aqui perto da gente, ele tinha te lavado”. Ele falou que era encanto, não sei. Foi só mesmo o que eu vi de mais estranho.

“Mandamos benzer, os benzedores fecharam as portas deles”

Ivânia Melgueiro Baltazar – povo Baré

Aqui realmente existe curupira. Existe porque minha mãe e minha vó falaram pra mim; até hoje minha mãe conta para os meus filhos. Aqui tem uma serra pra cá, uma serrazinha que não é grande, só que ela é cheia de buraco. Antigamente lá era um sítio grande que tinha aqui no Colares, e meu avô morava lá com a irmã da finada minha avó, todos hoje já morreram. Ele tinha um filho que a curupira foi tirá-lo de dentro da casa. A mãe o deixou na rede, deitado, dormindo e desceu para ir lavar roupa. Quando ela voltou, a criança não estava mais. Ela apavorada, doida, dizendo: “Pra onde meu filho foi?” Ela seguiu pelo caminho. Antigamente o caminho de roça era limpo, não era um caminho assim, fazia um caminho largo, aí lá foi lá ela. Foi quando ela ouviu o filho dela chorando; minha avó ouviu ele chorando, chorando. Estava com o curupira que tentava agradar o menino, jogava pra cá, agradava assim mas ele não calava. Aí que minha avó gritou pro meu avô: “Nosso filho sumiu, vai atrás”, e, o velho foi, coitado. Chegou lá, como eu disse, fez promessa. Antigamente, os velhos eram muito devotos. A velha correu a para igreja e acendeu vela dizendo que era pra devolver o filho dela, que era para o curupira deixar o filho. Aí o velho foi atrás. Quando ele viu, jogou a criança, era um cabelão enorme daquela curupira, era muito feio. Ele devolveu mesmo a criança. Por isso que eu sempre falo para os meus filhos quando eles dizem: “Aqui não tem nada”. “Tem, sim, meu filho.” Porque, agora, mandamos benzer, os benzedores fecharam as portas deles, por isso que hoje é calmo. “Mas não facilita”, eu falo pra eles, “não facilita com isso, que ainda pode dar errado”.



Quem escuta, sente:

O que eu falo é só isso: não duvide das coisas, você pode se dar muito mal em desrespeitar os lugares sagrados.

Marlison Crecêncio Severino – povo Tukano



"Tem vários lugares hoje, aqui, pra nós, que são sagrados"

Vamberto Placido Rodrigues – povo Baré

Então, tem lugares... Por exemplo: aqui em cima tem um lugar chamado de Itapinima. Em nheengatu chama Itapinima. Em português chama Pedra Pintada. Essa Pedra Pintada são desenhos, só que a gente só consegue olhar esses desenhos quando o verão está bem forte, está bem seco, que é uma laje grande e lá você vai ver todo tipo de desenho que você nunca viu.

Por isso são lugares sagrados, hoje em dia tem gente que acha que não vale nada, aí vão umas pessoas de fora que são estudiosas e valorizam, contam a história de quem foi que fez, quantos anos se passaram daquilo. Então, tem vários lugares hoje, aqui, pra nós, que são sagrados. Aqui no Guará, principalmente, são três cachoeiras: tem a Jurupari, tem a Piramiri e tem a Chiwawa. Bem na volta de uma embaúba. Tem algumas pedras lá que têm nome. Tem uma pedra lá chamada de Velha, no nheengatu chama de Waimi. No passado, os antigos respeitavam muito esses lugares. Para ir trabalhar, fazer empresa lá pra dentro desse Rio Abuará, eles tinham que passar e deixar alguma coisa: farinha, beiju, tabaco, fósforos, sal, alguma coisa eles tinham que deixar lá agradecendo a velha que mora lá, ou pedindo pra ela que não aconteça nenhum problema durante a viagem. Então, os antigos faziam isso. Hoje ninguém mais faz isso, não. Passa lá, não dá nem satisfação pra velha. Sabe lá se a velha não fica com raiva? Porque é uma pedra hoje, mas com certeza no passado era gente igual a gente. Então, são vários lugares. Se você sobe aqui, onde hoje é chamado de Comunidade do Plano, eu conversando com seu Vilar, ele disse: "Inventaram outro nome pra esse lugar. O nome tradicional é Chinarre. Na língua baré é a parte vaginal da mulher, e se você for ver lá, está lá aquela pedra. Você já viu aquela pedra? Se você nunca viu, vai ver, que está lá aquela pedra.



"Antigamente eles pescavam sereia lá, com ovos de galinha"

Ivânia Melgueiro Baltazar – povo Baré

Vou contar a história da serra. Minha mãe falava que, antigamente, a gente não podia passar no toco daquela serra, que tinha hora pra poder passar e não era qualquer hora. Aí minha mãe foi pra lá no ajuri. Eu já lembro, mas não lembro bem, mas eu lembro tipo um sonho. Antigamente as pessoas gostavam de fazer ajuri, assim. Aí foram. Só que, nesse tempo, o que fizeram? Foram comer melancia suados. Estavam muitos suados e comeram a melancia. Na volta, como eu disse, o bicho lá segurou o barquinho. Minha mãe falou que se passaram horas, nem iam pra frente, nem pra trás, ficaram lá, presos. Ficou todo mundo desesperado, gritando, que o barco ia afundar. Aí minha mãe disse que veio um senhor que falou pra eles: "Vocês não vão ficar apavorados, porque eu vou já benzer". Aí ele pegou a água, minha mãe falou que colocou na boca, não sei o que ele fez, aí cuspiu dentro da água e depois botou a água de volta. Nessa hora, o barco soltou. Antigamente eles não atravessavam.

Lá tem uma bola de pedra, que com certeza agora já está seca. Antigamente eles pescavam sereia lá, com ovos de galinha. O primeiro ovo que a galinha desovava, cozinhava e ia pescar sereia, e pegavam. Assim que é a história desse daí. Nesse lugar, minha avó falou que cansou de afundar barcos. Então, até hoje a gente respeita. A gente que ainda é antigo, respeita muito lá. Eu, principalmente, tenho muito medo. Quando eu ainda menstruava eu não passava por ali, não. E nem comia comida fria. Até hoje eu respeito. Tenho o maior respeito por esse lugar, porque é muito perigoso.



Quem escuta, sente:

Aqui cada serra tem um nome e cada nome uma história longa, e tem muitos anos isso aí, é assim desde nossos antepassados. Isso que eu aprendi foi através da minha memória, não teve estudo nem está escrito num livro de escola. Está na vivência da minha memória mesmo. Eu guardo comigo e retiro da minha lembrança tudo isso aí que ela contou.

Ademar Idalino – povo Baré



"Tu já soube daquela história da pedra?"

Maria Célia Germano – povo Baré

Eu tinha dez anos – eu me lembro bem, até hoje eu me lembro –, aí tinha um avô meu que faleceu. Antes de morrer ele disse assim pra mim: "Tu já soube daquela história da pedra?" Eu disse: "Não, vovô, qual a pedra?" "O navio emborcado". Ele me contou, mas toda vez que eu passava perto de lá eu pensava: "Poxa, aqui que meu avô dizia que é navio emborcado", mas

nunca veio aquela ideia pra eu chegar lá. Então, um dia, eu já estava casada com o Marciano, e falei pra ele: "Marciano, meu avô contava que aqui é encantado. Aqui pode arriar o anzol, que é onde caiu a palheta e sumiu nesse buraco, pode arriar, que nós vamos puxar rapidinho o mandubé". O Marciano disse: "Será, Célia? Vamos embora pegar piaba?" "Vamos embora." Atravessamos, fomos num igarapezinho que tem lá, pegamos umas dez piabas, então ele tomou coragem e disse: "É aqui, Célia?". "É aqui mesmo, Marciano". Um remanso, fazendo tipo um sovaquinho. Nós fomos e abe quantos peixes nós pegamos? Vinte e oito, rapidinho, só naquele buraco.

Quem escuta, sente:

Sobre os lugares sagrados, como diz na origem da humanidade, quando a Cobra Canoa saiu do Rio do Leite, em todos os lugares onde ela parou deixou um lugar sagrado, um ser sagrado desenhado nas pedras. Existe um ser encantado em forma de pessoa em todo lugar do Brasil, principalmente no Rio Negro. Aqui, onde ela encostou, até agora tem uma marca, dá pra ver em formas de pedras até chegar na Cachoeira de Ipanoré. Daí que saíram pessoas de vários povos e foram se multiplicando até hoje. Falando de encantado, na nossa região nós temos muito medo, porque, quando um encantado ataca uma pessoa, e só no sonho e quando tá muito avançado na perseguição, aparece já ao vivo, mesmo, segundo minha tia. Porque ele se transforma: se for mulher a pessoa ele parece como um homem lindo, e, quando é homem, vem em forma de mulher linda. A gente não brinca com o boto, porque ele é o encantado, muito perigoso. Se você não tiver proteção, como benzimento, é muito mais fácil de levar pro mundo dos encantados de corpo e alma. Tem vários lugares pra nós que são sagrados e precisa pedir autorização para entrar, deixar um sal, alguma coisa pra agradecer os guardiões da floresta.

Rogério Xavier Emitério – povo Baniwa

"Nenhum barco, nenhuma canoa iam poder passar no nosso rio Negro"

Marivalda Lauriano Xavier – povo Baniwa

Quando eu fui pra licenciatura, eu fiz um trabalho, uma pesquisa para apresentar como trabalho na faculdade. Assim, eu contei uma história que sempre mexeu comigo, porque quando Jesus andava na terra, essas serras aí andavam, elas iam guerrear pra cá, pro lado do Abuará. Isso eu ouvia todas as noites antes de dormir e está até hoje comigo. E cada um dos guerreiros têm um nome da serra. Tem o Tapira, o Taiaçu, a Cotia, o Jacamim, o Jacurarú. Tudo isso ele foi contando pra gente, e eu sempre tinha um sonho a se realizar, eu queria ser uma professora e estudar essa história. Eu fui guardando comigo isso que essas serras iam guerrear pra lá, aí quando eu fui estudar eu perguntei pesquisei porque não aconteceu, e me falaram que foi porque que um dia o nosso rio Negro ia se fechar. Nenhum barco, nenhuma canoa iria poder passar no nosso rio Negro, então Deus viu que isso não ia dar certo, um dia amanheceu, ele fez clarear mais rápido e as serras ficaram ali, paradas. Uma ficou bem na beirinha, que até hoje a gente vê lá aquela que já está bem no rio, ela era a primeira, que ia levando tudo que era pra eles guerrearem. Então, tudo isso aí hoje eu guardei comigo uma lembrança que minha avó deixou. Às vezes, quando eu falo, até fico um pouco emocionada. É difícil contar a nossa vida, mas eu já passei por isso, já enfrentei essas coisas, já fiz entrevista, é um pouco difícil, mas é assim. Eu já fui aprendendo depois que eu casei, aqui mesmo, as coisas na nossa comunidade, aprendi as danças culturais, então eu já fui aprendendo com pessoas mais velhas que hoje também já não existem, já se foram, hoje não estão mais aqui.



Capítulo 7

A natureza fortalecia tudo: o Rio Negro e seus habitantes



O último capítulo deste livro nos leva a sua fonte: o rio. As histórias de vida navegam por uma das maiores zonas úmidas preservadas do planeta, o mais extenso rio de águas negras do mundo, e o segundo maior em volume de água. O rio respira em subidas e descidas que, nas cheias, alagam comunidades ribeirinhas, e, nas vazantes, revelam praias de areia branca contrastantes com suas águas negras; esse movimento contínuo, se incorpora na vida de seus moradores. Suas águas pretas e ácidas refletem nas formações vegetais e na agricultura milenar indígena que, adaptando-se a esse ambiente, fez florescer esse patrimônio que é o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro. Também abrigam uma enorme diversidade de espécies de peixes, muitas delas endêmicas, ou seja, que só existem neste rio. A agricultura e a pesca são a base da existência dos povos e comunidades que escolheram o Rio Negro como seu território-morada.

Nas narrativas primordiais, uma grande cobra-canoa subiu o Rio Negro carregando os ancestrais da futura humanidade, os quais, ao tempo em que navegavam por suas águas e lugares sagrados, se transformavam em seres humanos. Desde o princípio, o Rio Negro é fonte de vida, por isso também chamado de Rio do Leite, como o leite materno que nutre as crianças que estão se desenvolvendo. Rio que, com seus banheiros, cachoeiras e seres encantados, também significa perigo e muitos desafios, como nos conta Amadeu Fontes sobre alagação: "a pior aflição que eu já passei na minha vida"; e Roberto Carlos Teles Paiva sobre o encontro com encantados: "Ele encalhou em cima de um bicho lá."

Nas palavras de Leôncio Nely Bosco: "Então, tudo isso está dentro da nossa cultura". Adentrar a mata de igapó, ou, floresta alagada, é conhecer uma imensa mata que vive em pé dentro das águas, é também para conhecer pessoas que vivem rodeadas pelas águas escuras e que lutam para a sua manutenção. Igapó significa "um rio de raízes", e, assim, aqui navegamos por narrativas profundamente enraizadas nas negras águas desse majestoso rio.





"Todas as coisas da natureza são bem-feitas, bem-preparadas"

Leôncio Nely Bosco – povo Baré

Eu sinto muito de lembrar dos meus avós, mas eu quero dizer uma coisa aqui pra nós: a nossa convivência era muito diferente de hoje. Eu quero dizer isso. Tudo era diferente. Eu falo um pouquinho das mudanças. A gente usa a palavra clima, mudanças climáticas. O tempo hoje tem muita diferença de como era no passado. Eu vivi e me criei aqui com meus avós, e eles me

ensinaram muita coisa, me ensinaram sobre o mato e também sobre o rio. Me ensinaram como se pode viver dentro da natureza. Você tinha que saber usar todas as coisas da natureza, tinha tempo certo para fazer a colheita e para fazer a pescaria no rio.

Nessa época, a gente convivia que era uma maravilha, isso por conta dos dons de obediência do passado; nós aprendemos que a natureza fortalece tudo. Você via, você tinha. Não tinha outras coisas do branco, mas o que era da natureza tinha de fartura. Alimentação, como peixe, caça, bicho de caça, tinha demais. Então, a gente via que a natureza estava sendo bem cuidada, bem respeitada, não tinha o momento de que as coisas viessem trazer, vamos dizer assim, uma coisa mesmo igual a um ataque, atacasse hoje uma guerra, um traficante que chega aqui pelo rio para amedrontar você. Não tinha. Assim também os peixes viviam na água. Não tinha malhadeira, não tinha nada. No porto, a gente via tanta fartura; os peixes conviviam com a gente. Dentro da mata, as caças eram da mesma forma, nós não tínhamos medo. Mas, depois de um tempo pra cá, já foi mudando, mudando, mudando.

Assim como você senta hoje na cadeira pra estudar e abre o seu conhecimento com as tecnologias de agora, existem várias formas de abrir o conhecimento com as nossas tradições. Pra pescaria, não tinha malhadeira, era só o caniço, não tinha linha, era tecido tucum curauá pra anzol. Podia ser bem limitado, mas nós sabíamos como usar. Então, tudo isso, dentro da nossa cultura, a gente tinha essa grande fartura. E por isso eu digo que não existia muita doença. Vocês sabem, ninguém tinha medicamento, tinha bem pouco, não existia tanta coisa como hoje tem. Com os conhecimentos que chegaram hoje, abrem-se

facilidades, mas também vem muita coisa junto, às vezes até doenças que os remédios já não estão resolvendo. Ninguém mais sabe qual tipo de medicamento que cura uma doença, mas no passado eram bem obedecidas as coisas. Eu via muitos peixes nos lagos, mas não podia fazer bateção, nada, porque todos os lugares, por exemplo, tinham uma casa; os peixes têm uma casa, no mato tem, vamos dizer, uma praça onde os bichos também convivem. Para nós, uma praça é como na cidade. Então, aqui, como essa rua, mas para os animais também é assim, vamos dizer, a praça é onde eles tiram tempo, se juntam, naquele patauazal, naquele chavascal, onde tem patauá, tulia, buriti, açai, aí os bichos se juntam. Você sabe disso, né? Então, todas as coisas da natureza são bem-feitas, bem-preparadas, mas eu digo assim: às vezes eu penso muito no conhecimento humano, muitos sabem, eu vivi muito aqui nesse lugar e conheço muito bem as coisas daqui.



Uma pessoa preparando fibra de cipó para fazer paneiro, detalhe dos trabalhos cotidianos capturado pelos olhos dos Guardiões da Memória.



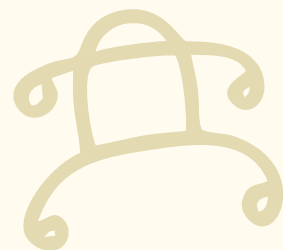
"Até hoje, quando eu me lembro, me dá um frio no corpo"

Amadeu Fontes – povo Baré

Ainda tenho uma lembrancinha, de quando morava em Manacapuru, no Rio Solimões. Fui pescar na tarrafa de noite. Tinha um rapaz que estava afiando com a gente, aí na beira. Não estava comigo, eu fui dar só uma ajuda pra ele, na hora que começou aquela chuva. De lá a gente botava uma lamparina no meio da canoa, assim, e remava. E lá tem muitos

peixes. Os peixes pulavam dentro da canoa. Pelo menos o jaraqui é um peixe doido, o bicho pula longe pra danar. Usamos também o espinhel pra pegar tambaqui, que lá dava muito tambaqui. Depois nós fomos pra lança, pegar matrinxã, que dá cardume de matrinxã e tambaqui. Eram muitos peixes mesmo. Depois eu trabalhei de motorista de pesca também; desde os meus doze anos eu pegava pirarucu, porque eu não embarcava. Puxava pra beira, alagava a canoa, embarcava e tinha um vizinho, freguês do meu pai, que tratava o pirarucu. Mas matar, eu matava, botava um anzol e ele se fígava e morria enrolado, mas era pra nós mergulharmos e tirar o bichão. É por isso que eu digo que eu já trabalhei um pouco, na minha vida, e ainda estou na ativa.

Mas a pior aflição que eu já passei, foi essa alagação aqui no Rio Negro, em Novo Airão. A pior coisa que me aconteceu foi ver minha família bubuiando numa cachoeira. Eu com uma criança aqui no meu pescoço, nadando contra a correnteza, pra deixar a menina na beira e poder dar assistência ao resto da sua família. Bem no fio da correnteza, sem ter ninguém pra socorrer. Aí tu pensa meio feio, você fica meio desesperado. Se soltar essa daqui, morre, e se eu for dar assistência ao outro, vão me embrecar, aí morre tudinho. Não podia fazer nada. Ainda bem que eu vi um barquinho da dona Menina e pedi ajuda. Essa daí foi a pior coisa que eu passei na minha vida até hoje. Quando eu me lembro, me dá um frio no corpo. Foi a coisa que eu passei mais triste na minha vida essa alagação.



Foi descuido do motorista, porque no bote eles colocaram uma tábua e o motor era novinho, aí o bicho rachou, puxou o motor acelerado, aí saiu um pedaço daquela tábua, o motor ficou frouxo, indo e voltando, aí nós fomos parar nessa cachoeira e o motor parou, aí o bicho virou. Rapaz, aquele bote fuuuuu. Rapaz, a minha netinha assim, minha filha lá atrás, com os dois filhões dela, um curumim e uma nenezinha. Aí o bote ficou assim, o motor ficou de banda, assim. Ele puxou o motor acelerado. Quando ele tocou, fez fuuuuuuu. Quando espiei assim, vi minha netinha, aí eu a puxei. Ai, meu Deus! Aí sumiu todo mundo, só via as cabecinhas deles. Aí o pai agarrou um, e a mãe agarrou a outra e eu agarrei a minha neta e ataquei pra beira. E o bote subiu, com motor e com tudo. Até hoje eu me lembro. Agora, na pescaria, nunca me dei mal, não. Sempre consigo alguma coisa boa.



Força das águas do Rio Negro, registro dos Guardiões da Memória



Canoa a beira do rio apontando para a floresta, imagem capturada pelos Guardiões da Memória.

“Nesse dia eu deixei de pescar, porque ele encalhou em cima de um bicho”

José Assunção da Costa – povo Baré

Eu fui lá no meu irmão, porque ele estava em Manaus, lá no Dsei. Já estava lá há um ano com uma doença que aconteceu com ele. Eu só tinha ele, e eu disse: “Se eu ficar por aqui, eu vou gelar um peixe”. Aí eu fui pra gelar peixe. Eu com um irmão meu, que já morreu também. Era o mais velho, o Alcílio França. Fomos gelar, mas não deu certo, porque a gente remava, saía uma hora da madrugada até sete horas da manhã.

Então a gente foi pescar mandi pra fazer de isca nos anzóis, pra gente ver se pegava alguma coisa melhor.

Nós tínhamos uma travessia que dá umas duas horas e pouco de remo para o outro lado, deixamos as coisas pro lado daqui e fomos. Estava tudo dando bem. Saíamos uma hora da madrugada e ficávamos até sete horas da manhã. Íamos sempre fazendo, até que um dia o meu irmão tinha um filho que já estava grande, mais ou menos uns quatro anos. Ele gostava muito de andar com o filho dele. Nós saímos para ir pescar e ele levou esse filho. Chegamos do outro lado com o meu irmão remando e ele ficou com o filho dele na canoa. Saímos, atravessamos, e, quando estava mais ou menos uns duzentos metros, levamos um susto. Nesse dia eu até deixei de pescar, porque meu irmão encalhou em cima de um bicho lá, era uma cobra tão grande que o barco encalhou. O filho dele caiu pro porão, e ele deixou o remo cair dentro da água. Se fosse uma canoa pequena, ele tinha morrido, que ele tinha caído pra dentro d’água também.





“Ainda continuo, até o dia que Deus quiser, senão também é amanhã”

Cosmo Pascoal de Menezes – povo Baré

Meu pai ensinou, porque eles têm que ser ensinados pelo pai ou então pelos outros: “Meu filho, pega o caniço aqui, pega, amarra a linha aqui, mede o caniço, estorva o anzol e enrola aqui”. O meu pai tinha caniço pra puxar aracu, pescada, mandubé, mandi. Ele tinha mesmo, porque o velho era bom. Aracu ele só pegava com a isca de camarão, pegava pacu e outros

peixes, como sardinha, pescada, peixinho, piaba. Então, esses eu fui vendo e ele foi me ensinando. Ele me dizia: “Faça isso aqui, isso não”. Eu não cheguei a conhecer meu avô, nem minha avó. Praticamente eu não aprendi a fazer nada. Aprendi a fazer um paneiro, porque antigamente existia extração de sorva, aí eu aprendi. De tecido, só isso mesmo, e fazer remo, isso eu sei fazer. Aprendi a fazer roça, a pegar um martelo pra derrubar um pau, aprendi a pescar, a botar o espinhel, a pegar um peixe no espinhel, cacetar, pra jogar pra canoa. Tudo isso eu aprendi, com meu pai, mas outras coisas, mesmo, não.

Depois da minha juventude, que foi até mais ou menos 24 anos de idade, eu consegui família. Fui vivendo, trabalhando, sustentando minha família, até no dia que nós vivemos juntos. Depois nos separamos, mas assim mesmo eu ainda continuo trabalhando. Eu já estou com a idade de sessenta anos, já estou cansado, mas ainda faço alguma coisa. Eu viajei muito nos barcos, conheci o Rio Solimões, o Maraã, o Rio Jutai, Rio Madeira, Japurá, Rio Envira, os municípios dos afluentes todos. Isso foi depois de eu ter já família. Daí eu voltei de novo para Barcelos, onde eu morava, e me separei. Hoje eu estou por aqui, na minha área, onde eu me criei. Ainda continuo, até o dia que Deus quiser, senão também é amanhã. É assim.

Quem escuta, sente:

A gente vê agora que tem muita coisa interessante que a gente tira daqui. Ele disse que não aprendeu nada e fala um monte de coisa, anzol, caniço, aracu, várias coisas. Interessante que ele fala isso, que não aprendeu nada e depois ele vai falando um monte de coisa que aprendeu. Esse é o seu conhecimento passado pelos seus ancestrais. Isso é valioso.

Adrielle Costa da Silva – povo Tukano



Pescador tecendo sua rede. Registro dos Guardiões da Memória





“No verão, dá muito temporal”

Roberto Carlos T. Paiva – povo Tukano

Na pescaria, o meu pai tinha a cultura dele de fazer canoa no machado. Ele levava mais ou menos um mês pra fazer uma canoa. Talhava, depois queimava e a gente jogava na água. A gente fazia uma cobertura pra quando o tempo está quente, ou pra quando chovia. Fazíamos tudo isso na canoa e depois a gente viajava pra pescar. Às vezes, nos igarapés pequenos,

quando o rio estava enchendo, a gente fazia matapi, às vezes cacuri. Então, como eu falei pra vocês que eu perdi a minha cultura, através disso, hoje eu não sei fazer cacuri, mas matapi ainda eu sei fazer. E, quando a gente pegava peixe, fazia o moqueio; a gente moqueava porque nesse tempo ninguém usava salgado, mas hoje a gente já tem outro tipo de cultura, que a gente já usa salgado, que é melhor, também. Tudo isso hoje é uma vontade da gente aprender com os antepassados e também aperfeiçoar para os nossos filhos.

O matapi é feito de uma palmeira do mato. A gente vai pro mato, na beira de um igarapé, tira, parte e logo em seguida a gente limpa. Tira também o cipó do mato; não é da beira do rio, porque tem três tipos de cipós que a gente pode usar, aquele do mato que é melhor pra fazer matapi, porque ele é bem durinho e quando a gente coloca no igarapé, ele fica. Quando o peixe passa, entra lá e não sai mais.

Quando a gente vai pescar no verão, dá muito temporal. Às vezes a gente chega até a se alagar, na beira ainda. Naquele tempo, como eu falei, não tinha motor; a gente ia a remo e era mais perigoso ainda. Se a gente pega um temporal no meio do rio, a gente chega a alagar. Um tempo atrás, em 1986, meu finado pai, junto com meu irmão também, que já morreu, se alagaram no meio do rio. Se não fosse um senhor que vinha atravessando com uma canoa maior para ajudá-los, tinham morrido ali. Nesse meio período, temporal é muito perigoso, dá muito banzeiro, tudo isso é perigoso no rio. Tem os animais também do rio, principalmente cobra grande. Onde a gente andava, existia muito isso aí. No Rio Ayuanã é perigoso, principalmente na boca dele. Existe uma cobra muito grande na boca daquele igarapé.

Quem escuta, sente:

É sobre a pescaria que ele fala, de uma mudança de tecido de antigamente, pra agora. Nós, ali na comunidade, a maioria não faz mais matapi. O cacuri ainda tem. Cacuri eu sei que a maioria ainda usa, mas é mais mergulho, malhadeira, espinhel, arrastão agora, mas antigamente não existia essas coisas, só mesmo cacuri, matapi e mais outros que eles usavam. Isso acho que mudou, teve mudança que ele fala, depois de 25 anos, que percebeu que a cultura dele tem que resgatar, praticamente. Ele fala: “O português não é a minha língua”. Isso foi uma coisa boa que ele falou. “É a língua dos brancos”. E ele falou na juventude eu falei das coisas boas pra ele, então como ele falou: hoje eu falo essas coisas boas pro meu tio e ele passa e repassa pros outros. São remédios tradicionais. Antigamente não tinha remédio dos brancos. A gente tinha, usava o nosso, que era tradicional, remédio caseiro.

Ademar Idalino – povo Baré



OS NARRADORES E AS NARRADORAS DO RIO DE RAÍZES



Albertino Correia da Silva: benzedor do povo Tukano, nasceu em 1953. Iniciou-se nessa tradição com 15 anos e também se dedica à agricultura. Sua maneira de trabalhar com os benzimentos torna-o um dos maiores benzedores da região. É morador da cidade de Santa Isabel do Rio Negro.



Amadeu Fontes: ancião do povo Baré, nasceu em 1949. É caçador, agricultor e pescador que carrega muitas histórias de sua região. Mora no bairro Aparecida, em Santa Isabel do Rio Negro.



André Agostinho Paulino da Silva: do povo Tukano, nasceu em 1966. É trabalhador da roça e conhecedor de histórias e medicações ancestrais. Morador da comunidade Areal.



Carlos Alberto Teixeira Nery: do povo Piratapuia, nasceu em 1973. Grande liderança do movimento indígena do Rio Negro, Carlinhos, como é chamado, é atualmente coordenador regional da CAIMBRN e mora na cidade de Santa Isabel do Rio Negro.



Cosmo Pascoal de Menezes: do povo Baré, nasceu em 1963. Conhecedor da agricultura tradicional cujos saberes carrega de sua ancestralidade. É morador da comunidade Humaitá.



Diones Lauriano Baltazar: jovem do povo Baré, nasceu em 1994. É um trabalhador da roça desde a infância. Conhecedor das histórias de seu povo e liderança na sua comunidade, Cartucho.



Donata Batista Bezerra: conhecedora da agricultura tradicional e remédios naturais, nasceu em 1961. Formou-se em pedagogia e é professora na escola da comunidade Ilhinha, onde vive.



Enedina Ventura Sipriano: anciã do povo Baré, nasceu em 1955. Grande conhecedora das técnicas agrícolas e manivas, guardiã da língua nheengatu. É moradora da comunidade Jutai.





Everalda Pascoal de Menezes: do povo Baré, nasceu em 1947. É agricultora, artesã e grande conhecedora de remédios e benzimentos. Mora na comunidade Ilha de Humaitá.



Erivaldo de Paula Pancrácio: do povo Baré, nasceu em 1982. Trabalhador da roça desde a infância, dedicou sua vida aos estudos e hoje é professor formado em licenciatura indígena. Mora na comunidade Boa Vista.



Hermes Venâncio Brazão: ancião do povo Tukano, nasceu em 1942. É trabalhador da roça e benzedor desde a infância, curando diversas pessoas da comunidade Piracema, onde reside.



Ivânia Melgueiro Baltazar: do povo Baré, nasceu em 1971. Trabalhadora da roça desde a infância e líder do movimento indígena das mulheres do Médio Rio Negro. É grande parteira e conhecedora de remédios tradicionais. Mora na comunidade Cartucho.



Joaquim Rodrigues Costa: do povo Baré, nasceu em 1966. É piloto fluvial e líder do movimento indígena, grande conhecedor das tradições de seu povo. Ainda pequeno teve a dura experiência nos piaçabais, o que marcou sua trajetória de luta. É morador da cidade de Santa Isabel do Rio Negro.



José Assunção da Costa: do povo Baré, nasceu em 1968. Perdeu o pai e a mãe muito cedo e logo começou a trabalhar na mata, andando por piaçabais e sorvais. Sua história é de luta, resistência e inspiração. Morador da cidade de Santa Isabel do Rio Negro.



Leôncio Neli Bosco: importante liderança do Rio Negro, do povo Baré, nasceu em 1963. Professor licenciado em cultura indígena, escritor e morador da comunidade Acariquara.



Lindalva Luciano Camico: do povo Baré, nasceu em 1977, moradora da comunidade Jerusalém. É uma grande conhecedora da agricultura tradicional e aprendeu seus conhecimentos com seus ancestrais.





Luiza Crescencio da Silva: do povo Baré, nasceu em 1944. Passou grandes dificuldades na infância e se fortaleceu na agricultura tradicional de sua região. É moradora da comunidade Ilhinha.



Orlanda Pereira Mesquita Maia: anciã do povo Baré, nasceu em 1962. É uma grande parteira, agricultura, artesã e conhecedora de remédios tradicionais. Moradora da comunidade Acariquara.



Lucimar Rodrigues Alves: do povo Baré, nasceu em 1974, moradora da comunidade Açaituba. É grande conhecedora da medicina do parto e de remédios tradicionais.



Percílio Camico: do povo Baré, nasceu em 1945. Conhecedor das tradições, agricultor, caçador e pescador. Fundador de duas comunidades do Médio Rio Negro, vive atualmente na comunidade Jerusalém.



Maria Célia Germano: liderança do povo Baré, nasceu em 1960. Carrega muitas histórias de seu povo. Casou-se muito nova e logo começou a trabalhar. Ao longo do tempo adquiriu conhecimentos sobre a agricultura, se dedicando até hoje às suas roças. É moradora do bairro Aparecida em Santa Isabel do Rio Negro.



Reginaldo Diniz Menezes: do povo Tukano, nasceu em 1986. Trabalhador tradicional do Sistema Agrícola, carrega conhecimentos e histórias de seu povo e de sua juventude rio acima. É morador da comunidade Cartucho.



Marivalda Lauriano Xavier: do povo Baniwa, nasceu em 1986, moradora da comunidade Cartucho. Professora indígena e conhecedora de diversas tradições do Sistema Agrícola do Rio Negro e narrativas ancestrais.



Roberto da Silva: do povo Baré, nasceu em 1961. Educador das comunidades da região do Médio Rio Negro, passou parte da juventude pelos piaçabais, o que marcou sua história de vida. É morador da comunidade Jerusalém.





Roberto Carlos Teles Paiva: do povo Tukano, nasceu em 1975. Conhecedor de remédios do mato e das tradições da roça e pescaria de sua região. É liderança em sua comunidade, Jerusalém.



Tereza da Silva: anciã do povo Desana, nasceu em 1948. Trabalhadora da agricultura tradicional, ficou órfã ainda criança e foi criada com os padres. É moradora da comunidade Jutai.



Vamberto Placido Rodrigues: do povo Baré, nasceu em 1967. É grande liderança do movimento indígena do Rio Negro, trabalhador da roça e professor formado em licenciatura indígena. Mora na comunidade Cartucho.



Vanilson Lopes Braga: do povo Baré, nasceu em 1988. Carpinteiro e protagonista de uma história de dificuldades, resistência e luta. É morador da comunidade Jutai.



Neste livro optamos por editar as narrativas das pessoas entrevistadas, beneficiando assim a fluência da leitura. No acervo do Museu da Pessoa estão preservadas na íntegra todas as histórias gravadas, que podem ser acessadas através deste QRCode:



GLOSSÁRIO

Ajuri: o conceito de “ajuri” vem da língua geral amazônica, o nheengatu. Sintetizando, significa “eu vim ajudar”. É uma prática tradicional no Rio Negro, na qual as pessoas se unem numa solidariedade rotativa, participando coletivamente dos trabalhos de uma comunidade ou família de cada vez para, por exemplo, limpar um terreno ou prepará-lo para a roça, construir casas, dentre outros.

Aturá: cesto cargueiro confeccionado com cipó, utilizado para carregar mandioca e outros produtos agrícolas. Nele prende-se uma corda feita com casca de envira (espécie de árvore), que é colocada na testa para que o aturá possa ser carregado.

Arumã: é uma planta nativa amazônica, presente principalmente em áreas semialagadas. Seus caules cilíndricos, retos e lisos suportam o corte de talas milimétricas e também o tingimento com pigmentos naturais, por isso é tradicionalmente usada no Rio Negro para a confecção de cestarias.

Beiju: espécie de pão redondo e achatado, feito com massa de mandioca ou goma assada no tacho, de que há diversas variedades.

Biribá: fruta nativa da família das *Anonáceas* (como a fruta do conde e atemoia).

Cacuri: armadilha de pesca tradicional, confeccionada com talas de palmeira paxiúba. Geralmente é instalado em locais com corredeiras.

Cariamã: conjunto de práticas rituais do povo Baré que marca a passagem das meninas e meninos para a fase adulta.

Caribé: espécie de mingau feito com farinha d'água bem fininha.

Caxiri: bebida fermentada à base de mandioca, preparada e consumida em todo o Médio e Alto rio Negro. Outros tubérculos e frutas também podem ser misturados ao preparado, resultando em diversos tipos de caxiri.

Chavascal: um dos ecossistemas do Rio Negro, são áreas com vegetação baixa, raízes finas e entrelaçadas, cujo solo permanece alagado durante o ano todo.

Chibé: preparado de água com farinha, é o jeito comum das pessoas se hidratarem em todo o curso do Médio e Alto rio Negro. Oferecer um chibé a uma visita é também uma prática de hospitalidade na região.

Curadá: um tipo de beiju preparado com goma de tapioca.

Cunuri: espécie de fruta nativa.

Dabucuri: cerimônia de oferecimento e marcação dos ciclos e épocas do calendário ecológico-econômico. Faz-se a cerimônia ofertando frutas, cestaria, peixe, caça para outra comunidade ou grupo e é esperado que o grupo que recebeu organize nova cerimônia em retribuição, ofertando outro tipo de produto. Durante o dabucuri são realizados as danças e cantos com utilização de vários tipos de instrumentos de sopro.

Jacamim: espécie de ave nativa.

Japurutu: instrumento de sopro feito com casca de palmeira, tocado em par nas festas e cerimônias de cantos e danças.

Jurupari: flautas utilizadas na cerimônia de iniciação dos meninos, confeccionadas com casca da palmeira paxiúba. Sua visão é vedada às mulheres e meninas. Alvo da repressão praticada pelos missionários que atuaram no Rio Negro, hoje em dia são poucos os povos e comunidades da região que ainda realizam a cerimônia de jurupari.

Mapinguari: ser encantado que habita as florestas da região. O encontro com um mapinguari na floresta é uma experiência perigosa.

Manissoba ou manissova: ensopado de folhas de maniva, acompanhado de peixe ou outras carnes. Para a preparação da manissoba, as folhas da maniva passam por um longo processo de cozimento, até que todo o ácido cianídrico, substância venenosa presente na mandioca brava tenha evaporado.

Maniquera ou mariquera: bebida muito apreciada em todo o Rio Negro, é preparada a partir do líquido que se extrai no ato de espremer a massa de mandioca no tipiti para fazer farinha e outros alimentos. O líquido é fervido por muitas horas até que todo o ácido cianídrico tenha sido evaporado. O que sobra é um líquido espesso e bastante doce.

Matapi: armadilha de pesca confeccionada com talas de palmeira paxiúba em formato de funil, mas fechado no lado mais estreito. Instala-se entre pedras de corredeiras.

Majuba ou manjuba: ataque de seres encantados que vivem nos rios da região. Esses ataques causam doenças, feridas, dores no corpo e vários outros problemas de saúde.

Molongó: espécie de árvore nativa de tronco fino e alto, cuja madeira é extremamente leve e macia. Com o molongó se confeccionam diversos objetos, como o banco cerimonial tukano.

Maniwara: espécie de formiga bastante apreciada na culinária local.

Nheengatu: também conhecida como língua geral amazônica ou tupi moderno, é uma língua derivada do tronco tupi. Foi levada para o Rio Negro pelos missionários jesuítas e carmelitas entre os séculos XVII e XVIII e rapidamente se espalhou, substituindo outros idiomas nativos, especialmente na região do Médio Rio Negro, como o próprio baré.

Piaçaba ou piaçava: espécie de palmeira nativa cujas fibras, extremamente resistentes, são usadas na fabricação de vassouras, artesanato e coberturas de casas. Foi e ainda é um recurso muito explorado na região do Médio Rio Negro e sua extração costuma envolver condições degradantes de trabalho e relações de exploração por parte de "patrões" que controlam os piaçabais.

Paineiro ou paneiro: espécie de cesto de vime com asas utilizado para transporte.

Patauá: fruto de palmeira, da mesma família do açaí.

Pira: doenças e infecções de pele que causam escaras e feridas, como a sarna.

Saúba: espécie de formiga saúva, muito apreciada na culinária regional.

Taiaçu: ave que vive em áreas alagadas.

Tapira: anta (animal mamífero) em nheengatu.

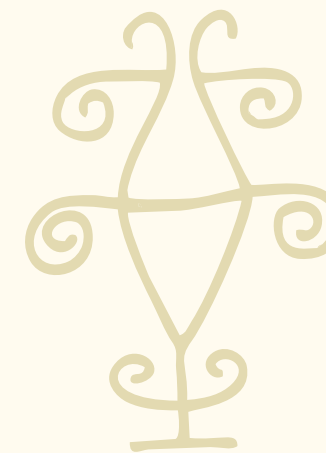
Tarrafa: rede de pesca industrializada, bastante utilizada hoje nas pescarias no Médio Rio Negro.

Tipiti: utensílio feito de fibra vegetal, utilizado para espremer a massa de mandioca com a qual é feita a farinha, o beiju e outros alimentos essenciais na dieta rionegrina.

Tucum: espécie de palmeira que cresce formando touceiras densas. Suas folhas fornecem uma fibra muito forte, utilizada na tecelagem e na confecção de artesanato.

Tucupi: muito apreciado na culinária rionegrina, é um caldo extraído da raiz da mandioca brava ao ser ralada e espremida no tipiti. Depois de extraído, o caldo "descansa" para que o amido (goma) se separe do líquido (tucupi). Inicialmente venenoso devido à presença do ácido cianídrico, o líquido é cozido para eliminar o veneno e passa por um processo de fermentação por alguns dias. Depois disso está pronto para ser usado em pratos variados.

Vinho: o que se chama de vinho no Rio Negro são as bebidas não fermentadas extraídas a partir de frutos de palmeiras como o açaí, patauá, bacaba, buriti, pupunha e outras.



SIGLÁRIO

ACIBRN - Associação das Comunidades Indígenas do Baixo Rio Negro.

ACIMRN - Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro.

ACIR - Associação das Comunidades Indígenas e Ribeirinhas do Baixo Rio Negro.

Acirpp - Associação das Comunidades Indígenas dos Rios Preto e Paduari.

Aibad - Associação Indígena de Base Acará e Demini.

Asiba - Associação Indígena de Barcelos.

Aima - Agente Indígena de Manejo Ambiental.

CAIMBRN - Coordenadoria das Associações Indígenas do Médio e Baixo Rio Negro.

DSEI - Distrito Sanitário Especial Indígena.

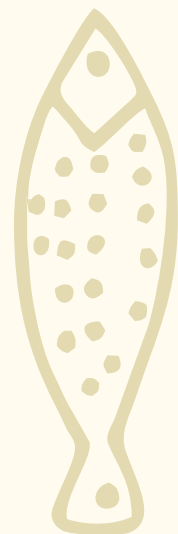
FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.

Funai - Fundação Nacional do Índio (atual Funapi-Fundação Nacional dos Povos Indígenas).

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

ISA - Instituto Socioambiental.

Ufam - Universidade Federal do Amazonas.



Jovens do projeto e formadoras do Museu da Pessoa posando pra foto com uma das anciãs entrevistadas.



FICHA TÉCNICA

MUSEU DA PESSOA

Associados Ana Wilhelm | Carla Nóbrega | Carlos Seabra | Carolina Misorelli | Celia Picon | Cláudia Leonor | Daniela de Rogatis | Elza Lobo | Fernando Von Oertzen | Heloísa Nogueira | Immaculada Prieto | Iris Kantor | José Matos | José Mauger | Karen Worcman | Luiz Egypto | Marcia Trezza | Maria Francisca Passos | Mauro Malin | Roberto da Silva | Rosali Nunes | Rosana Miziara | Sandra Sinicco | Sergio Ajzenberg (*in memoriam*) | Sonia London | Silvia Carvalho | Zilda Kessel

Conselho consultivo Alberto Dines (*in memoriam*) | Celia Picon | Danilo Miranda | Eliezer Batista (*in memoriam*) | Lisandra Alves | Octavio Barros | Paul Thompson | Paulo Nassar | Roberto da Silva | Tom Gillespie | Wellington Nogueira

Conselho de gestão Beatriz Azeredo | Carla Nóbrega | Gustavo Gonzaga | Tiago Lara

Conselho fiscal José Mauger | Leandro Salatti | Maria Francisca Passos

Comitê de compliance Cynara Reinert | José Mauger | Luiz Egypto | Maria Francisca Passos

Conselho diretor Karen Worcman

Diretor executivo Marcos Terra

Relações institucionais e governamentais Rosana Miziara

Museologia Lucas Lara | Felipe Rocha | Renata Pante | Beatriz Alves | Davi Moyano | Leonardo S. Sousa | Lupity Rossetto | Teresa Carvalho | Natália Santiago

Colaboração Marcela Lanza Tripoli | Marcia Trezza | Sônia Helena London | Sofia Tapajós | Jonas Samaúma | Aline Scolfaro | Angela Rangel | Edizamar Serrano

Museu digital Odilon Gonçalves | Isadora Catem Santos | Carolina Andrade | Erik Allan Araújo | Leandro Almeida | Thiago Magalhães

Gestão e operação Ricardo Vilardi | Allan Russo Fava | Anna Russier | Dalci Alves da Silva | Erika Viana Santos | Eduardo Valente | Renato Herzog | Lucas Torigoe | Ane Alves

PROJETO MEMÓRIA, TERRITÓRIO E PATRIMÔNIOS IMATERIAIS DO RIO NEGRO / PUBLICAÇÃO UM RIO DE RAÍZES E MEMÓRIAS

Direção e concepção
Marcos Terra e Karen Worcman

Relações institucionais e governamentais
Rosana Miziara

Coordenação do Programa Vidas Indígenas e Patrimônio Imaterial
Marcia Trezza

Articulação de territórios
Jonas Samaúma

Coordenação do projeto
Aline Scolfaro

Formação
Diana Freixo
Sandra Lessa

Organização e produção de texto
Sandra Lessa e Aline Scolfaro

Realização e registro das entrevistas – seleção e edição das histórias
Guardiões da Memória: Adriele Costa da Silva Tukano | Efrain Bernardo Pedro Kuripako | Eliton Sabino Pancrácio Baré | Everaldo da Silva Joanico Baniwa | Juscelino Joaquim Gregório Baniwa | Marcos Zedan Catarini Baré | Marlison Crecêncio Severino Tukano | Shayra da Cruz Rodrigues Baré | Rogério Xavier Emitério Baniwa | Cleucimara Menezes Leal Baré | Ademar Idalino Baré | Edinéia Ventura Cipriano Baré | Sayane da Silva Chagas Baré | Luciano Melgueiro Xavier Baniwa

Colaboração
Carlos Alberto T. Nery Piratapua (articulador local do projeto e coordenador da CAIMBRN)
Rariton H. de Souza Baré (apoio local para disseminação, comunicador da Rede Wayuri)

Imagens
Guardiões da Memória

Foto de capa e seleção de imagens
Diana Freixo

Mapa
Renata Alves

Revisão de texto
Sílvia Balderama Nara

Design Gráfico
Ray Baniwa
Diana Freixo

Transcrição das entrevistas
Selma Gomes

Tradução do nheengatu
Francy Baniwa



"Estamos juntos e juntos somos mais fortes, pra manter viva a esperança de que a nossa história e a riqueza cultural dos povos indígenas do Rio Negro continuará e se manterão sempre vivas em nossas mentes e em nosso modo de viver."

Carlos Alberto Teixeira Nery - povo Piratapuaia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Um rio de raízes e memórias : o sistema agrícola tradicional do Rio Negro e suas histórias de vida / organização Aline Scolfaro, Sandra Lessa. -- 1. ed. -- São Paulo : Museu da Pessoa, 2023.

ISBN 978-85-60505-59-3

1. Agricultura - Aspectos socioeconômicos
2. Histórias de vida 3. Memórias 4. Patrimônio imaterial - Brasil 5. Povos indígenas 6. Povos indígenas - Brasil - Usos e costumes 7. Rio Negro (Amazonas, Brasil) I. Scolfaro, Aline. II. Lessa, Sandra.

23-150576

CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias : Coletâneas : Histórias de vida 920

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Um rio de raízes e memórias apresenta histórias de vida de indígenas de diversos povos moradores da região do Médio Rio Negro/AM. As histórias contam sobre modos de ser e se relacionar com o mundo que nutrem o solo onde cresce e frutifica o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, reconhecido pelo IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e registrado em nome dos 23 povos indígenas do Rio Negro. O livro registra também a experiência da formação realizada pelo Instituto Museu da Pessoa com jovens dessa região pertencentes aos povos Baré, Baniwa, Tukano e Kuripako. As histórias aqui apresentadas foram registradas por esses jovens, junto a seus avôs, avós, mães, pais, tios e outros parentes: são pessoas que estabelecem laços de parentesco profundos com o rio e cujas mãos carregam conhecimentos ancestrais de benzimentos, partos, beijos, tipitis e aturás; mãos que manejam a mata há milênios e garantem com esse gesto a manutenção e a diversidade da floresta amazônica.

